

Gabriel Valentim

***IN PERSONA CHRISTI: UMA PROPOSTA DE ITINERÁRIO  
FORMATIVO PARA OS NOVOS PRESBÍTEROS***

Trabalho de Conclusão de Curso  
submetido ao Curso de Teologia da  
Faculdade Católica de Santa Catarina  
para a obtenção do Grau de Bacharel  
em Teologia.

Orientador: Prof. Dr. Valter Mauricio  
Goedert

Florianópolis  
2022

Ficha de identificação da obra elaborada com o auxílio da  
Biblioteca Dom Afonso Niehues da FACASC

Valentim, Gabriel

In Persona Christi: uma proposta de itinerário  
formativo para os novos presbíteros / Gabriel Valentim;  
Orientador: Valter Maurício Goedert; Florianópolis, SC,  
2022.

104 p.

TCC (Graduação - Teologia) - Faculdade Católica de  
Santa Catarina.

Inclui referências:

1. In Persona Christi
2. Eucaristia
3. Sacerdócio
4. Formação. II. Título.

Gabriel Valentim

***IN PERSONA CHRISTI: UMA PROPOSTA DE ITINERÁRIO  
FORMATIVO PARA OS NOVOS PRESBÍTEROS***

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do título de **Bacharel em Teologia** e aprovado em sua forma final pelo Curso de Teologia da FACASC.

Florianópolis, XX de mês de 20XX.

---

Prof. Dr. Rafael Alex de Lima  
Coordenador do Curso

**Banca Examinadora:**

---

Prof. Dr. Valter Mauricio Goedert  
Faculdade Católica de Santa Catarina  
Orientador

---

Prof. Dr. Nome Completo do Professor  
Nome da instituição proveniente  
Avaliador

---

Prof. Dr. Nome Completo do Professor  
Nome da instituição proveniente  
Avaliador



Dedico este trabalho, primeiro a Deus, causa e princípio de tudo. Também às minhas duas famílias, a de sangue e a que escolhemos, os amigos. E àqueles que se lançam sincera e corajosamente no itinerário formativo.



## AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, por proporcionar estes momentos únicos e desafiadores. À minha família por estar comigo desinteressadamente; à Diocese de Joinville por confiar em mim e me acompanhar. Aos formadores e professores por mostrar os caminhos desejados por Deus. Aos meus irmãos seminaristas que me suportaram desmedidamente e se fizeram como verdadeiros instrumentos de Deus.



Deus é a maior riqueza que os homens desejam encontrar em um sacerdote.

(Bento XVI)



## RESUMO

O presente trabalho tem por tema *In persona Christi*: um itinerário para a formação dos novos presbíteros. O objetivo geral da pesquisa será fundamentar a formação presbiteral a partir do axioma *in persona Christi*. No primeiro capítulo, passar-se-á pela instituição da Eucaristia e do Sacerdócio e sua íntima relação de dependência com a perspectiva do Novo Testamento e do Concílio de Trento, seguido da visão do Concílio Vaticano II e do Magistério recente. No segundo capítulo, fundamentar-se-á o axioma inserindo-o na integralidade da vida eclesial e presbiteral, reforçado nos Magistérios anterior ao Vaticano II e recente. No terceiro capítulo, apresentar-se-á o axioma como linha mestra, a partir das dimensões formativas, para a formação dos novos presbíteros. Usar-se-á de metodologia bibliográfica, utilizando-se de documentos pontifícios sobre os assuntos, principalmente a *Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis*, *Ecclesia de Eucharistia* e *Pastores Dabo Vobis*.

**Palavras-chave:** In persona Christi. Eucaristia. Sacerdócio. Formação.



## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AG – *Ad Gentes*  
CDC – Código de Direito Canônico  
CIC – Catecismo da Igreja Católica  
CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil  
DAp – Documento de Aparecida  
DC – *Dominicae Cenaе*  
DCE – *Deus Caritas Est*  
EE – *Ecclesia de Eucharistia*  
GeE – *Gaudete et Exultate*  
GS – *Gaudium et Spes*  
LG – *Lumen Gentium*  
MD – *Mediator Dei*  
OT – *Optatam Totius*  
PDV – *Pastores Dabo Vobis*  
PO – *Presbyterorum Ordinis*  
RFIS – *Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis*  
SC – *Sacrossanctum Concilium*  
SCar – *Sacramentum Caritatis*



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	17
<b>1 EUCARISTIA E SACERDÓCIO</b> .....	21
1.1 EUCARISTIA, VIDA DE CRISTO E DA IGREJA: a perspectiva do Novo Testamento e do Magistério da Igreja .....	21
1.1.1 Eucaristia no Novo Testamento e no Concílio de Trento: origem e memória.....	22
1.1.2 Eucaristia no Concílio Ecumênico Vaticano II e no atual Magistério: ápice e sustento.....	25
1.1.3 Eucaristia nos atuais documentos direcionados à Formação Presbiteral: centro do itinerário.....	28
1.2 RELAÇÃO ENTRE EUCARISTIA E SACERDÓCIO: vínculo e exemplo .....	29
1.2.1 Vínculo de existência e dependência: entrega e permanência	30
1.2.2 Eucaristia e Caridade Pastoral: uma entrega singular .....	32
1.2.3 O exemplo de São João Maria Vianney: um caminho já percorrido .....	34
1.3 IDENTIDADE SACERDOTAL, PONTÍFICE ENTRE DEUS E O HOMEM .....	36
1.3.1 Identidade Sacerdotal: associados a Cristo, Cabeça da Igreja .....	36
1.3.2 Homens configurados a Cristo: pontífices do amor-salvífico.	39
1.3.3 A identidade sacerdotal no Rito de Ordenação Presbiteral: chamado a colaborar.....	41
<b>2 FUNDAMENTOS DO AXIOMA IN PERSONA CHRISTI.</b>	45
2.1 Contexto .....	45
2.1.1 O axioma antes do Concílio Vaticano II: uma transmissão....	46
2.1.2 O axioma no Concílio Vaticano II e na reflexão atual: múnus para santificar.....	49
2.1.3 A dinâmica do sacerdócio hierárquico com o sacerdócio comum dos fiéis: atitude que confirma a apostolicidade .....	51
2.2 Ação Litúrgica <i>in persona Christi</i> .....	54
2.2.1 <i>Ars Celebrandi</i> : um chamado à consciência celebrativa.....	55
2.2.2 <i>Ars Praesidendi</i> : o Cristo que preside .....	57
2.2.3 <i>Ars vivendi</i> : a consciência presidencial na vida do presbítero	60
2.3 Ação sacerdotal <i>in persona Christi</i> .....	62
2.3.1 Agir como Cristo: configuração aos seus sentimentos .....	63

<b>2.3.2 A Dimensão caritativa sacerdotal: a Eucaristia como fonte da caridade.....</b>	<b>65</b>
<b>2.3.3 A caridade litúrgica: um caminho para a unidade .....</b>	<b>66</b>
<b>3. FUNDAMENTOS PARA A FORMAÇÃO PRESBITERAL A PARTIR DO AXIOMA <i>IN PERSONA CHRISTI</i> .....</b>	<b>69</b>
3.1 O Homem presbítero.....	70
<b>3.1.1 Configuração a partir de dentro: processo de discernimento</b>	<b>70</b>
<b>3.1.2 Conhecimento de si: a direção espiritual no processo formativo .....</b>	<b>73</b>
<b>3.1.3 O fruto de um processo: uma resposta total .....</b>	<b>76</b>
3.2 O processo de formação como configuração .....	78
<b>3.2.1 Itinerário de vida: as dimensões da formação .....</b>	<b>79</b>
<b>3.2.2 Formação e Liturgia: à guisa de um caminho seguro.....</b>	<b>82</b>
<b>3.2.3 Configurados a Cristo: as dimensões formativas à luz da espiritualidade litúrgica.....</b>	<b>84</b>
3.3 <i>In persona Christi</i> , linha mestra para um itinerário .....	86
<b>3.3.1 Uma harmonia: espiritualidade, liturgia e formação.....</b>	<b>87</b>
<b>3.3.2 Uma proposta: a formação à luz do axioma litúrgico <i>in persona Christi</i> .....</b>	<b>89</b>
<b>3.3.3 Um caminho: revelar o rosto de Cristo Sacerdote .....</b>	<b>91</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>99</b>

## INTRODUÇÃO

Tendo em vista a formação dos novos presbíteros, a Igreja se preocupa em elaborar um itinerário que leve em consideração toda a personalidade daquele que é inserido no processo. Neste sentido, as dimensões formativas visam formar o homem sacerdote, a fim de que ele, pela graça da ordenação, possa agir autenticamente *in persona Christi*.

Este axioma se fundamenta originariamente no âmbito litúrgico, dado que se refere ao sacerdote presidente quando está exercendo sua função na celebração. No entanto, pode-se entender este *agir na pessoa de Cristo* para além da esfera litúrgica, como sendo um projeto de vida para aqueles que almejam o sacerdócio.

Para tanto, faz-se necessário sublinhar que a Eucaristia é o fundamento da vida eclesial, pois é o sacramento da entrega de Cristo. A Eucaristia, na perspectiva do Novo Testamento e nos primeiros anos da Igreja, foi a grande celebração que identificava os cristãos. Assim, a Igreja sempre entendeu que a Eucaristia era o centro, no qual todos os apóstolos eclesiais se apoiavam e tinham seu fundamento.

O Concílio de Trento tem o mérito de sistematizar esta fé eucarística dando todas as bases necessárias para responder às acusações protestantes. O mais recente Concílio e o atual Magistério, na mesma perspectiva e na continuidade de Trento, fazem questão de salientar a centralidade que a Eucaristia tem, e deve ter, na vida pastoral da Igreja. Não é possível pensar a Igreja sem a Eucaristia, do mesmo modo como é impensável a Eucaristia sem a Igreja.

Como centro da vida eclesial, a Eucaristia é também a centralidade da vida presbiteral. Assim o reforçam os documentos a respeito da formação quando colocam como característica insubstituível do sacerdote uma real devoção a Cristo na Eucaristia. Essa devoção deve ser expressa pelo zelo com o qual se preside à Santa Missa.

Ver-se-á que existe uma íntima ligação entre o sacramento da Eucaristia e o sacramento da Ordem. Ambos foram deixados por Cristo simultaneamente, visto que ao instituir a Eucaristia como sacramento de amor, deixa-a ao cargo dos apóstolos, dos quais os sacerdotes recebem a sucessão. Como resultado dessa íntima relação, a caridade pastoral é o que tem de mais importante na vida e na missão do sacerdote. Um exemplo de vida sacerdotal centrada na Eucaristia é a de São João Maria Vianney, que soube configurar sua vida a Cristo Sacerdote, tornando-se o grande padroeiro dos sacerdotes.

A configuração a Cristo Sacerdote é o objetivo da vida presbiteral, por isso, o presbítero se torna um ministro entre os homens e Cristo nas

coisas que se referem a Deus. Para tanto, há de desenvolver em si uma identidade que seja cada vez mais parecida com a de Jesus, configurando-se como que ministro do amor que salva. Esse desejo da Igreja é expresso de maneira única no Rito de Ordenação de Presbíteros. Nele, o presbítero é apresentado como um cooperador da Ordem Episcopal, a fim de pregar a Palavra e oferecer as ofertas do povo a Deus.

Entendendo esta dinâmica entre a Eucaristia e o Sacerdócio e a sua expressão mais importante na celebração da Eucaristia, em um passo seguinte, é fundamentar o axioma litúrgico *in persona Christi*. Este axioma, primariamente litúrgico, expressa-se na atitude presidencial do presbítero. Ao presidir a Eucaristia, ele é assumido por Cristo e passa a agir de modo que as mãos do padre são as de Jesus, único e eterno Sacerdote.

A partir do momento em que esse dado foi entendido pela Igreja, começou a ser estudado e fundamentado. Biblicamente, esse axioma não é evidente, porém o Magistério o desenvolveu, tornando-o característica fundamental no ato de celebrar do presbítero. No período anterior ao Concílio Vaticano II houve um grande esforço para esclarecer o que está subentendido quando se afirma que, na presidência eucarística, o presbítero age *in persona Christi*. Após o referido concílio, a reflexão magisterial sobre o axioma não diversificou muito, apenas foi dada uma interpretação mais espiritual daquilo que já era claro.

Na dinâmica da presidência eucarística, o presbítero se dirige a uma comunidade de sacerdotes. Graças ao Batismo, todo o povo faz parte do sacerdócio de Cristo, especificado como comum dos fiéis. O presbítero é também sacerdote pelo Batismo, no entanto, pelo Sacramento da Ordem, ele recebe um sacerdócio diferente, ministerial. Por isso, é chamado a servir a comunidade pelo seu ministério, de maneira mais específica nas ações litúrgicas.

Por isso, ao agir liturgicamente *in persona Christi*, o sacerdote presidente precisa ter consciência da maneira como preside. A *Ars Celebrandi* ajuda o presbítero a desenvolver um respeito pelas rubricas litúrgicas dando o peso que elas devem ter, sem exageros nem laxismos. Assim, entende que quem preside é o próprio Cristo, por isso a *Ars Praesidendi* manifesta a sua pertença ao Sumo e Eterno Sacerdote. Por fim, esforçando-se para fazer bem todas estas coisas, a *Ars Vivendi* sacerdotal se manifesta na caridade litúrgica, ou seja, favorecendo a todos o bom exercício de seu sacerdócio.

Após esta explanação, pode-se perceber que é preciso dar um passo no processo formativo dos novos presbíteros. O axioma litúrgico pode ser uma linha mestra capaz de orientar os formadores e seminaristas em um

caminho de configuração a Cristo, Sumo e Eterno Sacerdote, o verdadeiro presidente das ações litúrgicas, a fonte dos ministérios.

Com tudo isso como ideal, a Igreja reconhece que os candidatos às ordens sagradas precisam ser formados em sua totalidade, afinal de contas é o homem todo que é ordenado. A formação visa à configuração, e esta como uma realidade a partir de dentro do coração. Um primeiro passo neste caminho é o discernimento vocacional, que deve ser incentivado e acompanhado. Após o período posterior à entrada no seminário, visando uma resposta radical, o candidato é incentivado a fazer um acompanhamento espiritual. Este, tem como fim uma madura resposta e adesão, bem como a relação íntima com Jesus.

Para balizar esse caminho, a Igreja propõe dimensões formativas, que nada mais são do que áreas da vida que devem ser iluminadas pelo Evangelho e pela pessoa de Jesus Cristo. Torna-se, portanto, um itinerário de vida. Entre os elementos fundamentais da formação está a Liturgia, um caminho seguro para o crescimento espiritual dos candidatos à Ordenação.

Enfim, usando-se do axioma litúrgico *in persona Christi* como um dos elementos mais específicos da vida sacerdotal, é possível iluminar todas as dimensões da vida formativa pela espiritualidade litúrgica. A celebração da Eucaristia, centro e vértice da vida presbiteral, deve ser a fonte da qual a resposta indivisa desejada pela formação recebe a mais límpida água.



## 1 EUCARISTIA E SACERDÓCIO

Durante a história da Igreja, inúmeras foram as elocubrações teológicas sobre a origem e manutenção da Eucaristia e do Sacerdócio<sup>1</sup>. Algo que é visível em todas elas, é a certeza de uma mesma origem, tanto naquele que a deu quanto no momento histórico em que foi realizada. A origem está na Última Ceia em que Jesus Cristo instituiu a Eucaristia e, consequentemente, o Sacerdócio ministerial.<sup>2</sup>

A Igreja se preocupou em deixar claro qual é o sentido de celebrar a Eucaristia e de desenvolver uma teologia sobre o Sacramento da Ordem. O sentido está no que foi referido acima: o fato de serem obras de Cristo realizadas no Cenáculo na Quinta-feira Santa, quando Cristo deu início ao seu ministério e, com ele, à Eucaristia e ao Sacerdócio.<sup>3</sup> Por essa original ligação, os concílios e documentos que dissertaram sobre esses assuntos ao longo da história atribuem uma interdependência destes sacramentos deixados por Cristo simultaneamente.

### 1.1 EUCARISTIA, VIDA DE CRISTO E DA IGREJA: a perspectiva do Novo Testamento e do Magistério da Igreja

Dentro da dimensão teológica tudo o que deve ser refletido no âmbito racional deve partir do dado revelado. Não diferente quando se trata da Eucaristia. Nos Evangelhos e nas cartas de Paulo aparecem o nome do que hoje é entendido por Eucaristia como sendo “fração do pão”, “ceia do Senhor”. No entanto, trata-se de um mesmo momento, aquele em que Jesus está com seus discípulos para a Ceia pascal, na véspera de sua morte e com o mandato de fazer estas coisas em sua memória.<sup>4</sup>

Com bases neotestamentárias, a Igreja reuniu inúmeros concílios para refletir sobre o sacramento da Eucaristia. As grandes conferências que refletiram sobre ela foram o Concílio de Trento (1545-1563) e o

---

<sup>1</sup> Nesta pesquisa serão usados indistintamente os termos *sacerdócio*, *sacerdote*, *sacerdote ministerial* ou *hierárquico*, *presbítero*. Sabendo-se, no entanto, que há especificidades em cada uma, e certa preferência no uso de algumas em detrimento de outras. A opção por isso se dá ao fato de não se cair em uma repetição de termos, bem como por que nos próprios documentos conciliares e pontifícios não há uma distinção conceitual que dificultasse o seu uso.

<sup>2</sup> JOÃO PAULO II. **Sacerdócio e eucaristia**: mensagens doutrinárias de João Paulo II. Petrópolis: Vozes, 1993. p. 28.

<sup>3</sup> JOÃO PAULO II, 1993, p. 28.

<sup>4</sup> GOPEGUI, Juan A. R. de. **Eukharistia**: verdade e caminho da Igreja. São Paulo: Loyola, 2008. p. 61.

Concílio Vaticano II (1962-1965), dando à Igreja uma forte tendência a recolocar no centro da vida pastoral e missionária o Cristo Eucarístico, com seu sustento e impulso.

### 1.1.1 Eucaristia no Novo Testamento e no Concílio de Trento: origem e memória

O Novo Testamento apresenta algumas versões da narração da instituição deste sacramento que é o ápice e fundamento da vida cristã.<sup>5</sup> João, no capítulo 6 narra a promessa de Jesus aos seus discípulos de que daria o pão descido do céu que saciaria toda a fome. Nesta mesma passagem afirma, respondendo ao pedido da multidão, ser ele mesmo o pão que desce do céu com o objetivo de dar a vida ao mundo.

Eu sou o pão da vida. Quem vem a mim, nunca terá fome, e o que crê em mim nunca mais terá sede. [...] Eu sou o pão descido do céu. Quem comer deste pão viverá para sempre. O Pão que eu darei é a minha carne para a vida do mundo.<sup>6</sup>

Nos sinóticos vê-se o relato da instituição de maneira mais condensada, correspondendo ao capítulo 26 de Mateus, ao 14 de Marcos e ao 22 de Lucas. Contudo, o texto próprio da liturgia eucarística não está nos Evangelhos, mas na Segunda Carta de São Paulo aos Coríntios. No relato, Paulo explica à comunidade que aquilo que celebram saiu propriamente da boca do Senhor, e não de si mesmo. Assim afirma Paulo:

Com efeito, eu mesmo recebi do Senhor o que vos transmiti: na noite em que foi entregue, o Senhor Jesus tomou o pão e, depois de dar graças, partiu-o e disse: “Isto é o meu corpo, que é para vós; fazei isto em memória de mim.” Do mesmo modo, após a ceia, também tomou o cálice dizendo: “Este cálice é a nova Aliança em meu sangue; todas as vezes que dele beberdes, fazei-o em memória de mim”.<sup>7</sup>

---

<sup>5</sup> GOEDERT, Valter M. **Eucaristia**: pão para a vida do mundo. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2004. p. 9.

<sup>6</sup> BÍBLIA de Jerusalém. 8. ed. São Paulo: Paulus, 2012; Jo 6, 35b;51.

<sup>7</sup> 2Cor 11, 23-25.

Quando Paulo escreve à comunidade de Corinto está esclarecendo que a Eucaristia, a Ceia, que estavam celebrando não correspondia com a aquela deixada por Cristo. Havia, portanto, uma dificuldade de interpretação daquela comunidade a respeito da Eucaristia. Paulo apresenta uma relação normativa daquele evento da vida de Cristo com a celebração eucarística. Com isso, quer afirmar que a Igreja obedece ao Senhor quando celebra fielmente a Eucaristia e, por ela, passa a agir de acordo com a ação de Jesus.<sup>8</sup>

No relato da Paixão de Jesus está inserido um dos grandes momentos da Igreja nascente, o sinal físico de que ele não deixaria seus discípulos “órfãos”. Este sinal de presença permanente é a Eucaristia. Toda aquela preparação e execução estão postos para ser uma superação do sacerdócio levítico, mostrando que o ministério deixado por Cristo é diferente daquele que se tinha até então.<sup>9</sup>

É possível perceber que se trata de algo fundamental, quando há uma preocupação exaustiva dos discípulos ao prepararem a Ceia derradeira. Para eles poderia ser mais uma Ceia, talvez houvesse um clima de despedida, mas eles ainda não compreendiam plenamente o que estava acontecendo. Jesus os chama para se sentarem com ele, e neste espaço comem a ceia.

Os relatos bíblicos são precisos ao mostrarem a preparação para este momento. Assim expõe Lucas:

Veio o dia dos Ázimos, quando devia ser imolada a páscoa. Jesus então enviou Pedro e João, dizendo “Ide preparar-nos a páscoa para comermos”. Perguntaram-lhe: “Onde queres que a preparemos?” Respondeu-lhes: “Logo que entrardes na cidade, encontrareis um homem levando uma bilha de água. Segui-o até à casa em que ele entrar. Direis ao dono da casa: ‘O Mestre te pergunta: onde está a sala em que comerei a páscoa com os meus discípulos?’ E ele vos mostrará, no andar superior, uma grande sala, provida de almofadas; preparai ali”.<sup>10</sup>

---

<sup>8</sup> COPEGUI, 2008, p. 63.

<sup>9</sup> DENZINGER, Heinrich. **Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral**. São Paulo: Paulinas; Loyola, 2007. p. 446.

<sup>10</sup> Lc 22, 7-13.

Seguindo esta tradição neotestamentária a Igreja, para responder aos ataques protestantes, reúne-se para um Concílio. Neste, estabelece o conjunto mais notável de elementos fundamentais para a doutrina sobre a Santíssima Eucaristia, bem como o comportamento dos fiéis diante dela.<sup>11</sup> O Concílio de Trento é, portanto, o espaço inicial para uma reflexão mais basilar sobre este sacramento fundamental para a fé católica.

O referido Concílio, usando-se de elementos do Antigo e Novo Testamentos, explicita a passagem do sacerdócio antigo, o Levítico, para o novo e único sacerdócio, o de Jesus Cristo. Por desígnio de Deus surge este novo sacerdote, segundo a ordem de Melquisedeque<sup>12</sup> a fim de levar à consumação todos os chamados à santidade. A Santa Eucaristia surge, portanto, como um sinal desse novo sacerdócio iniciado e consumado em Cristo para a redenção eterna. Jesus quis selar com os seus amigos<sup>13</sup> este grande pacto de amor, por isso,

[...] na última ceia, “na noite em que foi entregue” [1Cor 11,23], para deixar à sua diletta esposa, a Igreja, um sacrifício visível [...], pelo qual fosse tornado presente aquele sacrifício cruento que se havia de realizar uma vez <por todas> na cruz e seu memorial permanecesse até o fim dos séculos e seu poder salutar fosse aplicado para a remissão dos pecados [...] ofereceu a Deus Pai seu corpo e sangue sob as espécies do pão e do vinho e, sob os sinais destes, os transmitiu [...] aos Apóstolos [...] e, com as palavras: “Fazei isto em meu memorial” [Lc 22,19; 1Cor11,24] etc., ordenou a eles e a seus sucessores no sacerdócio que os oferecessem [...].<sup>14</sup>

Em suma, esse Concílio deixou claro a sublime superação ocorrida por Cristo do sacerdócio levítico assumindo impreterivelmente as vezes do sacerdócio da Nova Aliança. Jesus celebrou com os seus a antiga Páscoa, rememorando a libertação do Egito, a fim de instituir uma nova Páscoa. Nesta, a Igreja, por meio dos sacerdotes, imola o único e verdadeiro sacrifício, de modo incruento, em memória da passagem de

---

<sup>11</sup> ARINZE, Francis. **Reflexões sobre o sacerdócio**: carta a um jovem padre. São Paulo: Paulus, 2009. p. 11.

<sup>12</sup> Hb 5,6.

<sup>13</sup> Jo 15,15.

<sup>14</sup> DENZINGER, 2007, p. 446.

Cristo desta vida ao Pai<sup>15</sup>. Neste contexto que Jesus deixa o memorial de sua Paixão, pedindo aos seus Discípulos, sacerdotes da Nova Aliança<sup>16</sup>, que celebrassem essa Páscoa em sua comemoração até que ele voltasse<sup>17</sup>.

### 1.1.2 Eucaristia no Concílio Ecumênico Vaticano II e no atual Magistério: ápice e sustento

Para continuar a reflexão sobre a Eucaristia no desejo de se manter sempre fiel ao que Jesus deixou aos seus discípulos, o Concílio Vaticano II e o Magistério posterior debruçaram-se fervorosamente para incutir, em todos os fiéis, o desejo de compreender e viver a Liturgia, e por excelência a Santíssima Eucaristia, como o ponto fulcral para o qual se dirige toda a ação eclesial, e de onde a Igreja haure suas forças<sup>18</sup>. A distinta constituição dogmática sobre a liturgia, *Sacrosanctum Concilium*, trata com bastante clareza qual o papel e o lugar primordial do Mistério Pascal na vida da Igreja afirmando ser o “sacramento de piedade, sinal de unidade, vínculo da caridade, banquete pascal [...]”<sup>19</sup>.

Os textos conciliares que refletem sobre a Eucaristia estão espalhados pelos inúmeros documentos e em todos eles fica claro que este sacramento deixado por Cristo é o centro e a fonte de toda a vida eclesial<sup>20</sup>, não podendo ser deixado de lado ou negligenciado. O sagrado concílio se preocupa em enfatizar a centralidade da Eucaristia quando afirma que nela “[...] está contido todo o bem espiritual da Igreja, isto é, o próprio Cristo, a nossa Páscoa e o pão vivo que dá aos homens a vida mediante a sua carne vivificada e vivificadora pelo Espírito Santo; [...]”<sup>21</sup>.

Os Papas que vieram após o Concílio Vaticano II escreveram sobre Eucaristia com o mesmo teor da centralidade sempre presente na Igreja, em continuidade ao espírito vigente no referido concílio. São João Paulo

<sup>15</sup> DENZINGER, 2007, p. 446.

<sup>16</sup> DENZINGER, 2007, p. 446.

<sup>17</sup> CATECISMO da Igreja Católica. São Paulo: Loyola, 2017. p. 369; CIC 1337.

<sup>18</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, Vaticano. Constituição *Sacrosanctum Concilium*. In: COSTA, Lourenço (Org.). **Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965)**. São Paulo: Paulus, 2011. p. 31-86. p. cit. 39; SC, 10.

<sup>19</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 2011, 53; SC 47.

<sup>20</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, Vaticano. Constituição Dogmática *Lumen Gentium*. In: COSTA, Lourenço (Org.). **Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965)**. São Paulo: Paulus, 2011. p. 101-197. p. cit. 116; LG, 11.

<sup>21</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, Vaticano. Decreto *Presbyterorum Ordinis*. In: COSTA, Lourenço (Org.). **Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965)**. São Paulo: Paulus, 2011. p. 491-538. p. cit. 500-501; PO, 5.

II publicou inúmeras cartas aos sacerdotes por conta das Quintas-feiras Santas durante seu pontificado, com o intuito de provocar nos sacerdotes o amor cada vez maior pela Eucaristia e pelo Sacerdócio. Afirmava ele que “[...] cada um de vós possa ‘reviver o dom de Deus que está em si, pela imposição das mãos’ (cf. 2Tm 1,6) e experimentar, com fervor renovado, a alegria de se ter entregado totalmente a Cristo.”<sup>22</sup>.

Na sua encíclica mais famosa a respeito da Eucaristia o papa polonês afirma que a “Igreja vive da Eucaristia”<sup>23</sup>. Não poderia ser diferente, pois sua origem vem do mistério pascal de Jesus<sup>24</sup> e por ele se mantém, acentuando a Eucaristia como o sacramento por excelência onde se participa do mistério pascal. Para o Pontífice, a Eucaristia é o centro da vida da Igreja<sup>25</sup> e a mantém viva, pois a presença salvífica de Cristo nas espécies do pão e do vinho é o que de mais precioso a Igreja poderia ter<sup>26</sup>.

Quando Jesus deixa a Eucaristia à sua amada esposa, tem em seu coração o desejo de perpetuar o seu gesto na cruz por todos os séculos<sup>27</sup>. O memorial da morte e ressurreição de Jesus é o seu ato decisivo de não abandonar os seus, mas de se manter sempre unido ao seu povo. Por isso pede que todas as vezes que o fizerem o façam em sua memória. O objetivo de “fazer memória” não se limita a algo exclusivamente temporal, mas tem a perspectiva de uma expectativa, e isso fica claro quando a assembleia responde à proclamação “Eis o mistério da fé”, “Vinde, Senhor Jesus”<sup>28</sup>.

Além de São João Paulo II, seu sucessor, Bento XVI, escreveu muito sobre a Eucaristia. Usando o que escrevia Santo Tomás de Aquino, afirma ser a Eucaristia o Sacramento da caridade, pois é a máxima demonstração de doação de si mesmo feita por Jesus<sup>29</sup>. Para o pontífice alemão, na Eucaristia se manifesta o amor por excelência, pois se condensa na atitude de dar a vida pelos amigos. “A fé da Igreja é

<sup>22</sup> JOÃO PAULO II, 1993, p. 14.

<sup>23</sup> ENCÍCLICAS DE SÃO JOÃO PAULO II, 1978-1995, Vaticano. Carta Encíclica *Ecclesia de Eucharistia*. In: COSTA, Lourenço (Org.). **Encíclicas de São João Paulo II (1978-1995)**. São Paulo: Paulus, 2019. p. 1249- 1305. p. cit. 1249; EE, 1.

<sup>24</sup> ENCÍCLICAS DE SÃO JOÃO PAULO II, 2019, p. 1250; EE, 2.

<sup>25</sup> ENCÍCLICAS DE SÃO JOÃO PAULO II, 2019, p. 1250; EE, 3.

<sup>26</sup> ENCÍCLICAS DE SÃO JOÃO PAULO II, 2019, p. 1255; EE, 9.

<sup>27</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 2011, 53; SC 47.

<sup>28</sup> CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. *Missal Romano*. 2. ed. São Paulo: Paulinas; Vozes, 1992. p. 473.

<sup>29</sup> BENTO XVI. *Exortação Apostólica Pós-Sinodal Sacramentum caritatis*. São Paulo: Paulinas, 2007. p. 3; SCar 1.

essencialmente fé eucarística e alimenta-se, de modo particular, à mesa da Eucaristia.”<sup>30</sup>

Para Bento XVI a vida espiritual e eclesial do povo de Deus está intimamente ligada à devoção e o recebimento da Eucaristia, pois “Quanto mais viva for a fé eucarística do povo de Deus, tanto mais profunda será a sua participação na vida eclesial por meio de uma adesão convicta à missão de que Cristo confiou aos seus discípulos<sup>31</sup>”. Percebe-se aqui o desejo do Pontífice de que, aqueles que se dirijam à mesa eucarística não o fazem simplesmente como se vai ao encontro de alguma coisa, mas ao encontro de uma pessoa.<sup>32</sup>

Papa Francisco, por sua vez, salienta constantemente que a Eucaristia é o gesto da fragilidade de um Deus que estende seu amor na atitude do serviço. Assim ele salienta que Cristo, “torna-se frágil como o pão que se parte e se esmigalha.”<sup>33</sup> Em suas catequeses sobre a Santa Missa, o Pontífice argentino faz questão de reforçar que o primeiro altar eucarístico foi a Cruz, e que “[...] quando nos aproximamos do altar para celebrar a Missa, a nossa memória vai ao altar da Cruz, em que se realizou o primeiro sacrifício.”<sup>34</sup>

Em outro momento Papa Francisco, ao celebrar a Solenidade do Corpo e Sangue de Cristo, sublinha a dimensão eclesial da Eucaristia. Para o Pontífice o cuidado realizado por Jesus e pelos discípulos na preparação da Ceia derradeira revela a importância do que ali sucederia, convergindo para um lugar. Este lugar é a Igreja, e a Eucaristia, nas palavras do romano Pontífice, é o coração pulsante da Igreja, “gera-a e regenera-a”<sup>35</sup> e se torna o alimento primordial de toda a vida eclesial. Forma principal de intimidade com o Senhor, ela se torna o penhor da salvação, isto é, “[...] uma antecipação concreta do que nos será concedido.”<sup>36</sup>

---

<sup>30</sup> BENTO XVI, 2007, p. 11; SCar 6.

<sup>31</sup> BENTO XVI, 2007, p. 12; SCar 6.

<sup>32</sup> ENCÍCLICAS DE BENTO XVI, 2005-2013, Vaticano. Carta Encíclica *Deus caritas est*. In: ASSUNÇÃO, Rudy A. de (Org.). **Encíclicas de Bento XVI (2005-2013)**. São Paulo: Paulus, 2021. p. 58-107. p. cit. 58; DCE, 1.

<sup>33</sup> FRANCISCO. **Angelus**. Praça São Pedro, 06 jun. 2021. Não paginado. Disponível em: <<https://bityli.com/XRPhT>>. Acesso em: 02 março 2022.

<sup>34</sup> FRANCISCO. **A Santa Missa**. São Paulo: Paulus, 2018. p. 55.

<sup>35</sup> FRANCISCO. **Homilia do santo padre**. Óstia, 03 jun. 2018. Não paginado. Disponível em: <<https://bityli.com/lqCeN>> Acesso em: 02 março 2022.

<sup>36</sup> FRANCISCO, 2018, não paginado.

### 1.1.3 Eucaristia nos atuais documentos direcionados à Formação Presbiteral: centro do itinerário

Dentre os documentos oriundos das reflexões específicas do Concílio Vaticano II, têm-se os que abordam o tema da Eucaristia e sua importância no processo formativo inicial<sup>37</sup>. Além destes, alguns Pontífices dedicaram documentos cujo cuidado central era o de fomentar a centralidade da espiritualidade eucarística dentro dos seminários. É válido ressaltar outros materiais próprios para a formação que dissertam sobre o mesmo tema, bem como aqueles próprios da Igreja no Brasil.

Cronologicamente, há de se iniciar pelos documentos do Concílio Vaticano II, a saber, *Presbyterorum Ordinis* e *Optatam Totius*. Com o objetivo de configurar-se a Cristo, os sacerdotes são chamados a assumir a vida de seu mestre a fim de que, por seu ministério, o sacrifício dos fiéis chegue à plena união com Cristo em seu sacrifício, oferecido na Eucaristia<sup>38</sup>. Pelo legítimo desejo de se configurar a Jesus, o candidato ao presbiterado busque constantemente viver o mistério pascal de Cristo e que tenha o desejo de fazer seu nome conhecido através da meditação fiel das Sagradas Escrituras, da sua participação ativa nos sacramentos, sobretudo na Eucaristia<sup>39</sup>.

Mantendo ainda o forte sopro vivenciado nas salas conciliares, o Papa João Paulo II fez conhecer ao público sua exortação pós-sinodal *Pastores Dabo Vobis* sobre a formação sacerdotal nos tempos atuais. O grande objetivo dessa exortação apostólica está em manter aceso o desejo da Igreja em uma contínua formação dos seus sacerdotes, buscando a santificação pessoal dos sacerdotes através do seu exercício ministerial continuando a obra de Cristo ao constituir doze para que ficassem próximos dele.

O desejo do Romano Pontífice era de desenvolver uma cultura de centralizar a vida espiritual dos candidatos à ordenação, seguindo os passos do Concílio Vaticano II. Para isso, é necessária uma comunhão íntima com Deus, fazendo-a o ponto fulcral da vida do seminarista a fim de criar no seu coração a caridade pastoral que constitui a alma do

<sup>37</sup> O assunto sobre a formação será abordado mais inteiramente no capítulo terceiro desta pesquisa.

<sup>38</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 2011, 493; PO 2.

<sup>39</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, Vaticano. Decreto *Optatam totius*. In: COSTA, Lourenço (Org.). **Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965)**. São Paulo: Paulus, 2011. p. 297-319. p. cit. 305-306; OT 8.

ministério presbiteral<sup>40</sup>. O candidato ao sacerdócio assume em sua vida o desafio de responder ao chamado de Deus, antes à santidade, depois ao sacramento da Ordem, para fazer conhecer a todos os fiéis inebriados e selados pelo Espírito Santo<sup>41</sup> a chamada à vida santa em Deus.

Ainda nos documentos referentes à formação, é possível encontrar elementos novos sobre a centralidade da Eucaristia na vida e formação dos candidatos ao ministério ordenado. A Eucaristia é o sacramento por excelência que une o sacrifício de Cristo com o do povo reunido, e é o sacerdote que pode fazer essa grande união. Isso porque o sacerdote é alguém tirado do meio do povo a fim de servir este mesmo povo, e, por graça de Deus, recebe o Sacramento da Ordem que o possibilita de oferecer o sacrifício em expiação pelos pecados do povo e dos seus próprios<sup>42</sup>.

Além destas diretrizes para a Igreja universal, a Igreja no Brasil também se preocupou em elaborar documentos em que identificasse o específico da formação de seus presbíteros<sup>43</sup>. Não diferente do que a Igreja em geral definiu como relação entre o sacerdote e a Eucaristia, a CNBB<sup>44</sup> salientou que, assim como a Eucaristia é presença real de Cristo, o sacerdote é também chamado a trazê-lo presente através de sua vida. Não somente o presbítero é chamado a isso, mas também o seminarista precisa ter, desde já, dentro do seu coração esta decisão de se moldar segundo o coração de Jesus através de uma formação espiritual bem solidificada na Palavra de Deus, nos sacramentos, especialmente a Eucaristia diária além de outros tantos meios propostos<sup>45</sup>.

## 1.2 RELAÇÃO ENTRE EUCARISTIA E SACERDÓCIO: vínculo e exemplo

Desde os inícios das reflexões sobre a Eucaristia e sobre o Sacerdócio Ministerial, ficou evidente sua íntima relação de existência e dependência. Essa relação é original, ou seja, está na origem destes dois sacramentos importantíssimos e característicos da Fé Católica. Jesus ao

---

<sup>40</sup> JOÃO PAULO II. **Exortação apostólica pós-sinodal *Pastores dabo vobis***. São Paulo: Paulinas, 2009. p. 130; PDV 48.

<sup>41</sup> Ef 1,13.

<sup>42</sup> Hb 5,3.

<sup>43</sup> CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Diretrizes para a formação dos presbíteros da igreja no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2011 p. 15; Doc. 93,7.

<sup>44</sup> Conferência Nacional dos Bispos do Brasil.

<sup>45</sup> CNBB, 2010, p. 169; Doc. 93,286.

instituir a Eucaristia na Última Ceia institui também o Sacerdócio e o fez curador deste sacramento de amor.

Além de sua relação de existência, há a de dependência, pois não há sacerdote sem Eucaristia, nem pode haver Eucaristia sem a presença do sacerdote ordenado. Neste aspecto o sacerdote por virtude de sua Ordenação, é chamado a viver, juntamente com todos os batizados, de acordo com os ensinamentos de Cristo e passar a ter os mesmos sentimentos dele levando em conta a caridade pastoral. Inúmeros são os exemplos de sacerdotes que viveram isso de maneira radical, o mais eloquente é São João Maria Vianney, padroeiro de todos os sacerdotes.

### **1.2.1 Vínculo de existência e dependência: entrega e permanência**

Analisando suas origens não se tem dúvida de que são comuns, porém a dimensão de dependência entre o sacramento da Ordem e a Eucaristia pode ser ainda ignota. Por vezes, é possível que os fiéis se acostumem com o rito celebrado nas Santas Missas e passem despercebidos por alguns elementos fundamentais, um deles é esse vínculo original entre os sacramentos do Cenáculo.

Todas as vezes em que se celebra a Santíssima Eucaristia o sacerdote presidente profere as palavras ditas por Jesus no ato da ceia derradeira, e assim foi posto nos livros litúrgicos “Na noite em que ia ser entregue, ele tomou o pão em suas mãos [...]”<sup>46</sup>. Ao proferir tais palavras o sacerdote faz memória da instituição da Eucaristia e, simultaneamente, do Sacerdócio ministerial. Nas liturgias eucarísticas fica ainda mais evidente esta íntima relação, pois no mesmo momento em que Cristo institui a Eucaristia, coloca-a nas mãos do sacerdote como seu original ministro, pedindo a ele, exclusivamente que, como sucessor dos Apóstolos, toda vez que a celebrasse, fizesse-o em sua memória.<sup>47</sup>

Jesus estava pronto para ser entregue e, por seu amor incomensurável, quis deixar sua carne e seu sangue para a vida do mundo. “Tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até o fim”<sup>48</sup> e não quis se afastar dos seus amigos. Por isso, ao celebrar na Quinta-feira Santa o dia da instituição do sacramento do amor, também se faz memória da inauguração do novo sacerdócio de Cristo. Assim, o sacerdote é chamado a viver intensamente esse Mistério anunciando a morte do

---

<sup>46</sup> CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, 1992, p. 472-473.

<sup>47</sup> 1Cor 11,24-25.

<sup>48</sup> Jo 13,1.

Senhor e sua ressurreição comungando do seu corpo e sangue,<sup>49</sup> favorecendo a participação ativa do povo.<sup>50</sup>

São João Paulo II em uma de suas cartas aos sacerdotes por ocasião da Quinta-Feira Santa afirmou que

[...] este Dia é especialmente grande para nós, queridos Irmãos Sacerdotes. É a festa dos Sacerdotes. É o Dia em que nasceu o nosso Sacerdócio, o qual é participação no único Sacerdócio de Cristo Mediador. Neste Dia os Sacerdotes do mundo inteiro são convidados a concelebrar a Eucaristia com os seus Bispos e a renovar, juntos em torno deles, as promessas dos seus compromissos sacerdotais ao serviço de Cristo e da Igreja.<sup>51</sup>

Nesta grande data da Quinta-feira Santa está contida fortemente essa espiritualidade de relação ímpar entre Sacerdócio e Eucaristia. O texto eucológico dessa grande celebração, coloca na boca do presidente da ação litúrgica a seguinte oração “Recebei, ó Pai, [...] em memória do dia em que nosso Senhor Jesus Cristo entregou aos seus discípulos, para que o celebrassem, o mistério do seu Corpo e do seu Sangue”<sup>52</sup>.

A dimensão eucarística do sacerdócio deve estar sempre presente entre os sacerdotes da Nova Aliança, cooperadores dos bispos, sucessores legítimos dos Apóstolos<sup>53</sup>. Na verdade, é desta espiritualidade que, por uma corrente eficaz do Espírito Santo, mantêm-se vivo o seu ministério hierárquico unido ao sacerdócio comum dos fiéis. Nas ações litúrgicas, principalmente a Santa Missa e Adoração Eucarística, os sacerdotes tornam presente o sacerdócio real de Cristo do qual fazem parte<sup>54</sup>.

É na Ordenação Presbiteral que recebem do Bispo que se realiza a união “de modo singular e excepcional à Eucaristia”<sup>55</sup>. Por este gesto,

---

<sup>49</sup> 1Cor 11, 26.

<sup>50</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 2011, 53; SC 48.

<sup>51</sup> JOÃO PAULO II. **A todos os Sacerdotes da Igreja**: por ocasião da Quinta-feira Santa de 1986. São Paulo: Paulinas, 1986. p. 5-6.

<sup>52</sup> CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, 1992, p. 250-251.

<sup>53</sup> CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO. **Pontifical Romano**. São Paulo: Paulus, 2000. p. 125.

<sup>54</sup> JOÃO PAULO II. **Carta *Dominicae Cенаe***. Vaticano: 1980. Não paginado; DC 2. Disponível em: <encurtador.com.br/dewQ4>. Acesso em: 02 mar. 2022.

<sup>55</sup> JOÃO PAULO II, 1980, não paginado; DC 2.

portanto, o Sacerdócio ministerial ou hierárquico está em uma íntima e plena relação com a Santíssima Eucaristia e encontra nela a sua razão principal de ser e, “Não é sem um motivo que as palavras ‘Fazei isto em memória de mim’ são pronunciadas imediatamente depois das palavras da consagração eucarística [...]”<sup>56</sup>. Conclui-se que o ministério e toda a vida do presbítero estão enraizados de maneira essencial na Eucaristia.<sup>57</sup>

### 1.2.2 Eucaristia e Caridade Pastoral: uma entrega singular

Nos tempos hodiernos uma grande névoa envolve os sacerdotes. Como pode ser possível fazer uma boa pastoral sem ter uma suficiente vida de oração, e ainda, como ter uma vida de oração bem alicerçada sem se perder no ativismo desenfreado. A maneira mais eficaz de levar a bom termo esse aparente dualismo é olhar o exemplo de Jesus, o Bom Pastor<sup>58</sup>. Não obstante, unindo seu ministério ao de Cristo, o sacerdote estará inteiramente preocupado em fazer na sua vida a vontade do Pai, pois afinal de contas, essa foi a principal missão de Jesus<sup>59</sup>.

Tal unidade se dá no exercício da caridade pastoral, que consiste em se doar por inteiro à Igreja, dileta esposa, assim como o fez Cristo<sup>60</sup>. É nesse dom total de si que o presbítero manifesta para a porção do povo de Deus a ele confiada o verdadeiro sentido do amor de Cristo.<sup>61</sup> Além de garantir a unidade com Jesus, a caridade pastoral dispensa uma relação muito íntima com o presbitério e com o Bispo, fazendo com que os presbíteros encontrem “[...] a unidade da própria existência na mesma unidade da missão da Igreja, e assim unir-se-ão com o Senhor, e por meio dele com o Pai, no Espírito Santo, a fim de que possam encher-se de consolação e de alegria.”<sup>62</sup>

A caridade pastoral a qual todo sacerdote ordenado é chamado a viver segue o exemplo do agir pastoral de Cristo. Por isso, não se trata de uma qualidade exercitada e adquirida por meios meramente exteriores, ou um “[...] sentimento que nasce de meu temperamento afetivo, de minha

---

<sup>56</sup> JOÃO PAULO II, 1980, não paginado; DC 2.

<sup>57</sup> CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. **O dom da vocação Presbiteral *Ratio Fundamental* Institutionis Sacerdotalis**. Brasília: CNBB, 2017. p. 43; RFIS 36.

<sup>58</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 2011, 521; PO 13.

<sup>59</sup> Jo, 4,34.

<sup>60</sup> Ef 5,25.

<sup>61</sup> JOÃO PAULO II, 2009, 59; PDV, 23.

<sup>62</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 2011, 523; PO 14.

têmpera servil ou de meu espírito responsável.”<sup>63</sup>, mas de uma íntima relação com Jesus Cristo. Ele é o principal exemplo para os presbíteros e o Divino Espírito é o responsável por transmitir esse carisma no dia da ordenação, sendo ele a seiva condutora de vida em vista do ministério pastoral. A caridade pastoral de Cristo, portanto, é como um enxerto colocado no caule da existência ministerial<sup>64</sup>, fazendo com que não perca o seu elã vital e viva como um mero funcionário das coisas de Deus.

Por ser a fonte principal de espiritualidade sacerdotal, a Eucaristia é a responsável pela unidade de vida dos próprios sacerdotes e no relacionamento com os demais. Ela deve ser a fonte primeira da oração sacerdotal, mas a espiritualidade presbiteral não se reduz a ela. A caridade pastoral encontra no Sacrifício Eucarístico a sua raiz e centro, e não podia ser diferente, pois “A celebração da Eucaristia, é a atualização da entrega filial de Cristo ao Pai e da entrega pastoral de Cristo aos irmãos.”<sup>65</sup>

A proximidade do sacerdote com a caridade pastoral de Cristo é o que gera na sua vida ministerial a unidade tão buscada. A santidade do sacerdote se dá no bom exercício do seu ministério<sup>66</sup>, na correta observância da Liturgia e do esmero para com as coisas de Deus. Ele busca constantemente, pela prática da caridade pastoral e pelos ritos sagrados diários, dispor-se a viver uma vida de perfeição. Desta forma,

[...]a santidade dos presbíteros muito concorre para o desempenho frutuoso do seu ministério: ainda que pela misericórdia de Deus a obra da salvação possa ser realizada por ministros indignos, todavia, por lei ordinária, prefere Deus manifestar as suas maravilhas por aqueles que, dóceis ao impulso de Cristo e santidade de vida, podem dizer com o Apóstolo: “já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim” (Gl 2,20).<sup>67</sup>

A busca constante da santidade no ministério ordenado é o que dará sentido à vida prática do sacerdote fazendo-o fiel ao modelo de Cristo Sacerdote, Bom Pastor e guia. É pela íntima relação com a Eucaristia, principalmente na celebração Eucarística, que se faz possível a assimilação do coração sacerdotal com o coração de Jesus, gerando no

<sup>63</sup> URIARTE, Juan M. **A Espiritualidade do Ministro Presbiteral**. São Paulo: Loyola, 2000, p.48.

<sup>64</sup> URIARTE, 2000, p. 48.

<sup>65</sup> URIARTE, 2000, p. 55.

<sup>66</sup> JOÃO PAULO II, 2009, 66; PDV, 25.

<sup>67</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 2011, 518; PO 12.

sacerdote os mesmos sentimentos de Cristo<sup>68</sup>. Portanto, assumindo a caridade pastoral de Cristo o sacerdote vai se tornando cada mais fiel a Ele e à Igreja, pois “A fidelidade para com Cristo não se pode separar da fidelidade para com a Igreja.”<sup>69</sup>

### 1.2.3 O exemplo de São João Maria Vianney: um caminho já percorrido

De acordo com o exposto, fica evidente que o principal modelo de sacerdote é Cristo. Ele, por seus méritos, fez novas todas as coisas, dentre elas a maneira de viver o sacerdócio, não mais com oferendas de bois e cabritos, mas com a oferta de si mesmo. Seguindo o exemplo de Jesus, muitos sacerdotes ao longo da história foram capazes de assimilar de modo ímpar em suas vidas o estilo de vida proposto pelo Sumo e Eterno Sacerdote de modo ímpar. O que salta aos olhos de antemão é o grande padroeiro de todos os sacerdotes do mundo, São João Maria Vianney.

Homem simples e de grande fé, foi pároco em Ars por quarenta anos e lá fez muitas pessoas alcançarem o céu pelo exemplo de sua vida devota à Eucaristia e à Confissão. Muitos escritos sobre ele revelam sua laboriosa vida ascética. As inúmeras biografias sobre o santo descrevem como foi capaz de relacionar a vida espiritual com a sua vida prática de pároco naquela pequena cidade. Sua vida sacerdotal e pastoral tinha como centro e fonte a Santa Missa diária e a adoração eucarística frequente.<sup>70</sup> Assim fala São João Paulo II ao referir-se ao padroeiro dos Sacerdotes por ocasião da Quinta-feira Santa de 1986:

O Cura d’Ars sentia-se particularmente arrebatado pela permanência da presença real de Cristo na Eucaristia. Era geralmente diante do sacrário que ele passava longas horas de adoração, antes do amanhecer ou pela tarde; [...] Era também por este motivo que ele, tão pobre no seu presbitério, não hesitava em gastar quanto fosse necessário para adornar a sua igreja.<sup>71</sup>

---

<sup>68</sup> Fl 2,5.

<sup>69</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 2011, 523; PO 14.

<sup>70</sup> JOÃO PAULO II. **Carta a todos os sacerdotes da igreja, por ocasião da Quinta-feira Santa de 1986**. São Paulo: Paulinas, 1986. p. 17; 8.

<sup>71</sup> JOÃO PAULO II, 1986, p. 18; 8.

A sua presença diante do sacrário foi o grande motor que o fez ser o grande santo que hoje é conhecido pelo mundo católico. Em suas homilias é perceptível seu real amor pela Divina Eucaristia e sua destacada veneração, fazendo com que os fiéis assumissem as características de seu simples pároco. Em um dos compêndios onde estão partes de suas homilias lê-se vários trechos em que há o apelo para a verdadeira confiança em Jesus sacramentado. Assim diz o Cura d’Ars: “Digam-me, meus irmãos, é preciso ir mais longe para nos inspirar um grande respeito pela presença de Jesus Cristo, quer estejamos em nossas igrejas, quer o sigamos em nossas procissões? Dirijamo-nos a Ele com grande confiança.”<sup>72</sup>

Desejando inculcar no coração de seus fiéis o desejo de se entregarem totalmente ao Senhor através da prática da penitência e da adoração eucarística, o grande Cura salienta a grande atitude de amor de Jesus ao deixar este sacramento à Igreja. Pede ainda a seus fiéis, mostrando em si mesmo o desejo de uma autêntica configuração a Cristo, que não se esqueçam que este ato do Redentor é o que há de mais sublime, e que não é possível encontrar, nem na terra nem no céu, algo que se possa comparar a este sacramento.<sup>73</sup>

São João Paulo II, dirigindo-se aos sacerdotes, convida-os a meditar sobre o sacerdócio sob a égide da missão de São João Maria Vianney. A este santo sacerdote, afirma o Papa polonês, os ministros ordenados devem pedir intercessão para seu ministério presbiteral, pois o Santo de Ars “[...] no século passado, teve de enfrentar dificuldades que talvez tivessem outro aspecto, mas que não eram menores que as de hoje.”<sup>74</sup>

Padre João Maria Vianney tinha, constantemente o esmero pela preparação das Santas Missas que presidia, fazendo de sua vida uma perpétua Eucaristia – ação de graças. Dispensava uma grande parte de seu tempo preparando-se para presidir a Eucaristia, ainda que fosse solicitado por inúmeros fiéis que se dirigiam a ele para a Confissão antes da Missa. Ele, no entanto, não as dispensava e, mesmo assim, preparava-se por mais de um quarto de hora para celebrar com o seu povo.

São João Paulo II pede que os sacerdotes, animados pelo exemplo do Cura de Ars, que façam um exame de consciência sobre qual o espaço

---

<sup>72</sup> VIANNEY, João B. M. **Sermões do Primeiro Domingo do Advento à Sexta-feira Santa**. São Paulo: Paulus, 2020. p. 406.

<sup>73</sup> VIANNEY, João B. M. **Sermões do Domingo de Quasímodo ao XI Domingo de Pentecostes**. São Paulo: Paulus, 2021. p. 151.

<sup>74</sup> JOÃO PAULO II. **Carta a todos os sacerdotes da igreja, por ocasião da Quinta-feira Santa de 1986**. São Paulo: Paulinas, 1986. p. 7; 2.

dado para a Eucaristia, para a Santa Missa. Além dos cuidados dispensados a ela, pois é o princípio de toda a atividade apostólica dos presbíteros.<sup>75</sup> São João Maria Vianney, muito antes do Concílio Ecumênico Vaticano II já assumia em seu ministério o que afirma a *Lumen Gentium* sobre a centralidade do culto eucarístico na vida dos batizados<sup>76</sup>, bem como a liturgia como centro de toda a vida cristã.

### 1.3 IDENTIDADE SACERDOTAL, PONTÍFICE ENTRE DEUS E O HOMEM

Com o modelo deste grande santo, percebe-se a necessidade de que haja identificação cada vez maior dos presbíteros com Cristo Sacerdote. Nesse sentido, faz-se mister encontrar bases sólidas que reforcem a identidade sacerdotal e coloquem o sacerdote em contato direto com a Eucaristia.

Os presbíteros são homens escolhidos do meio do povo a fim de servir este mesmo povo.<sup>77</sup> Por isso, possuem a grande responsabilidade de levarem às pessoas a salvação de Cristo. O presbítero se encontra próximo do povo pela missão que, de Deus mesmo, recebe. Torna-se, graças ao ministério que recebe, sacramento na vida do povo de Deus, semelhante ao Cristo sacerdote. Evidentemente essa semelhança não está nos méritos pessoais do sacerdote, mas se encontra na misericórdia de Deus que o chama e atribui a ele uma força proveniente do sacramento da Ordem.<sup>78</sup>

#### 1.3.1 Identidade Sacerdotal: associados a Cristo, Cabeça da Igreja

Inicialmente é preciso entender o que a Igreja propõe ao apresentar uma reflexão sobre a Identidade Sacerdotal. Dentro deste conceito, abrangem-se tudo o que se refere ao âmbito psicológico, espiritual, antropológico, social do sacerdote e como ele reage a tudo isso. A vida sacerdotal exige um suficiente equilíbrio entre estas esferas da vida humana, sem sobressair uma em detrimento da outra, mas buscando um crescimento integral.

A Igreja vive em constante transformação por estar inserida no mundo. Com isso, os sacerdotes precisam acompanhar os avanços

---

<sup>75</sup> JOÃO PAULO II, 1986. p. 19; 8.

<sup>76</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 2011, 116; LG 11.

<sup>77</sup> Hb 5,1.

<sup>78</sup> BIANCHI, Enzo. **Presbíteros**: palavra e liturgia. São Paulo: Paulus, 2010. p. 69.

exigidos pelo contexto atual. O futuro é cada vez mais exigente, e os sacerdotes precisam estar bem alicerçados em sua vida de fé e de seu ministério para poder dialogar com o mundo sem extremismos e dilacerações. Para isso, faz-se urgente que o sacerdote esteja consciente de sua identidade como sacerdote, cuja fonte primordial é o próprio Cristo.

Em conceitos gerais, Identidade Sacerdotal pode ser definida “[...] como um conjunto de caracteres próprios e exclusivos do exercício sacerdotal.”<sup>79</sup> Tendo sempre presente a caridade pastoral, o candidato ao sacerdócio, bem como aqueles já ordenados, esforce-se para que a sua identidade derive de sua intimidade com Cristo Sacerdote. Para tanto, é necessário um coração sacerdotal, capaz de acolher os desafios presentes, no âmbito pessoal e eclesial, de forma digna e responder às necessidades do povo de Deus, oferecendo-lhe aquilo que lhe é de direito<sup>80</sup>.

Em vista de uma identidade pautada nos sentimentos de Jesus, o sacerdote, consciente de sua missão, exerce seu ministério com o foco bem delimitado ao amor de Cristo, sem que nada lhe anteponha. Deste modo, conseguirá viver bem a caridade pastoral, tão exigente e necessária atualmente, sem se confundir nem se esquecer da raiz do seu sacerdócio. Tendo presente a sua origem, o ministro ordenado saberá viver bem os desafios de seu estado de vida, direcionando bem o seu celibato, a sua vida de pobreza evangélica, como também, sua obediência aos superiores. Sem um coração autenticamente sacerdotal, essas realidades se tornarão sempre um fardo a ser carregado com desgosto e tristeza.

Assim como a caridade pastoral possui sua origem e sentido na Eucaristia, a busca de uma identidade sacerdotal cada vez mais coerente possui sua fonte viva neste mesmo sacramento e na sua relação íntima com o sacramento da Ordem. Sob esta perspectiva, o chamado à vocação sacerdotal – seminaristas e padres ordenados – exercita-se no conhecimento do ministério ordenado, tendo presente a missão pessoal de “[...]conservar e desenvolver na fé a consciência da verdade ínteira e surpreendente do seu ser: ele é ministro de Cristo e administrador dos mistérios de Deus.”<sup>81</sup>

Como bom discípulo de Jesus Cristo, o padre tem a missão de reunir a Igreja, como família de Deus, e direcioná-la cada vez mais a Ele pela ação do Divino Espírito.<sup>82</sup> É chamado, em resumo, a levar o povo de

---

<sup>79</sup> ORIOLO, Edson. **Ser Sacerdote**. São Paulo: Paulus, 2019. p. 15.

<sup>80</sup> JOÃO PAULO II, 2009, 185; PDV, 70.

<sup>81</sup> JOÃO PAULO II, 2009, 194; PDV, 73.

<sup>82</sup> JOÃO PAULO II, 2009, 195; PDV, 74.

Deus a se tornar comunidade, Igreja. Na Oração Eucarística III após a louvação do presidente, o povo responde “Fazei de nós um só corpo e um só espírito”<sup>83</sup>, esse deve ser o plano de ação do ministro ordenado diante de uma comunidade, levar o seu povo a ser o único corpo de Cristo que é a Igreja.

Exige-se do sacerdote um desejo ardente e um trabalho constante em vista à santificação do povo de Deus. O padre se torna, por meio da sua ordenação, o porta-voz da comunhão deseja por Deus para seus filhos, e assim, deve cultivar em suas atitudes a fraternidade e a solidariedade. Deste modo, “Os fiéis, a quem é enviado, esperam dele, como selo decisivo de sua missão, um testemunho claro e inequívoco da vida eterna e da ressurreição da carne.”<sup>84</sup> Aquele que é chamado a ajudar os fiéis no caminho da santidade deve, também ele, buscar uma vida santa, pois ser padre significa “[...] tentar viver não como um ‘supercristão’ ou um cristão diferente, mas como aquele cristão que queremos formar nos outros.”<sup>85</sup>

Essa realidade atribuída aos sacerdotes tem sua origem na Primeira Carta de São Pedro quando diz aos dirigentes da comunidade a agir de acordo com os sofrimentos de Cristo, sem desconsiderar o rebanho, mas amar e agir com o cuidado devido, sem coação nem como donos, mas se esforçando para ser exemplo para o rebanho<sup>86</sup> Aqui é explícito o sonho de que os sacerdotes da nova Aliança sejam exemplos, aos moldes de Cristo, de todo rebanho ao qual foram confiados.

Assim devem proceder pois não são pessoas alheias à comunidade, ou homens “caídos do céu”, mas fazem parte do corpo de Cristo, pois foram batizados. São fiéis junto aos fiéis; membros do corpo, porém mais associados à Cabeça que é Cristo<sup>87</sup>. Porém, ser associado ao Cristo-cabeça não os faz separados dos irmãos, pelo contrário, colocam-nos em uma posição de servos, e ainda mais, de esposos. “Esta dimensão sponsal da vida do presbítero como pastor fará com que ele guie a sua comunidade

---

<sup>83</sup> CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, 1992, p. 484.

<sup>84</sup> JOÃO PAULO II. **Discurso do papa João Paulo II aos párocos e ao clero de Roma.** Roma, 02 mar. 1979. Não paginado. Disponível em: <encurtador.com.br/stBM6>. Acesso em: 12 mar. 2022.

<sup>85</sup> NICOLAS, Maria J. **Ser padre, dom e mistério.** São Paulo: Paulinas. 1989. p. 162-163.

<sup>86</sup> 1Pd 5,3.

<sup>87</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 2011, 494; PO, 2.

servindo com dedicação todos e cada um de seus membros [...]”<sup>88</sup>, através do zelo espiritual pelos fiéis, educando-os na fé, na caridade, na missão e na prática da vida cristã.<sup>89</sup>

### 1.3.2 Homens configurados a Cristo: pontífices do amor-salvífico

Nesta perspectiva, citando a passagem da Carta aos Hebreus, diz-se que o sacerdote é “[...] tomado do meio do povo e representa o povo nas suas relações com Deus, [...]”<sup>90</sup>, por isso seu ministério não pode ser desprovido da dinâmica recorrente com os fiéis. Agindo dessa forma o sacerdote é chamado a se identificar cada vez mais com Cristo Sacerdote. Também ele – Cristo – foi tirado do meio de seu povo a fim de retornar a ele para servi-lo.

O homem sacerdote assume, como já visto, a imagem do Bom Pastor em todas as esferas de sua vida. Por isso, são eles também pastores do povo de Deus, imitando a obediência e o zelo de Cristo pelo seu rebanho, “[...] homens sacrificados e fiéis para acompanhar suas ovelhas em perigo como prova de seu amor.”<sup>91</sup> Nesse gesto o sacerdote realiza seu maior ato de amor a Cristo. Amor este que deve impulsionar o presbítero e envolvê-lo por completo, para ser sinal do amor de Cristo aos fiéis em tudo, principalmente nas ações litúrgicas.<sup>92</sup>

Nestes gestos de amor, o sacerdote assume em sua vida aquilo que pode ser designado como seu fundamento, o de ser configurado a Cristo como seu imitador. Acima de tudo,

[...] o ministro é um imitador de Jesus Cristo. Todo homem, e o presbítero especialmente, deve procurar o caminho para realizar a imagem divina, última etapa do caminho ascensional. A imitação de Cristo, que é o mesmo que seu seguimento, é o centro da vida do presbítero que responde assim ao chamado de Deus na Igreja.<sup>93</sup>

---

<sup>88</sup> CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. **Diretório para o ministério e a vida do presbítero**. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 57.

<sup>89</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 2011, 504; PO, 6.

<sup>90</sup> Hb 5,1.

<sup>91</sup> NORIEGA, Roberto. **Ministério sacerdotal**: A responsabilidade ética na arte de servir. Petrópolis: Vozes, 2020. p. 100.

<sup>92</sup> ARINZE, 2009, p. 24.

<sup>93</sup> NORIEGA, 2020, p. 100.

O Sacramento da Ordem configura aquele que o recebe de maneira ontológica, ou seja, configurando-o a Cristo desde dentro.<sup>94</sup> Por essa configuração o sacerdote recebe a mesma missão de Cristo, pois “Quem vos ouve a mim ouve, quem vos despreza a mim despreza, e quem me despreza, despreza Aquele que me enviou”<sup>95</sup>. Por assumir em si a missão de Cristo, o sacerdote verdadeiramente

[...] radicado na verdade e na caridade de Cristo e animado do desejo e do imperativo de anunciar a todos a sua salvação, ele é chamado a encetar um relacionamento de fraternidade, de serviço, de procura comum da verdade, de promoção da justiça e da paz, com todos os homens.<sup>96</sup>

Portanto, como homens configurados ao Divino Esposo da Igreja possuidores do mesmo objetivo de Cristo de salvar por amor, os sacerdotes, pela graça sacramental, são definidos como partícipes, a seu modo, no poder de santificar, de ensinar e de governar do próprio Cristo, Cabeça e Pastor da Igreja.<sup>97</sup>

Essa preciosa graça os ministros ordenados recebem pela Ordenação Sacerdotal. Sem se valer dos méritos pessoais, o Espírito Santo é derramado sobre aqueles que são ordenados e atribui a eles uma graça especial de se configurarem ao Senhor de forma mais íntima.<sup>98</sup> Ao receber o Sacramento da Ordem, o sacerdote assume “[...] a graça sacramental que o torna participante não só do ‘poder’ e do ‘ministério’ salvífico de Jesus, mas também do seu ‘amor’ pastoral [...]”<sup>99</sup>.

É mister ressaltar que o ministério ordenado é um serviço sagrado, ou ainda, um poder sagrado. Portanto, no recebimento da Ordem, o sacerdote é enviado para o serviço, como o fez Jesus, que no dia da instituição do Sacerdócio e da Eucaristia, iniciou lavando os pés dos discípulos<sup>100</sup>. São João Paulo II afirma que se o ministério sacerdotal fosse uma realidade de “merecimento” constituiria uma posição de privilégio “[...] caracterizada pelo ‘poder’. Mas não é assim! O sacerdócio

---

<sup>94</sup> CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, 1994, p. 10.

<sup>95</sup> Lc 10,16.

<sup>96</sup> JOÃO PAULO II, 2009, 47; PDV, 18.

<sup>97</sup> CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, 1994, p. 11.

<sup>98</sup> BIANCHI, 2010, p. 69.

<sup>99</sup> JOÃO PAULO II, 2009, 182; PDV, 70.

<sup>100</sup> Jo 13, 1-15.

ministerial, no desígnio de Cristo, não é expressão de domínio, mas de serviço.”<sup>101</sup>

### **1.3.3 A identidade sacerdotal no Rito de Ordenação Presbiteral: chamado a colaborar**

Essas realidades refletidas sobre a vida, ministério e pastoral dos sacerdotes ordenados ficam claras nas orações próprias para o Rito de Ordenação Presbiteral. Nas rubricas deste belíssimo rito percebe-se o sentido espiritual dos momentos que serão celebrados,

Pela imposição das mãos do Bispo e pela Prece de Ordenação, é conferido aos candidatos o dom do Espírito Santo para o múnus de Presbíteros. [...] Juntamente com o Bispo, os Presbíteros impõem as mãos sobre os candidatos, para significar a inserção deles no presbitério.<sup>102</sup>

Olhando para essas orientações que expressam a índole dos gestos celebrados, fica evidente que pela celebração de Ordenação os ordinandos recebem o Espírito Santo e são admitidos à Ordem dos Presbíteros a fim de auxiliarem o Bispo. Na proposta de homilia para a Missa de Ordenação de um Presbítero, a Igreja, pela boca do Bispo ordenante, afirma que aquele que está para receber a Ordenação faz parte de um povo e, tirado de seu meio, é enviado novamente para o seu serviço.

Além disso, é constituído Sacerdote do mesmo modo como Cristo constituiu os Apóstolos, através de um chamado, de uma resposta e de uma missão. Essa missão, dada primeiramente aos Apóstolos e sequencialmente aos seus sucessores (os Bispos), é a de ser verdadeiro sacerdote da nova Aliança “[...] para pregar o Evangelho, apascentar o povo de Deus e celebrar o culto divino, principalmente no Sacrifício de Cristo.”<sup>103</sup>

Assim, aos eleitos, prostrados ao chão, é conferido pelas mãos do Bispo ordenante, através das palavras da consagração e da imposição das

---

<sup>101</sup> JOÃO PAULO II. **Carta do papa João Paulo II aos sacerdotes por ocasião da quinta-feira santa de 1995**. Vaticano, 25 mar. 1995. Não paginado. Disponível em: <encurtador.com.br/sKX59>. Acesso em: 21 mar. 2022.

<sup>102</sup> CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO, 2000, p. 103.

<sup>103</sup> CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO, 2000, p. 124.

mãos o Espírito Santo<sup>104</sup> para o exercício do grau de presbíteros<sup>105</sup>. A Prece de Ordenação para o segundo grau da Ordem possui como centralidade e parte indispensável o que segue:

Nós vos pedimos, Pai todo-poderoso, constituí este vosso servo na dignidade de Presbítero; renovai em seu coração o Espírito de santidade; obtenha ele, ó Deus, o segundo grau da Ordem sacerdotal, que de vós procede, e sua vida seja exemplo para todos.<sup>106</sup>

Com esta oração própria para o rito de ordenação de presbítero, o candidato é acolhido no presbitério, fazendo parte do corpo diocesano em unidade com o Bispo. Esta unidade é corroborada pela promessa feita anteriormente de respeito e obediência àquele Bispo que o ordenou bem como aos seus sucessores.<sup>107</sup> Além das promessas feitas diante do Bispo e dos compromissos assumidos diante da comunidade, o presbítero recém-ordenado é ungido para “[...] a santificação do povo fiel e para oferecer a Deus o santo Sacrifício.”<sup>108</sup> Neste gesto, revela-se a particular participação dos presbíteros no sacro sacerdócio de Cristo.<sup>109</sup>

O presbítero é chamado, antes de tudo, a celebrar o Sacrifício de Cristo do qual é constituído ministro, por isso recebe a estola ao modo sacerdotal e as oferendas do povo a fim de oferecê-las ao Senhor, associando “[...] sua vida ao mistério da cruz do Senhor.”<sup>110</sup> Como último gesto ritual próprio da Ordenação, está o abraço da paz, sinal da acolhida feita pelo Bispo e pelos demais presbíteros (ou pelo menos por alguns) ao que acaba de receber este sacramento.<sup>111</sup>

Enfim, pela Sagrada Ordenação, o presbítero é chamado a ser um “[...] cooperador zeloso de nossa Ordem episcopal [...]”<sup>112</sup>, sendo íntimo de Cristo Sacerdote, sempre atento às suas palavras e gestos. A identidade sacerdotal, expressa de maneira ímpar em sua caridade pastoral, passa pelo bom exercício do que é proposto nessas orações litúrgicas. A graça de Deus, o esforço humano e a vivência coerente de seu ministério são as

<sup>104</sup> CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO, 2000, p. 128.

<sup>105</sup> CATTANEO, Enrico. **O sacramento da Ordem**. São Paulo: Loyola, 2008. p. 29.

<sup>106</sup> CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO, 2000, p. 130.

<sup>107</sup> CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO, 2000, p. 127.

<sup>108</sup> CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO, 2000, p. 131.

<sup>109</sup> CATTANEO, 2008, p. 30.

<sup>110</sup> CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO, 2000, p. 131.

<sup>111</sup> CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO, 2000, p. 132.

<sup>112</sup> CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO, 2000, p. 130.

principais ferramentas que o presbítero precisa ter para ser um bom Servo do Senhor pelo ministério ordenado.



## 2 FUNDAMENTOS DO AXIOMA IN PERSONA CHRISTI

A original relação que há entre Eucaristia e Sacerdócio torna evidente a sua dependência mútua. Por isso mesmo, a maior expressão do sacerdócio católico está na presidência eucarística, como gesto continuador daquele de Jesus na ceia derradeira. A Igreja, portanto, tendo presente em sua reflexão a importância ímpar do sacerdote na Liturgia, sob a ação do Espírito Santo, afirma que aquele que preside a ação litúrgica eucarística o faz *In persona Christi capitis*.

Essa reflexão está no âmbito da pastoral litúrgica, acenando para a função presidencial do sacerdote na Santa Missa. Não obstante, relaciona-se com o sacerdócio comum dos fiéis que participam ativamente da ação cúllica, pois todos os fiéis celebram, mas somente um é o que preside. Desta forma, todos são responsáveis ativos da liturgia, cada qual a seu modo. Neste sentido, Cristo se manifesta na assembleia reunida em seu nome, mas de modo especial, na pessoa do sacerdote presidente, pois faz as vezes de Cristo.

Neste sentido, o presidente da celebração, como expressão litúrgica do único sacerdócio de Cristo, é um ícone de Jesus e servidor da assembleia litúrgica. Sendo ativo membro de seu corpo místico, o sacerdote que preside a celebração litúrgica tem a missão de favorecer o bom exercício do sacerdócio comum dos fiéis, recebido de Cristo no Batismo, através da celebração consciente e reta das normas litúrgicas.

### 2.1 Contexto

Para entender o axioma, é necessário fazer um percurso e perceber qual é o objetivo de se afirmar o que ele sugere. Para tanto, é indispensável pensar como pensavam aqueles que iniciaram a reflexão sobre a presença de Cristo no sacerdote que preside. Usando-se dos textos bíblicos que fundamentam o sacerdócio, é perceptível o mandato de Jesus para que aquilo que fizera seja repetido pelos sacerdotes da Nova Aliança em seu nome. No entanto, fazer em memória não tem o teor de agir na pessoa daquele que fez a primeira.

Por isso a Igreja ao longo da história foi desenvolvendo a reflexão sobre o axioma litúrgico presidencial. Vê-se, no entanto, que poucas

foram as vezes em que se usou a nomenclatura *in persona Christi*<sup>113</sup> referindo-se à ação do presidente da celebração, porém não diminui a sua expressão no contexto destas reflexões. Aqui, evidencia-se mais o seu cabedal de significados – exclusividade sacerdotal na Eucaristia, a forte ligação com o Sacramento da Ordem, o mandato expresso de Cristo para os sacerdotes da Nova Aliança – do que exclusivamente o termo axiomático. Evidentemente não se poderá passar por todos os documentos que debruçam sobre o tema, nem todos os anteriores ao Concílio Vaticano II nem todos os posteriores, mas somente aqueles que possuem uma maior expressividade nas reflexões.

### 2.1.1 O axioma antes do Concílio Vaticano II: uma transmissão

Pode-se dizer que o axioma litúrgico não possui suas raízes explicitamente nas Sagradas Escrituras, mas que pode ser subentendido a partir das reflexões feitas pelo Magistério da Igreja. Não obstante, toda reflexão sobre este assunto se fundamenta na ideia geral de que o sacerdócio hierárquico, assim como o sacerdócio comum, tem sua origem no sacerdócio de Cristo. Ele é o início e o fim da ação sacerdotal da Igreja, sendo impensável o contrário.

Pouco se encontrará sobre o axioma enquanto expressão nos documentos, porém é possível encontrar elementos que hoje podem ser usadas para corroborar o axioma. No ano de 1215, o IV Concílio de Latrão trouxe a dimensão da exclusividade do sacerdócio na celebração da Sagrada Eucaristia, afirmando que somente um sacerdócio legitimamente ordenado poderia dizer as palavras da Consagração e

---

<sup>113</sup> No decorrer desta pesquisa não foi encontrado a origem factual do axioma, ou seja, sabe-se muito pouco de sua origem ou de quem foi que cunhou o termo inicialmente. O que se sabe é que se tem registros de uma menção no século XIII no período histórico da Escolástica, que coloca este axioma juntamente com outro, *in persona Ecclesiae*. Neste período referiu-se bíblicamente, como uma opção de fundamentação, à passagem de 2 Cor 2,10 em que se menciona o termo *en prosopói Christou*, que os Padres latinos traduziram para *in persona Christi*, como um dado bíblico que atesta o uso deste axioma. (GIRAUDO, Cesare. *In persona Christi – In persona Ecclesiae Fórmulas eucarísticas à luz da lex orandi. Perspectiva Teológica*. [S. l.]. v. 42. n. 117. p. 187-203, 2010. p. 196. <Disponível em: <https://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/view/859>>. Acesso em: 6 set. 2022.)

efetivá-las transubstanciando o pão e o vinho em corpo e sangue de Jesus.<sup>114</sup> Percebe-se, no entanto, que o axioma ainda não é explicitamente citado, porém se tem um vislumbre quando o Concílio afirma, referindo-se à Igreja, que em seu seio

“[...] o mesmo Jesus Cristo é sacerdote e sacrifício, cujo corpo e sangue são contidos verdadeiramente no sacramento do altar, sob as espécies do pão e do vinho no sangue; [...] Este sacramento, não pode produzi-lo absolutamente ninguém senão o sacerdote que tenha sido regularmente ordenado [...]”<sup>115</sup>.

Sob o pontificado de Eugênio IV, a Igreja se reúne no Concílio de Florença em 1439. Neste é emitido a bula sobre a união com os armênios *Exsultate Deo* trazendo à reflexão elementos sobre os sacramentos da Igreja e sua prática litúrgica, bem como alguns critérios para a sua validação. No que tange ao sacramento da Ordem e da Santíssima Eucaristia, determina-se que a forma do sacramento está nas palavras que o próprio Jesus deixou e, nesse sentido “O sacerdote, de fato, produz este sacramento falando *in persona Christi*.”<sup>116</sup>

No Concílio de Trento há uma forte tendência de afirmar o que é o sacerdócio e sua função. Fica evidente o desejo de sustentar que a formulação do sacramento da Ordem provém do próprio Senhor e que os chamados por Ele são seus representantes legítimos. Há o desejo da Igreja em ensinar que “[...] este sacerdócio foi instituído pelo próprio Senhor e Salvador nosso, e que o poder de consagrar, oferecer e administrar seu corpo e sangue, bem como de perdoar e reter os pecados, foi transmitido aos Apóstolos e seus sucessores.”<sup>117</sup>

Em sequência vê-se, de maneira mais clara, a fundamentação, a partir da nomenclatura, do axioma litúrgico. O Papa Pio XII na Encíclica *Mediator Dei* sobre a Sagrada Liturgia traz elementos salutares para a compreensão da missão sacerdotal no que se refere à celebração litúrgica. Reitera que é necessário compreender a liturgia como o centro e a condensação de toda a religião cristã e, por isso, precisa ser veementemente celebrada. Outrossim, os sacerdotes estão ligados a esse mistério celebrado pois são assimilados ao Cristo que preside toda a ação

---

<sup>114</sup> DENZINGER, 2007, p. 284.

<sup>115</sup> DENZINGER, 2007, p. 284.

<sup>116</sup> DENZINGER, 2007, p. 364.

<sup>117</sup> DENZINGER, 2007, p. 451.

da Igreja. Sua função não é meramente de atores<sup>118</sup>, mas de representantes delegados pelo próprio Senhor para agir em Sua pessoa<sup>119</sup>.

O mesmo pontífice afirma que

Idêntico, pois, é o sacerdote, Jesus Cristo, cuja pessoa é representada pelo seu ministro. Este, pela consagração sacerdotal recebida, assemelha-se ao sumo Sacerdote e tem o poder de agir em virtude e na pessoa do próprio Cristo [...]<sup>120</sup>.

Destarte, o sacerdote que preside o rito litúrgico eucarístico é assumido por Jesus sacerdote e passa a agir como o próprio Senhor. São, portanto, de Jesus as palavras proferidas no momento da narrativa da Paixão, não a voz. É como se aquele que preside, emprestasse a Jesus a sua boca e lhe cedesse as suas mãos para fazer acontecer o mistério eucarístico.

Ainda nesse ensejo, Pio XII salienta a diferenciação que há entre a maneira de oferecer o sacrifício daqueles que são os fiéis leigos do modo do presidente. Cada fiel, leigo e ordenado, oferece o sacrifício de Cristo por força do Batismo, porém cada qual a seu modo. Aqui não se põe em dúvida a oferta dos fiéis leigos através das mãos do sacerdote, “[...] pois o ministro do altar age na pessoa de Cristo enquanto Cabeça, que oferece em nome de todos os membros [...]”<sup>121</sup>. Contudo, afirma-se que há uma diferenciação, pois

[...] não se afirma que os membros da Igreja de maneira idêntica à do próprio sacerdote realizam o rito litúrgico visível [...] mas sim que une os seus votos de louvor, de impetração, de expiação e a sua ação de graças à intenção do sacerdote [...]<sup>122</sup>

Enfim, o período pré-Vaticano II não apresenta grandes conceituações sobre o axioma *in persona Christi*, no entanto favorece um apuramento do seu sentido de modo a dar um pequeno vislumbre deste axioma litúrgico. O que segue terá forte embasamento nestas reflexões

---

<sup>118</sup> No sentido teatral.

<sup>119</sup> DOCUMENTOS DE PIO XII, 1939-1958, Vaticano. Carta Encíclica *Mediator Dei*. **Documentos de Pio XII (1939-1958)**. São Paulo: Paulus, 1998. p. 288-370. p. cit. 317; MD, 61.

<sup>120</sup> DOCUMENTOS DE PIO XII, 1998, p. 317; MD, 62.

<sup>121</sup> DOCUMENTOS DE PIO XII, 1998, p. 326; MD, 83.

<sup>122</sup> DOCUMENTOS DE PIO XII, 1998, p. 326; MD, 83.

apresentadas aqui, apesar de ter pouca novidade. Isso não torna o tema menos oportuno, pois a perspectiva assumida está mais no âmbito de uma teologia espiritual, com uma tendência à antropológica.

### **2.1.2 O axioma no Concílio Vaticano II e na reflexão atual: múnus para santificar**

A reflexão pós-conciliar a respeito do axioma litúrgico *in persona Christi* se esforçará em apresentá-lo sob a égide da teologia espiritual sem esquecer a antropologia. O Concílio Vaticano II, seguindo os rastros deixados pela *Mediator Dei*, afirma o desejo de que todos os fiéis participam da Liturgia de modo que ofereçam, pelas mãos do sacerdote, seus sacrifícios próprios<sup>123</sup>.

No âmbito da vida eclesial, o Concílio Vaticano II cuidou em assegurar o real sentido da interpretação magisterial sobre a ação dos leigos na prática litúrgica. Desta forma, no documento sobre a Igreja *Lumen Gentium*, o Papa Paulo VI juntamente com os Bispos reunidos, afirmou veementemente que Cristo chamou os seus apóstolos e fez participar da sua consagração os seus sucessores, de modo a serem guardiões do Corpo de Cristo. Destarte, este ministério é exercido pelos ministros eclesiais em diversos modos, a saber, os bispos, presbíteros e diáconos. A dignidade sacerdotal é a mesma entre os bispos e os presbíteros, porém estes estão para o auxílio daqueles que, por sua vez, possuem a plenitude do ministério. Por sua dignidade sacerdotal possuem o múnus de serem cura das almas, isso significa agir na pessoa de Cristo.

Portanto, os sacerdotes

[...] são consagrados para pregar o Evangelho, apascentar os fiéis e celebrar o culto divino, como verdadeiros sacerdotes do Novo Testamento, à imagem de Cristo [...]. Participando, no grau próprio do seu ministério, da função de Cristo [...]. Exercem o seu ministério sagrado principalmente no culto ou assembléia [sic] eucarística, onde, agindo na pessoa de Cristo [...] juntam as orações dos fiéis ao sacrifício de Cristo [...]<sup>124</sup>

A partir desta reflexão fica claro qual a perspectiva conciliar sobre o axioma até então abordado. Na constituição sobre a liturgia, o Sagrado

<sup>123</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 2011, 53; SC 48.

<sup>124</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 2011, 143; LG 28.

Concílio assomou às reflexões a dimensão da presença de Cristo na ação litúrgica, afirmando que Cristo sempre está presente na sua Igreja. Por conseguinte, a *Sacrosanctum Concilium* apresenta as formas de presença de Cristo no sacrifício da missa na pessoa do ministro, nas espécies do pão e o do vinho, na virtude dos sacramentos, na sua palavra e, por fim, quando a Igreja ora e salmodia<sup>125</sup>. Novamente à tona o sinal de que o sacerdote age na pessoa de Jesus Cristo quando assume as funções presidenciais litúrgicas.

O Missal Romano reitera as reflexões do Concílio Vaticano II, sobre as formas da presença de Cristo, a saber,

[...] na celebração da Missa, em que se perpetua o sacrifício da cruz, Cristo está realmente presente tanto na assembléia [sic] reunida em seu nome, como na pessoa do ministro, na sua palavra, e também, de modo substancial e permanente, sob as espécies eucarísticas<sup>126</sup>

No magistério recente vale ressaltar a contribuição de dois Romanos Pontífices. São João Paulo II, em uma das já citadas cartas salienta e fundamenta o axioma principalmente quando se trata da celebração eucarística

O sacerdote oferece o santo sacrifício *in persona Christi*, o que quer dizer “em nome”, ou então “nas vezes” de Cristo. *In persona*: isto é, na específica e sacramental identificação com o “Sumo e Eterno Sacerdote”, que é o Autor e o principal sujeito deste próprio sacrifício [...]. Só Ele [...] podia e sempre pode ser verdadeira e efetivamente “propiciador pelos nossos pecados [...]. A tomada de consciência desta realidade lança certa luz sobre o caráter e o significado do sacerdote-celebrante; este, ao perfazer o santo sacrifício e ao agir *in persona Christi*, é [...] introduzido e inserido nesse estritíssimo *sacrum*, ao qual o mesmo sacerdote

---

<sup>125</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 2011, 37; SC 7.

<sup>126</sup> CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, 1992, p. 33.

[...] associa espiritualmente todos os participantes da assembléia eucarística.<sup>127</sup>

Nitidamente o axioma litúrgico assume características próprias da presidência, tendo como fundamento o exemplo de Jesus sacerdote. Igualmente, Bento XVI salientou a importância desse axioma ao afirmar que ele garante a visibilidade entre a Ordem sacra e a Eucaristia<sup>128</sup>

Ao assumir essa missão de identificar a si, pela presidência eucarística, o sacerdote que possui o poder da Ordem deve oferecer o sacrifício em nome de Cristo, presidindo às orações, anunciando a salvação e associando a si o oferecimento dos irmãos através da distribuição do pão eucarístico<sup>129</sup>. A Comissão Teológica Internacional ao referir-se à missão do sacerdote e sua ação em nome de Cristo afirma que

Il cristiano chiamato al ministero sacerdotale non riceve, dunque, con l'ordinazione una funzione solamente esteriore, bensì una partecipazione radicale al sacerdozio di Cristo, in virtù della quale rappresenta Cristo alla testa della comunità e come di fronte ad essa.<sup>130</sup>

Nesta afirmação fica bastante evidente o que será tratado no terceiro capítulo deste trabalho, quando se fará uma passagem do axioma até aqui elaborado unicamente no âmbito litúrgico, para a esfera antropológica daqueles que almejam o sacerdócio e daqueles que já o possuem. Essa nuance se vê quando se afirma que o chamado não se trata de algo meramente exterior, mas que está ao interno da relação de pertença radical a Jesus na comunidade cristã, através do exercício cristão da autoridade.

### **2.1.3 A dinâmica do sacerdócio hierárquico com o sacerdócio comum dos fiéis: atitude que confirma a apostolicidade**

---

<sup>127</sup> CARTA APOSTÓLICA *DOMINICAE CENAE*, In: LELO, Antonio Francisco (org.). **Eucaristia**: teologia e celebração: documentos pontifícios, ecumênicos e da CNBB (1963-2005). São Paulo: Paulus, 2006. p. 58-85. p. cit. 70; DC, 8.

<sup>128</sup> BENTO XVI, 2007, p. 36; SCar 23.

<sup>129</sup> CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, 1992, p. 47.

<sup>130</sup> COMMISSIONE TEOLOGICA INTERNAZIONALE. **Documenti 1969-2004**. Bologna: Studio Domenicano, 2004. p. 42.

Neste ponto, trabalhar-se-á a nota da apostolicidade da Igreja, pois afirmar a existência de um sacerdócio comum é afirmar a garantia da sucessão apostólica ministerial<sup>131</sup>. Pode-se afirmar isso com uma forte e essencial alusão às Sagradas Escrituras, pois se diz já no Antigo Testamento “Quanto a vós, sereis chamados **sacerdotes de Iahweh**; sereis chamados ministros do nosso Deus”<sup>132</sup>; ainda “E Deus, que salvou todo o seu povo e a todos restitui a herança, a realeza, o **sacerdócio** e a santificação [...]”<sup>133</sup>. No Novo Testamento, tem-se o relato de Pedro sobre o sacerdócio restituído por Cristo e sua missão

Chegai-vos a ele, a pedra viva, rejeitada, é verdade, pelos homens, mas diante de Deus eleita e preciosa. Do mesmo modo, também vós, como pedras vivas, prestai-vos à construção de um edifício espiritual, para um **sacerdócio santo**, a fim de oferecerdes sacrifícios espirituais aceitáveis a Deus por Jesus Cristo [...]. Mas vós sois uma raça eleita, um sacerdócio real, uma nação santa, o povo de sua particular propriedade, a fim de que proclameis as excelências daquele que vos chamou das trevas para sua luz maravilhosa.<sup>134</sup>

Nestes relatos bíblicos fica evidente a dinâmica sacerdotal que está presente na história do povo de Deus desde sua origem. Pautando-se nisso, a Igreja vem refletindo sua teologia sobre o sacerdócio, entendendo-o em sua dimensão universal, pelo Batismo, e particular, pelo sacramento da Ordem. Deus chama, em Jesus Cristo, um novo povo a fim de torná-los “um reino de sacerdotes para Deus, seu Pai”<sup>135</sup>. Desta forma, todos os batizados são chamados a construir um edifício espiritual e um sacerdócio santo que tem como fundamento Cristo, a fim de oferecerem sacrifícios espirituais<sup>136</sup>.

Toda a comunidade dos fiéis é, ao seu modo, um corpo sacerdotal<sup>137</sup> quando exercita o seu Batismo. Por este sacramento recebe-se o tríplice múnus de Cristo<sup>138</sup> e agem em seu nome. Porém, ainda que

---

<sup>131</sup> COMMISSIONE TEOLOGICA INTERNAZIONALE, 2004, p. 53.

<sup>132</sup> Is 61,6.

<sup>133</sup> 2Mac 2,17.

<sup>134</sup> 1Pd 2, 4-5.9.

<sup>135</sup> Ap 1,6.

<sup>136</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 2011, 115; LG 10.

<sup>137</sup> CATECISMO da Igreja Católica, 2000, p. 424; CIC 1546.

<sup>138</sup> Sacerdote, profeta, rei/pastor.

as duas expressões do sacerdócio se difiram entre si, estão intimamente relacionadas, pois uma se ordena para a outra<sup>139</sup>. O sentido da diferenciação está em que

O sacerdócio comum dos fiéis se realiza no desenvolvimento da graça batismal, vida de fé, de esperança e de caridade, vida segundo o Espírito. O sacerdócio ministerial está a serviço do sacerdócio comum, refere-se ao desenvolvimento da graça batismal de todos os cristãos. É um dos meios pelos quais Cristo não cessa de construir e de conduzir sua Igreja, por isso, é transmitido por um sacramento próprio, o sacramento da Ordem.<sup>140</sup>

Como dito, a diferenciação não está para sublinhar uma divisão, mas para favorecer a complementariedade entre as duas maneiras de se viver o sacerdócio de Cristo. Entende-se, a partir dessa diferenciação, a definição do axioma *in persona Christi* daqueles que assumem o sacerdócio ordenado, pois é no serviço ministerial deste sacerdote que a ação de Cristo sacerdote e Cabeça da Igreja se manifesta. Desta forma o presbítero age *in persona Christi*, pois assume sua função de guia e “pastor-chefe da comunidade”<sup>141</sup>. Sendo assim, por assumir a missão de Pastor da Igreja em nome de Cristo, “[...] o sacerdote, em virtude do sacramento da Ordem, age ‘*in persona Christi Capitis*’”<sup>142</sup>.

Não obstante, novamente se assoma a isso a recorrente ênfase da origem do sacerdócio que é em Jesus Cristo. São os ministros hierárquicos da Igreja que mostram, pelo sacramento recebido e pelo testemunho de vida, serem eles o reflexo de Jesus chefe e Esposo da Igreja. Assim afirma Tomás de Aquino na *Summa Theologiae*: “Chistus autem est fons totius sacerdotii: nam sacerdos legalis erat figura ipsus; sacerdos autem novae legis in persona ipsius operatur [...]”<sup>143</sup>.

Cipriano Vagaggini no seu livro *O sentido teológico da Liturgia* aborda este tema ressaltando que no sacerdócio comum dos fiéis não há a possibilidade de transubstanciar as espécies do pão e do vinho, senão

<sup>139</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 2011, 115; LG 10.

<sup>140</sup> CATECISMO da Igreja Católica, 2000, p. 424; CIC 1574.

<sup>141</sup> COZZENS, Donald. **A espiritualidade do padre diocesano**. São Paulo: Loyola, 2008. p. 17.

<sup>142</sup> CATECISMO da Igreja Católica, 2000, p. 424; CIC 1548.

<sup>143</sup> “Ora, Cristo é a fonte de todo sacerdócio porque o sacerdote da antiga lei era figura de Cristo; e o sacerdote da nova lei age na pessoa de Cristo [...]” *Summa Theologiae* VIII, q. 22 a 4. p. 366.

em dependência dos sacerdotes ordenados quando na Santa Missa.<sup>144</sup> E ainda, todas as ações sacerdotais por parte dos batizados só é entendida como tal tendo como pressuposto ou sendo consequência do sacerdócio hierárquico.

Contudo, não se há de pensar que o sacerdócio dos fiéis seja menos importante, pois os batizados estão realmente oferecendo um sacrifício. Igualmente, pensa-se no caráter batismal desta oferta e “Isso consiste propriamente no fato de que oferecem como seu próprio sacrifício [...], o sacrifício que Cristo oferece por meio do sacerdócio hierárquico.”<sup>145</sup>.

Enfim, pode-se afirmar resumindo que

Nondimeno, tra tutti i suoi discepoli il Signore Gesù volle sceglierne alcuni in particolare, perché esercitando pubblicamente nella Chiesa in suo nome l'ufficio sacerdotale a favore di tutti gli uomini, continuassero la sua personale missione di maestro, sacerdote e pastore.<sup>146</sup>

Ao assumir essa missão especial e particular de Jesus, os sucessores dos Apóstolos, os Bispos, e juntamente com eles os presbíteros, seus colaboradores, tivessem condições de servir o povo. Assim é dito que os chamados pelo Senhor para o serviço do povo, por graça do sacramento da Ordem, sejam consagrados como verdadeiros sacerdotes do Novo Testamento, a fim de que, unidos ao Bispo “[...] saranno predicatori del Vangelo, pastori del popolo di Dio, e presiederanno le azioni di culto, specialmente nella celebrazione del sacrificio del Signore.”<sup>147</sup>.

## 2.2 Ação Litúrgica *in persona Christi*

Afirmar que o sacerdote age *in persona Christi* graças ao Espírito Santo que fecunda o seu coração a ponto de transformar suas ações nas próprias ações de Cristo, já foi bastante elaborado. O que será apresentado agora está no âmbito puramente litúrgico, pois é nesse que o axioma se manifesta de maneira plena e real. Usando-se de vocabulários e trechos

---

<sup>144</sup> VAGAGGINI, Cipriano. **O sentido teológico da liturgia**. São Paulo: Loyola, 2009. p. 152.

<sup>145</sup> VAGAGGINI, 2009, p. 152.

<sup>146</sup> POLLIANI, Francesco. **I Ministeri nella Chiesa: Il sacramento dell'Ordine**. Beau Bassin: Sant'Antonio, 2018. p. 99.

<sup>147</sup> POLLIANI, 2018, p. 99-100.

de obras que dissertam sobre o assunto, falar-se-á da *ars celebrandi*, da *ars praesidendi* e a *ars vivendi* do presidente como representante de Cristo na ação litúrgica.

A fundamental importância da celebração na vida do cristão batizado não deve ser negligenciada, pelo contrário, há de ser fomentada para uma ativa participação litúrgica. O responsável primeiro pela fomentação dessa celebração consciente, é o presidente. A maneira mais efetiva de fazer isso é ele mesmo estar imbuído da consciência celebrativa e da arte de celebrar. Em consequência disso, saberá bem presidir e viverá de acordo com essa missão presidencial sendo autêntico discípulo de Cristo sacerdote, passando a agir, no todo da vida, *in persona Christi*.

### **2.2.1 *Ars Celebrandi*: um chamado à consciência celebrativa**

Para iniciar a reflexão sobre o tema do axioma na vida litúrgica da Igreja, faz-se mister compreender o que se trata quando se fala da celebração, ou ainda, quando se faz referência à importância da arte de celebrar. O desejo de elucidar a importância de celebrar bem está ligado com a ideia central de que a melhor forma de favorecer a participação ativa de todos os fiéis é celebrar com dignidade, sendo assim “a arte da celebração é a melhor condição para a participação ativa”<sup>148</sup>.

De modo especial, aqueles que estão à frente da assembleia reunida para celebrar, precisam estar conscientes da grandeza do que se está realizando.<sup>149</sup> A ação litúrgica é a celebração da comunidade reunida, todos os que estão aí e devem estar ativamente aplicados para o bom exercício da mesma celebração.<sup>150</sup>

É necessário debruçar-se sobre o tema da arte de celebrar, pois o pouco que se meditou sobre ela nos últimos anos foi prejudicial à dinâmica celebrativa, o que resultou em seu empobrecimento no seu sentido original.<sup>151</sup> A dinâmica de celebrar carrega em si elementos que tornam a liturgia algo além de um mero fazer, mas passa a carregar em si os significados que possui. Somente assim pode se dizer que celebrar é estar na presença de Deus,

---

<sup>148</sup> BENTO XVI, 2007, p. 60; SCAR 38.

<sup>149</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 2011, 41; SC 14.

<sup>150</sup> BOROBIO Dionisio. **A celebração na liturgia 1**: Liturgia e sacramentologia fundamental. São Paulo: Loyola, 1990. p. 165.

<sup>151</sup> MARINI, Piero. **Presidir a celebração da Eucaristia**: ars celebrandi. Brasília: CNBB, 2018. p. 31.

[...] porque as pessoas se encontram diante dele como uma presença que participa de tudo o que acontece [...]. Dessa forma os fiéis na liturgia “fazem teologia”, no sentido de que vivem o mistério e fazem dele experiência: *celebrar é fazer mistagogia*.<sup>152</sup>

A fundamental atenção às rubricas, reflexo de uma *ars celebrandi* encarnada, não pode ser entendida como uma absolutização destas, mas como forma de expressar a fé da Igreja. Por isso, aqueles que celebram, de maneira especial o presidente, precisa tomar cuidado para que não se caia nem em um rubricismo nem em um desleixo. Mas que “[...] venha à tona aquela beleza que é sempre eloquência eficaz do gesto e da palavra [...]”<sup>153</sup>

A celebração é dinâmica, pois movida pelo Espírito Santo. Por esse motivo e seguindo o que Paulo diz aos Coríntios nos capítulos de 11 a 14, referindo-se ao modo como a comunidade deveria se comportar, a Igreja salienta a diferença de funções nas celebrações litúrgicas. Por ser inspirada pelo Espírito Santo se revela como a oração da unidade da Igreja, ainda que com diferentes carismas.

À unidade da celebração são chamados todos os que celebram, portanto cada um a seu modo deve saber vivenciar bem a *ars celebrandi* que é, por excelência, a expressão fulcral da comunidade. Bento XVI afirma que

O elemento fundamental da *ars celebrandi* é a consonância, esta concórdia entre o que dizemos com os lábios e o que pensamos com o coração. O “*Sursum corda*”, [...] deveria ser já antes do Prefácio, antes da Liturgia, o “caminho” do nosso falar e pensar. Devemos elevar ao Senhor o nosso coração, não só como uma resposta ritual, mas como expressão de quanto acontece neste coração [...]<sup>154</sup>

---

<sup>152</sup> BIANCHI, 2010, p. 72.

<sup>153</sup> MARINI, 2018, p. 31.

<sup>154</sup> BENTO XVI. **Discurso durante o encontro com os sacerdotes da Diocese de Albano (Itália)**. Castel Gandolfo, 31 ago. 2006. Não paginado. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2006/august/documents/hf\\_ben-xvi\\_spe\\_20060831\\_sacerdoti-albano.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2006/august/documents/hf_ben-xvi_spe_20060831_sacerdoti-albano.html)>. Acesso em: 26 abril 2022.

Nestas palavras do Pontífice Emérito, tem-se um resumo e um desejo do que deve ser a vida litúrgica do sacerdote. Ele, assumindo em si a característica de Cristo sendo ponte entre Deus e os homens por virtude de sua ordenação, é chamado a inteirar em seu coração o que será feito ritualmente na celebração eucarística. Não somente quando já ordenado, mas em todo o processo formativo o seminarista precisa almejar, ao celebrar como presidente, a intimidade com o Senhor.

Por isso, a necessidade de uma formação litúrgica adequada nos seminários, para que quando o candidato está às portas da ordenação, isso não lhe caia como uma surpresa. Sabe-se que uma das funções principais do presbítero é a celebração dos sacramentos, porém a tentação de fazer disso um mero ritualismo, ou ainda, um descaso, é bastante grande. Assim como há um forte movimento de formação litúrgicas para todos os fiéis inseridos nas paróquias, como um desejo do Concílio Vaticano II<sup>155</sup>, da mesma forma no clero deveria se ter um forte movimento de formação para a arte de celebrar com dignidade.

### **2.2.2 *Ars Praesidendi*: o Cristo que preside**

A dimensão celebrativa possui lugar central na vida eclesial, e na dinâmica celebrativa, possui lugar de destaque aquele que está à frente da comunidade fazendo as vezes do próprio Cristo. O presidente da celebração assume uma dupla dimensão de oração, é ele que junta as orações da comunidade reunida e as eleva ao Pai, e é quem preside a assembleia e por isso se destaca dela.

Etimologicamente presidir é a junção de duas palavras latinas *prae*, que significa diante, e *sedere*, que significa sentar-se. Ou seja, presidir é estar sentado diante de algo, no caso, de uma assembleia. São Justino, teólogo do século II usou a palavra grega *pro-estos* para se referir ao que estava presidindo a assembleia eucarística.<sup>156</sup> A função presidencial não se trata aqui de algo meramente retórico ou por uma questão prática, ela é, antes de tudo, teológica<sup>157</sup>.

Essa característica de diferentes maneiras de celebrar possui fortes indícios bíblicos, por exemplo em Romanos 12,4 lê-se “Como num só corpo temos muitos membros, cada qual com uma função diferente”,

---

<sup>155</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 2011, 51-52; SC 43.

<sup>156</sup> JUSTINO DE ROMA. **I e II Apologias e Diálogo com Trifão**. São Paulo: Paulus, 1995. p. 83; 67,4.

<sup>157</sup> ALDAZÁBAL, José. **Vocabulário básico de Liturgia**. São Paulo: Paulinas, 2013. p. 297.

também o é da celebração litúrgica. Na mesma linha da diferenciação dos dois sacerdócios, aqui também não se trata de sobrepor um em detrimento ao outro, mas essa separação está justamente para valorizar cada qual ao seu modo.

Todos, presidente e assembleia, são chamados por Cristo que os reúne. São escolhidos e consagrados pelo Batismo. Ademais, há aqueles que são chamados para uma vocação específica. A estes, o Senhor consagra pelo sacramento da Ordem, fazendo-os “aptos a agir na pessoa de Cristo-Cabeça para o serviço de todos os membros da Igreja.”<sup>158</sup> O sacerdote que preside é, como afirma o Catecismo da Igreja Católica, como um “ícone de Cristo Sacerdote”<sup>159</sup> enquanto a comunidade reunida é imagem de Cristo-membros.<sup>160</sup>

Portanto, a presença de um presidente celebrativo não existe por si mesmo, não possui um fim em sua função própria. Ao contrário, o presidente é aquele que “faz fazer”<sup>161</sup>, ou seja, sua função precisa favorecer aos que dela participam o bom exercício de suas funções próprias. Graças a esta interpretação, pode-se perceber que a função presidencial está sempre em função de algo, deste modo, “Não existe uma presidência que não seja ‘para’ ou em função de um organismo a quem se presta esse serviço litúrgico.”<sup>162</sup>

Vale reforçar este elemento primordial de o sacerdote presidente ser aquele que favorece o “bem celebrar” daqueles que participam. Assim como o sacerdócio hierárquico complementa o sacerdócio comum dos fiéis, a presidência eucarística precisa favorecer, ou seja, complementar, a ação dos fiéis leigos na celebração eucarística. Aquele que preside bem e segue aquilo que lhe é próprio, fará com que os que participam na mesma celebração, façam-na de maneira frutuosa e viva.

Aquele que preside, está a serviço da comunidade. Seu ministério é uma das atividades concernentes à celebração litúrgica. Contudo, este poder está ligado primariamente a Cristo-Cabeça, pois

Graças a sua ordenação, o presidente pode realizar os gestos presidenciais, dirigir o conjunto da ação celebrativa, ser responsável pelo seu dinamismo,

---

<sup>158</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 2011, 494; PO, 2.

<sup>159</sup> CATECISMO da Igreja Católica, 2000, p. 322; CIC 1142.

<sup>160</sup> MARINI, 2018, p. 22.

<sup>161</sup> CAMPOS, José F. **Ministério da presidência: A arte de presidir a eucaristia.** São Paulo: Paulus, 2020. p. 15.

<sup>162</sup> CAMPOS, 2020, p. 16.

pelo seu ritmo, sua vida, sua autenticidade, sua unidade e sua coerência.<sup>163</sup>

Desta forma, a ação presidencial possui dois caracteres, um prático e um místico. É prático pois é sua responsabilidade favorecer a plena participação dos fiéis na liturgia. É mística por tornar visível Cristo, cabeça e servidor da Igreja, através do sacramento que recebeu.<sup>164</sup> Na celebração eucarística todos os fiéis colocam em prática o tríplice múnus recebido no batismo. Logicamente, todos celebram, porém cada qual ao seu modo, sempre como reflexo dessa prática do múnus batismal. O presidente da celebração, que é membro da comunidade,<sup>165</sup> o faz de maneiras bem específicas. Age como profeta quando proclama a Palavra de Deus e a propõe aos fiéis; rei/pastor quando orienta e acolhe seus fiéis para a celebração; sacerdote quando preside em nome de Cristo, revelando sua presença.

Portanto, presidir é uma *ars*, ou seja, uma arte, e precisa ser entendida como tal.<sup>166</sup> Em outras palavras presidir consiste em ser a

[...] arte de conjugar com tino esses dois papéis contrários, mas não contraditórios; um ascendente e, o outro, descendente. Na capacidade de manter essa tensão entre duas forças, duas correntes de dupla direção, mas não de natureza distinta, fundamenta-se o desafio apresentado pelo ministério de presidência da celebração.<sup>167</sup>

Como parte de seu múnus, o presidente expressa a catolicidade da Igreja e da sucessão apostólica, pois é sinal de comunhão com o próprio bispo, com os outros bispos da Igreja, com os demais sacerdotes, com o Papa.<sup>168</sup> Isto coloca aquele que preside em uma atitude de fazer a assembleia rezar a oração da Igreja, ou seja, a oração da unidade.<sup>169</sup>

---

<sup>163</sup> BOROBIÓ, 1990, p. 171.

<sup>164</sup> BOROBIÓ, 1990, p. 172.

<sup>165</sup> CAMPOS, 2020, p. 29.

<sup>166</sup> CARVALHO, Humberto R. de; LORENZ, Fernando. **Espiritualidade do padre diocesano**. São Paulo: Paulus, 2017. p. 75.

<sup>167</sup> BOROBIÓ, 1990, p. 172.

<sup>168</sup> BOROBIÓ, 1990, p. 172.

<sup>169</sup> BOSELLI, Goffredo. **O sentido espiritual da liturgia**. Brasília: CNBB, 2014. p. 126.

### 2.2.3 *Ars vivendi*: a consciência presidencial na vida do presbítero

O visto até então se trata do aspecto fortemente litúrgico, sem, é claro, separar da vida sacerdotal. No entanto, aqui se abordará, sob a égide da liturgia e da antropologia, a *ars vivendi* do sacerdote, ou seja, como essa prática litúrgica, de maneira mais efetiva na presidência, resulta numa vida que reflete Jesus sacerdote. Esse é o sinal, a nível pessoal, da presidência.

Diante do que foi posto, percebe-se uma grande crise a nível social e que reverbera na Igreja, a da autoridade. Essa realidade tem se alastrado fortemente na vida das paróquias na relação entre o sacerdote/pároco com os fiéis. Isso é resultado de uma desestruturação das famílias e da educação, mas encontra um substrato também no mau exercício da autoridade, bem como dos escândalos<sup>170</sup> provenientes de ministros que não souberam inculcar em sua vida a espiritualidade *in persona Christi*.

Portanto, para presidir bem o sacerdote precisa inculcar na sua vida o sentido das rubricas litúrgicas. De forma similar, precisa trazer em seu coração o conhecimento da face de Jesus sacerdote e se esforçar para vive-la bem. A melhor forma de ser íntimo de Jesus é através de uma vida em busca constante da santidade e da coerência de sua vida. Neste sentido, a comunidade tem papel fundamental.

A comunidade paroquial ou local é a família do sacerdote e, por isso, “A relação entre a comunidade e o dirigente comunitário constitui a parte central da identidade e da espiritualidade sacerdotal.”<sup>171</sup> Portanto, a missão do sacerdote que preside à comunidade é aquela da unidade, eles são chamados a ser, em virtude de seu ministério, homens que não se conformem a esse mundo<sup>172</sup>. Mas sua missão, “[...]” exige também que vivam neste mundo entre os homens e, como bons pastores, conheçam as suas ovelhas e procurem trazer a este redil aquelas que não lhe pertencem, para que também elas ouçam a voz de Cristo [...]”<sup>173</sup>.

Por este motivo se percebe a necessidade de uma formação de qualidade, inicial e permanente, e que levem os candidatos ao sacerdócio ao conhecimento profundo de si mesmos e de Jesus Bom Pastor, modelo e desejo de todo sacerdote. A consciência dessa dimensão pastoril do

---

<sup>170</sup> COZZENS, Donald. **A face mutante do sacerdócio**: reflexão sobre a crise da alma do sacerdote. São Paulo: Loyola, 2001. p. 175-179.

<sup>171</sup> COZZENS, 2008, p. 16.

<sup>172</sup> Rm 12,2.

<sup>173</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 2011, 496; PO, 3.

sacerdote o faz perceber como enviado do Divino Pastor.<sup>174</sup> Nessa visão, torna-se quase uma condição pessoal agir de acordo com Cristo que o envia.

Diante da crise apresentada acima sobre a imagem do sacerdote diante da comunidade, a resposta é somente uma, agir como Cristo Bom Pastor e Sacerdote. Nesta imagem o sacerdote possui toda a fonte de inspiração para a sua ação pastoral de unidade e de testemunho. O sacerdote é chamado a ser *alter Christus* em Cristo, ou seja, ser sinal de Jesus no meio das pessoas, mas com um enraizamento fecundo e primordial na sua natureza divina e humana.

São João Paulo II ao usar o termo *alter Christus* fez lembrar a todos os sacerdotes a realidade sacramental própria de seu ministério bem como a sua expressão no serviço aos irmãos<sup>175</sup>

Questa maturità si esprime come un'approfondita lettura dell'essenza stessa del sacerdozio sacramentale e, dunque, anche della vita personale di ogni sacerdote, cioè della sua partecipazione al mistero salvifico di Cristo: "*Sacerdos alter Christus*". È un'espressione, questa, che indica quanto sia necessario partire da Cristo per leggere la realtà sacerdotale.<sup>176</sup>

Por ser sinal visível palpável de Cristo no meio dos fiéis, o sacerdote é, por definição, o homem da comunhão. Carrega em si alguns traços fundamentais da vida de Jesus, por isso, deve levar a termo a sua missão como Cristo que “amou a sua Igreja e se entregou por ela”<sup>177</sup>. Por isso se diz que não existe imagem mais eloquente para o padre, especialmente o padre diocesano, do que Cristo Bom Pastor. “O presbítero, por sua inteira doação a Deus e à Igreja, torna-se sacramentalmente a presença de Jesus Cristo que continua a cuidar e a pastorear suas ovelhas.”<sup>178</sup>

---

<sup>174</sup> KASPER, Walter. **Servidores da alegria**: existência sacerdotal, serviço sacerdotal. São Paulo: Loyola, 2008. p. 69.

<sup>175</sup> SÁ, Nilson L. de. **O sacerdócio**: mistério de fé. São José dos Campos: ComDeus, 2018. p. 107.

<sup>176</sup> JOÃO PAULO II. **Carta aos sacerdotes por ocasião da Quinta-Feira Santa de 1991**. Vaticano, 10 mar. 1991. Não paginado. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/it/letters/1991/documents/hf\\_jp-ii\\_let\\_19910310\\_letter-to-priests.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/it/letters/1991/documents/hf_jp-ii_let_19910310_letter-to-priests.html)>. Acesso em: 28 abril 2022.

<sup>177</sup> Ef 5,25.

<sup>178</sup> CARVALHO, Humberto R. de; LORENZ, Fernando. 2017, p. 94.

A fecundidade do ministério sacerdotal passa também pela sua vida testemunhada. Aquilo que o sacerdote é chamado a exercer na vida litúrgica através da presidência, o é também na sua vida cotidiana sendo o porta-voz de Deus na vida do povo que dele se aproxima. Desta forma, o testemunho do sacerdote possui um aspecto forte, pois, com “[...] sua vida entregue e a sua palavra submergida na verdade [...]”<sup>179</sup> consegue responder ao mundo as mais diversas questões. Sua vida, enfim, é um grande sinal do chamado de Deus à vocação universal à santidade.

A vida de testemunho do sacerdote, torna-se, assim, a expressão mais legítima da sua vivência da vida litúrgica eucarística, e a incorporação do axioma litúrgico *in persona Christi*. Outrossim, o sacerdote é chamado para responder ao apelo de Deus em sua vida e auxiliar os demais na sua resposta ao Senhor. Por isso, é constantemente levado a refletir sobre a questão de Deus e interpelado a manter acesa a chama da fé nos irmãos. O critério a levar em conta a respeito do testemunho é esse “Os homens que encontramos percebem ou não a presença de Deus através de nós?”<sup>180</sup>. E mais, a presidência eucarística é o ponto fulcral dessa demonstração? Esta pergunta fundamental precisa ser posta e refletida a partir da formação inicial e continuar sempre no itinerário formativo dos sacerdotes.

### 2.3 Ação sacerdotal *in persona Christi*

O sacerdote é chamado a se configurar a Cristo em todos os âmbitos de sua existência. Cristo é o modelo. O agir sacerdotal há de ser pautado nas Escrituras que falam dos sentimentos do Divino Esposo da Igreja, e assim, ser pleno das graças misericordiosas de Deus. Pelas limitações humanas, o sacerdote precisa se abastecer de fontes de águas limpas. A principal e mais frutuosa é a participação ativa, a seu modo, na vida litúrgica da Igreja, de modo especial da Eucaristia.

Pela dinâmica litúrgica, o ministro ordenado se entende como pregador de Cristo e seu fiel mensageiro. Mensagem essa que, além de passar por suas bocas, passa antes por suas mãos. A Eucaristia é a fonte da caridade sacerdotal, e deve ser sempre o ponto de retorno diante das dificuldades. A presidência eucarística, principal função ministerial do sacerdote, há de ser reflexo de um encontro pessoal com Cristo, a fim de

---

<sup>179</sup> NORIEGA, 2020, p. 136.

<sup>180</sup> AUGUSTIN, George. **Colaboradores da vossa** alegria: o ministério sacerdotal hoje. Petrópolis: Vozes, 2018. p. 37.

gerar nos fiéis o desejo da unidade através do exercício do seu sacerdócio comum.

### 2.3.1 Agir como Cristo: configuração aos seus sentimentos

O sacerdote é o ícone de Cristo.<sup>181</sup> Não somente pela virtude de sua ordenação, mas por causa de suas atitudes também. Na verdade, as suas atitudes revelam que a graça recebida pela Ordem encontrou espaço no coração e atingiu todas as esferas de sua vida. A máxima que deve se fazer presente nas orações dos sacerdotes, como se fosse um refrão, é o que São Paulo diz aos Filipenses “Tende em vós o mesmo sentimento de Cristo Jesus.”<sup>182</sup>

O sentimento primordial da vida de Jesus é o amor. Por ele, fez tudo aquilo que o Pai lhe ordenou. Amor expresso na entrega total ao Pai e aos irmãos, nesse sentido afirma Bento XVI “O amor de Deus por nós é questão fundamental para a vida e coloca questões decisivas sobre quem é Deus e quem somos nós”<sup>183</sup>. Por amor Deus entrega seu Filho e, também por amor, chama os homens para uma aproximação mais íntima. Quer fazer deles seus ministros.

Não obstante, o amor de Deus atinge os sacerdotes por essa eleição divina e, por isso, o amor sacerdotal deve atingir os fiéis. No entanto, o amor primeiro do sacerdote, tendo sempre Cristo como exemplo, é o Pai. Sendo assim, “A opção fundamental pelo amor de Deus ordena a escala de valores de cada pessoa, entre elas a daqueles que respondem consagrando-se ao ministério ordenado no coração da Igreja.”<sup>184</sup>

O amor paterno de Deus incute no coração do padre certo critério de valores para os “amores” que se lhe apresentam. Diante da massificação do amor e da sua dessacralização, o sacerdote é chamado a ser sinal do verdadeiro amor, aquele que salva, que dá a vida<sup>185</sup>. Necessariamente desenvolve em si uma sensibilidade para filtrar suas ocupações e dar o tempo devido a cada uma delas. Pelo amor ao Pai, o sacerdote percebe o que é algo importante para a sua vida ministerial e que lhe ajudará no exercício saudável de seu ministério.<sup>186</sup>

Como resultado dessa sensibilidade que o possibilita balizar sua vida, o presbítero sente seu ministério frutificando, tendo sentido. Passa

---

<sup>181</sup> CATECISMO da Igreja Católica, 2000, p. 322; CIC 1142.

<sup>182</sup> Fl 2,5.

<sup>183</sup> ENCÍCLICAS DE BENTO XVI, 2005-2013, 2022, p. 60; DCE, 2.

<sup>184</sup> NORIEGA, 2020, p. 118.

<sup>185</sup> Jo 13,1.

<sup>186</sup> NORIEGA, 2020, p. 118.

a sentir o amor de Deus pela e na graça sacramental que recebeu e no seu exercício. A alegria é a marca fundamental do sacerdote. O Papa Francisco tem refletido constantemente sobre a alegria. De modo especial a alegria daqueles que estão à frente das comunidades. Por isso, ele afirma que a existem três características fundamentais da alegria do sacerdote, alegria que unge, que é incorruptível e missionária.

O pontífice, quando por ocasião da Missa Crismal de 2014, explica essas expressões da alegria. Ela unge porque penetra no íntimo no coração pelos sinais sacramentais, por isso a graça é derramada plenamente, na integridade e de modo abundante sobre o sacerdote, com isso “[...] a nossa alegria, que brota de dentro, é o eco dessa unção.”<sup>187</sup>

É uma alegria incorruptível, pois é derramada na integridade do Dom, ou seja, é fonte incessante de alegria. “Pode ser adormentada ou sufocada pelo pecado ou pelas preocupações da vida, mas, no fundo, permanece intacta como o tição aceso dum cepo queimado sob as cinzas, e sempre se pode renovar.”<sup>188</sup>

Por fim, é uma alegria missionária, pois cumpre o mandato do Senhor, de sair de si mesmo. A alegria sacerdotal está ligada com o povo de Deus, pois a unção ordena para ungir este mesmo povo batizado a fim de curar suas feridas, animar, consagrar. Por isso, o sacerdote precisa ser íntimo desse povo, “Um pastor com o cheiro das ovelhas”<sup>189</sup>

Pela sua configuração a Cristo sacerdote<sup>190</sup>, eles agem em nome de sua pessoa. Sua vida, portanto, precisa estar enraizada na caridade de seu Mestre. Isso requer que a marca principal dos ministros seja essencialmente o serviço ao povo de Deus.

Um serviço feito de ânimo alegre, de boa vontade e segundo Deus: deste modo os ministros, os "anciãos" da comunidade, isto é, os presbíteros, poderão ser “modelo” do rebanho que, por sua vez, é chamado a assumir, frente ao mundo inteiro, essa

---

<sup>187</sup> FRANCISCO. **Homilia do Papa Francisco**. Vaticano, 17 abril 2014. Não paginado. Disponível em:

<[https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2014/documents/papa-francesco\\_20140417\\_omelia-crisma.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2014/documents/papa-francesco_20140417_omelia-crisma.html)>. Acesso em: 29 abril 2022.

<sup>188</sup> FRANCISCO. 2014, não paginado.

<sup>189</sup> PAPA FRANCISCO. **Homilia do Santo Padre Francisco**. Vaticano, 28 março 2013. Não paginado. Disponível em:

<[https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2013/documents/papa-francesco\\_20130328\\_messa-crismale.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2013/documents/papa-francesco_20130328_messa-crismale.html)> Acesso em: 29 abril 2022.

<sup>190</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 2011, 517; SC 12.

atitude sacerdotal de serviço à plenitude da vida do homem e à sua libertação integral.<sup>191</sup>

A vida sacerdotal assume, enfim, uma tríplice característica, de ser uma entrega de amor ao Pai e aos irmãos, da alegria constante do chamado e da resposta a esse amor e serviço concreto aos fiéis que lhe são confiados. Essas atitudes, quando feitas segundo a vontade de Deus, refletem a seriedade do chamado e dedicação em assumir a vida e o agir de Cristo.

### **2.3.2 A Dimensão caritativa sacerdotal: a Eucaristia como fonte da caridade**

Santo Tomás de Aquino afirma que a santíssima Eucaristia é o sacramento da caridade<sup>192</sup>. Bento XVI reitera a proposição de Tomás e escreve a Exortação pós-sinodal *Sacramentum Caritatis* a fim de repontar a Eucaristia como a fonte de toda a ação da Igreja. A Eucaristia é a súpula da vida caritativa pois é a doação de Cristo por cada pessoa humana.<sup>193</sup>

Pelo sacramento da Eucaristia os fiéis são levados ao contato mais íntimo com o Senhor através de sua entrega. Nessa relação, são imbuídos da caridade divina e chamados a ser, por função do seu Batismo, discípulos da caridade, não obstante os ministros sagrados. Estes assumem o ministério da Eucaristia, são seus ministros ordinários<sup>194</sup>, e, por sua origem, são também ministros da caridade.

Pelo sacramento da unidade, que é a Eucaristia, o sacerdote constitui o elo entre as realidades divina e terrestre. Esse elo é intensificado pela caridade evangélica. Jesus Cristo ao instituir a Eucaristia e o Sacerdócio, fê-los para serem sacramentos da caridade, pois na ceia dá em alimento seu corpo “entregue por vós” e seu sangue “derramado por todos”<sup>195</sup>. Fora dito anteriormente que estes dois sacramentos foram instituídos juntamente, isso reitera o sacerdócio como ministério da caridade.

Toda a comunidade celebra a Eucaristia frequentemente juntamente com o ministro ordenado, não simplesmente como uma lembrança de um fato passado, mas como um contato atual e presente,

---

<sup>191</sup> JOÃO PAULO II, 2009, 56; PDV, 21.

<sup>192</sup> TOMÁS DE AQUINO. Suma Teológica. São Paulo: Loyola, 2006. p. 245; Sum. Theol IIIa q. 73. a. 3. rep. 3.

<sup>193</sup> BENTO XVI, 2007, p. 3; SCar 1.

<sup>194</sup> CÓDIGO de Direito Canônico. São Paulo: Loyola, 2017. p. 421; CDC 900,1.

<sup>195</sup> Lc 22,19-20.

pois é perpetuado pela comunidade que celebra e “[...] oferece pela mão do ministro consagrado.”<sup>196</sup> Pela celebração da Eucaristia a comunidade celebra a caridade como realidade viva e concreta, pois a Eucaristia é a fonte da caridade<sup>197</sup>. Para os ministros ordenados isso deve ser ainda mais forte, pois

Quando celebramos a Eucaristia e ali representamos Cristo sacramentalmente, somos associados com Ele à dinâmica dessa dupla e única entrega: da entrega pastoral aos irmãos, da entrega filial a Deus. Em cada Eucaristia somos como que arrastados por Ele nesse duplo e único movimento da caridade pastoral. Identificamo-nos com esse movimento e, ao nos identificar, ativamos e enriquecemos em nós o sedimento da caridade pastoral depositado pela ordenação.<sup>198</sup>

Essa dupla dimensão da vida sacerdotal deve ser presumida já nos seminários. O forte apelo à devoção eucarística nas casas de formação precisa ecoar em um forte apelo à caridade. Uma vocação alicerçada na vida de Jesus entende que há a necessidade dessa dupla dimensão da vida cristã. A Liturgia se torna o espaço mais favorável para o exercício dessas duas dimensões; por isso, torna-se o espaço próprio da unidade.

### **2.3.3 A caridade litúrgica: um caminho para a unidade**

Na ação sacerdotal há elementos muito fundamentais que identificam o sacerdote com o Cristo Bom Pastor e Sacerdote Eterno. Viu-se algumas delas como a caridade pastoral proveniente da Eucaristia. No entanto, há uma que é ainda mais particular ao sacerdote quando este está presidindo uma ação litúrgica, que é a caridade litúrgica. Fundamenta-se como caridade litúrgica aquela atitude, ou conjunto de atitudes, capazes de fazer todos os que celebram a adentrar no mistério da celebração, fonte da caridade. Portanto, a maior expressão da caridade litúrgica sacerdotal é a promoção do bom exercício da função sacerdotal dos fiéis.

Outrossim, a boa prática da caridade litúrgica leva à educação da fé de todas as pessoas. Tudo aquilo que compete ao sacerdote presidente,

---

<sup>196</sup> ENCÍCLICAS DE SÃO JOÃO PAULO II, 2019, p. 1259; EE, 12.

<sup>197</sup> URIARTE, 2000, p. 55.

<sup>198</sup> URIARTE, 2000, p. 55.

deve ser feito com decoro e simplicidade, de modo a elevar o coração dos fiéis, e o seu, a um contato com Deus manifestado no belo e no simples. O bom gosto com as coisas sagradas, com as alfaías, os vasos sagrados, os paramentos, o espaço litúrgico, os cantos e leituras, enfim, “Todos estes elementos podem contribuir para uma melhor participação no Sacrifício Eucarístico.”<sup>199</sup>

O sacerdote presidente tem uma grande responsabilidade com relação à Sagrada Liturgia, pois “[...]compete presidi-la *in persona Christi*, assegurando um testemunho e um serviço de comunhão não somente para a comunidade que participa diretamente da celebração, mas também para a Igreja universal [...]”<sup>200</sup>. O presbítero, mas especialmente o pároco deve cuidar

[...] para que a Santíssima Eucaristia seja o centro da comunidade paroquial dos fiéis, empenha-se para que os fiéis se alimentem com a devota celebração dos sacramentos e, de modo especial, que se aproximem frequentemente do sacramento da Santíssima Eucaristia e da penitência. [...] Sob a autoridade do bispo diocesano, o pároco deve dirigir a liturgia em sua paróquia e é obrigado a cuidar para que nela não se introduzam abusos.<sup>201</sup>

Por sua assimilação com Cristo Cabeça, Pastor e Esposo da Igreja, os ministros ordenados são colocados não somente na Igreja, mas perante a Igreja, ou seja, são os primeiros responsáveis pelo exercício do sacerdócio comum dos fiéis. Em virtude da sua ordenação, são associados ao *corpus apostolicus (Apostolorum)* e se tornam embaixadores de Cristo<sup>202</sup> para anunciarem a salvação e corroborarem sua missão<sup>203</sup>.

Todos e cada um dos sacerdotes, inspirem-se em assumir a vida litúrgica como um sinal de perfeita caridade. Nesta celebração, encontram a pessoa de Cristo presente na assembleia reunida enquanto os fiéis encontrarão no sacerdote presidente a pessoa de Cristo Sacerdote. Dessa forma cada sacerdote a seu modo

[...] é enriquecido de graça especial para que servindo todo o povo de Deus e a porção que lhe

<sup>199</sup> CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, 1994. p. 51.

<sup>200</sup> ENCÍCLICAS DE SÃO JOÃO PAULO II, 2019, p. 1295; EE, 52.

<sup>201</sup> CÓDIGO de Direito Canônico, 2017, p. 267; CDC 528,2.

<sup>202</sup> 2Cor 5,20.

<sup>203</sup> JOÃO PAULO II, 2009, p. 43; PDV 16.

foi confiada, possa alcançar de maneira conveniente a perfeição daquele de quem faz as vezes e cure a fraqueza da sua carne a santidade daquele que por nós se fez Pontífice [...] <sup>204</sup>.

Em suma, a ação sacerdotal a partir do axioma *in persona Christi* perpassa toda a vida do ministro ordenado. O presbítero precisa estar constantemente aberto à ação do Espírito Santo para galgar no caminho de configuração a Cristo Sacerdote Bom Pastor. Pela prática litúrgica, onde de maneira mais expressiva ele age na pessoa de Cristo, precisa aprofundar sua caridade para com os demais. A fonte primeira dessa caridade se encontra na Eucaristia, ápice da vida litúrgica do sacerdote. Por fim, essa caridade se estende no bom exercício da presidência, sendo capaz de fazer os fiéis exercerem bem a função do sacerdócio comum, a fim de gerar a unidade.

---

<sup>204</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 2011, 517; PO, 12.

### 3. FUNDAMENTOS PARA A FORMAÇÃO PRESBITERAL A PARTIR DO AXIOMA *IN PERSONA CHRISTI*

Tendo fundamentado o que a Igreja desenvolveu ao longo dos anos em seus estudos sobre o Sacerdócio e sobre a Eucaristia, conseguiu-se perceber a íntima relação e dependência entre estes dois sacramentos importantes para a fé da Igreja. Além disso, estudou-se, a partir do axioma litúrgico *In persona Christi*, o papel do sacerdote na presidência eucarística e no favorecimento que este deve dar aos fiéis celebrantes, a fim de que todos celebrem conscientemente o Mistério Pascal de Cristo. Isso é possível quando o ministro ordenado exerce a sua caridade pastoral em vista do bem dos fiéis e da Igreja que celebra, também quando há a consciência da função de cada celebrante na ação litúrgica, exercendo a caridade litúrgica.

Esse dado fará com que se vença o rubricismo, bem como o desleixo pelas coisas sagradas. Contudo, precisa ser ensinado de modo organizado desde o processo formativo nos seminários. A liturgia precisa ser colocada no itinerário formativo não como uma simples matéria a ser proposta para cumprimentos de grades curriculares. Ao contrário, os seminaristas precisam entender que todo o processo formativo é perpassado pela liturgia, esse é o intento dos documentos formativos do Concílio Vaticano II e os ensinamentos posteriores.

A liturgia como um todo precisa ser entendida em seu espírito eclesial, mas também, e principalmente, como a arte de presidir conforme preside o Cristo-cabeça. Esse aspecto prático há de ser compreendido como um passo importante na formação inicial dos candidatos ao ministério ordenado, para que, chegando ao sacramento da Ordem, saibam como presidir a Eucaristia com consciência e reverência, auxiliando os fiéis no exercício de sua função sacerdotal.

A *ars preasidendi*, como já visto, baseia-se no presidir *in persona Christi*. Ver-se-á que este axioma pode servir como um caminho, um itinerário formativo para aqueles que almejam o sacerdócio. Será o intento deste capítulo apresentar como esse axioma pode ser a linha mestra que une os principais aspectos formativos, enraizando-os em uma espiritualidade eucarística, para assim, desenvolver uma vivência equilibrada e centrada na imagem de Cristo Sacerdote naqueles que estão no processo formativo.

### 3.1 O Homem presbítero

Entendendo que se trata de uma pessoa que responde ao chamado de Deus, faz-se necessário adentrar no mistério divino. Deus é um mistério para o ser humano, e o ser humano é um mistério para si mesmo. De igual forma a relação vocacional que há entre Deus e a pessoa que é chamada é vista como um mistério. Por isso, para que haja uma verdadeira adesão ao Cristo Sacerdote, os vocacionados precisam se predispor a fazer um caminho de discernimento e autoconhecimento.

Esse caminho, no entanto, não é feito sozinho. A Igreja, quando se debruça sobre a vocação sacerdotal, destaca fortemente a importância da direção espiritual. Trata-se de uma fundamental ajuda no processo formativo, pois aparece como um itinerário que ajudará o candidato a se conhecer, reconhecer a voz de Deus entre tantas vozes que se apresentam, além de auxiliar no amadurecimento da adesão ao chamado de Cristo.

Como exposto, é um caminho. Este, tem como fim uma resposta adequada ao chamado. A vocação se apresenta como um chamado à totalidade de vida, ou seja, uma doação que perpassa toda a vida do vocacionado. Neste sentido, o homem presbítero que participa da formação inicial precisa estar consciente de quem é, de suas qualidades e defeitos, através de um discernimento desde dentro, a fim de responder com radicalidade à sua vocação.

#### 3.1.1 Configuração a partir de dentro: processo de discernimento

Como foi visto nos capítulos anteriores, a Celebração Eucarística possui um espaço fundamental dentro da vida sacerdotal, dado que nela o presbítero exerce, de modo ímpar, o *múnus* recebido na ordenação de ser o condutor do povo nas coisas que se referem a Deus. Por isso, o axioma *in persona Christi* revela uma condição necessária para a vida do sacerdote na sua totalidade. Para tanto, é fundamental que desde o processo formativo inicial seja incentivado um real encontro com Jesus, fazendo com que os candidatos ao sacerdócio se configurem a Cristo em todo o seu ser.

A Igreja, preocupada com essa dimensão, apresenta meios para que esse processo seja executado da forma efetiva. Os documentos sobre a formação ressaltam a importância do discernimento vocacional, não somente no processo anterior à entrada no seminário, mas já para aqueles que deram esse passo e já se encontram inseridos no processo formativo. A Igreja quer, com isso, que a configuração seja o resultado de um encontro que brote do coração do candidato ao sacerdócio.

O tema do discernimento, antes de vê-lo como parte do cabedal de temas da teologia espiritual, ver-se-á inserido no contexto da teologia moral. Nesse sentido, discernir é saber escolher entre aquilo que é bom e o que não está de acordo com a vontade de Deus. Portanto, uma ação conforme à vontade de Deus é entendida como boa, enquanto aquela que se afasta dessa vontade, é má. Assim, na perspectiva cristã, o discernimento moral consiste em distinguir as ações morais, avaliando-as se são ou não conformes ao seguimento de Cristo. Destarte, na ótica cristã,

[...] il discernimento morale consiste nel distinguere le azioni valutando la loro corrispondenza o meno rispetto alla relazione con Cristo [...]. Il discernimento morale cristiano è l'individuazione del passo migliore che ela sequela di Gesù esige *hic et nunc*.<sup>205</sup>

Com isso, o discernimento é entendido como uma virtude. Definindo-o assim, percebe-se que não se trata de algo que o ser humano consiga realizar por suas próprias forças, não é algo exclusivamente humano. Ao humano junta-se o Espírito Santo como aquele que incute na alma humana, ou melhor, infunde nela o dom do discernimento.<sup>206</sup>

Na ótica moral, é perceptível que o discernimento tenha necessidade da relação com Deus, pois constitui uma escolha de caminho segundo a vontade divina. O Espírito Santo é enviado para aqueles que estão em discernimento a fim de gerar uma decisão firme de uma resposta. É possível passar por essa interpretação de discernimento na perspectiva moral para alcançar o âmbito da espiritualidade.

Igualmente, para que haja um discernimento dos espíritos conforme à vontade de Deus, é imprescindível o envio do Espírito Santo. Na caminhada vocacional, cada vocação é um dom gratuito de Deus, que escolhe as pessoas para as tornar santas e irrepreensíveis, adotando-as como filhos e filhas em seu Filho, Jesus Cristo.<sup>207</sup> Chama para fazer comunhão, por isso o chamado acontece e deve ser discernido no seio da comunidade eclesial, pois “[...] a dimensão vocacional é conatural e essencial à pastoral da Igreja.”<sup>208</sup> Todas as vocações possuem tal

---

<sup>205</sup> FUMAGALLI, Aristide. **Teologia del discernimento: Fondamenti e configurazioni**. Milão: Ancora, 2017. p. 137.

<sup>206</sup> FUMAGALLI, 2019, 144.

<sup>207</sup> Ef 1,3-5.

<sup>208</sup> JOÃO PAULO II, 2009, 91; PDV, 34.

dimensão eclesial mas a vocação sacerdotal encontra uma dimensão mais específica, pois “[...] é chamada, através do sacramento da Ordem, recebido na Igreja, a pôr-se a serviço do Povo de Deus com uma peculiar pertença e configuração a Jesus Cristo e com a autoridade de atuar ‘no nome e na pessoa’ dele, Cabeça e Pastor da Igreja.”<sup>209</sup>

Pela relação próxima que há entre o presbítero e o povo de Deus, é mister que aquele que está à frente das comunidades cristãs assuma em si também a imagem do Esposo, e veja na sua doação e compromisso aquela mesma entrega de Cristo. “A entrega de Cristo à sua Igreja, fruto do seu amor, está conotada com aquela dedicação original que é própria do esposo no seu relacionamento com a esposa.”<sup>210</sup> O discernimento entra aqui como esta ferramenta singular, favorecendo a escuta da voz de Deus e originando essa relação fundamental.

Na história da espiritualidade cristã o tema do discernimento é elaborado com bastante afinco, dado que é um passo importantíssimo na caminhada do encontro com o Senhor. Neste sentido “O discernimento espiritual é [...] fruto de uma luz especial que Deus derrama pelo Espírito Santo sobre nós.”<sup>211</sup> O objetivo do discernimento, portanto, é o de ser mais dócil à palavra de Deus e à sua ação, a fim de saber qual o caminho para o qual a sua vontade está direcionando.<sup>212</sup>

Na exegese bíblica o discernimento aparece nas cartas de São Paulo, dado que ele foi um grande diretor espiritual daquelas comunidades. Na carta aos Romanos, Paulo exorta os seus irmãos que se esforcem para se transformarem segundo a vontade de Deus<sup>213</sup>, e passem a viver segundo o espírito e não segundo a carne<sup>214</sup>. Na perspectiva paulina, aquele que recebe o Espírito Santo para discernir o caminho de acordo com a vontade de Deus é o homem espiritual.

A partir dessa interpretação bíblica paulina pode-se definir o discernimento espiritual como “[...] provar o coração do homem para que, livre de todo sentimento adverso aos princípios de Deus, possa fazer frutificar o bem.”<sup>215</sup> Nesta mesma linha o Papa Francisco afirma que o

---

<sup>209</sup> JOÃO PAULO II, 2009, 93; PDV, 35.

<sup>210</sup> JOÃO PAULO II, 2009, 58; PDV, 22.

<sup>211</sup> SCIADINI, Patrício. **A pedagogia da direção espiritual**. São Paulo: Loyola, 2006. p. 234.

<sup>212</sup> SCIADINI, 2006, 234.

<sup>213</sup> Rm 12.

<sup>214</sup> Rm 8.

<sup>215</sup> SCIADINI, 2006, 235.

discernimento é um dom necessário, um “[...] instrumento de luta, para seguir melhor o Senhor.”<sup>216</sup>

A definição de discernimento está relacionada diretamente com a dimensão espiritual. A espiritualidade é exclusivamente uma expressão relacional, ou seja, não se trata de algo passivo e inerte, mas dinâmico, faz parte do ser humano na sua esfera mais original. Portanto, a relação com Deus, em seu sentido mais amplo, e com os demais, está posta como o dado central e definidor da vida espiritual do homem e da mulher, pois dela todas as demais relações se derivam.<sup>217</sup>

Dentro do processo formativo, o discernimento assume um caráter singular. O discernimento vocacional, como dito anteriormente, é um processo de escuta ao Espírito Santo com o objetivo de fazer escolhas fundamentais na vida dos vocacionados. Nesse sentido, o questionamento sobre os estados de vida na perspectiva cristã toma um teor diferente, pois se direciona à prática da escuta e da vivência da Palavra de Deus para responder ao seu chamado de modo consciente. É necessário escutar o Espírito e deixá-lo iluminar a escolha vocacional, para tanto, exige-se um caminho de discernimento.<sup>218</sup>

### 3.1.2 Conhecimento de si: a direção espiritual no processo formativo

Quando se fala do discernimento espiritual como um caminho de conhecimento de si a partir de dentro, inevitavelmente aparece o tema da direção espiritual. Esta, no todo da vida cristã, possui um espaço de destaque, pois tem o objetivo de fazer-se reconhecer em um caminho que aponta para uma relação íntima com Deus. No processo formativo para os candidatos ao sacerdócio, e os sacerdotes já ordenados, a direção espiritual é apresentada como um dom privilegiado e uma responsabilidade intrasferível.<sup>219</sup>

---

<sup>216</sup> FRANCISCO. *Exortação Apostólica Gaudete et Exultate*. São Paulo: Paulus, 2018, p. 79; GeE 169.

<sup>217</sup> CENCINI, Amedeo. *Construir cultura vocacional*. São Paulo: Paulinas, 2013, p. 39.

<sup>218</sup> ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DO SÍNODO DOS BISPOS, XV, 2017, Vaticano. **Os jovens, a fé e o discernimento vocacional**: Documento preparatório. Vaticano: 2017. Não paginado. Disponível em: <[https://www.vatican.va/roman\\_curia/synod/documents/rc\\_synod\\_doc\\_20170113\\_documento-preparatorio-xv\\_po.html#2.\\_O\\_dom\\_do\\_discernimento](https://www.vatican.va/roman_curia/synod/documents/rc_synod_doc_20170113_documento-preparatorio-xv_po.html#2._O_dom_do_discernimento)>. Acesso em: 01 junho 2022.

<sup>219</sup> CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, 2017, p. 83; RFIS 107.

A direção espiritual é entendida como uma ajuda dada por um cristão a outro cristão em vista de sua relação com Deus. O enfoque aqui é na relação com o Senhor e como que aquele que é orientado, pode responder pessoalmente a esse Deus que se comunica. Tendo como objetivo uma intimidade maior e individual com o Totalmente Outro, a direção espiritual deixará de ser um processo em que se priorizam as ideias e os discursos, focando na experiência com o Sagrado.<sup>220</sup>

Neste aspecto, a direção espiritual dentro dos seminários precisa ser algo constituinte do plano formativo. O acompanhamento espiritual neste processo se direciona para o bom exercício do futuro ministério, por isso não deve ser algo esporádico, mas sistematizado e frequente, tendo em vista que “a qualidade do acompanhamento espiritual é, de fato, importante para a própria eficácia do todo o processo formativo.”<sup>221</sup> Contudo, a vida sacerdotal possui inúmeros ministérios que lhe são próprios e, por isso, precisam estar em uma sintonia cada vez maior com o único modelo e mestre daqueles que buscam a missão sacerdotal.<sup>222</sup> O acompanhamento espiritual proporciona esse encontro de maneira mais segura, através da ajuda de um irmão que já caminhou um pouco mais.

O axioma litúrgico *in persona Christi* se apresenta aqui também na perspectiva da maturidade espiritual. Tendo em vista que o sacerdote age na pessoa de Cristo, sua vida deverá ser um exercício constante de aproximação desse ideal. Quanto mais imbuído da vida espiritual, mais próximo desta imagem ele chegará. Para tanto, esforçar-se-á para trazer em si os sinais da “plena maturidade de Cristo”<sup>223</sup>, sob a ação do Espírito Santo. Quanto mais maduro for o presbítero, mais a sua vida brilhará como sinal àqueles que possuem o desejo de abraçarem o ministério ordenado.

Esta é a centralidade da prática da direção espiritual, favorecer o amadurecimento da fé e da experiência religiosa, para aqueles que já foram ordenados, mas, principalmente, para os que estão no processo. Na formação inicial isso precisa ser constantemente lembrado, pois se trata de homens que serão guias religiosos nas comunidades. E para não correr o risco de serem guias cegos, é importante que entendam essa dinâmica espiritual do acompanhamento, a fim de galgarem satisfatoriamente no conhecimento de si, em vista da sua entrega total. Essa experiência

---

<sup>220</sup> BARRY, William; CONNOLLY, William. **A prática da direção espiritual**. São Paulo: Loyola, 1987. p. 22.

<sup>221</sup> CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, 2017, p. 83; RFIS 107.

<sup>222</sup> SCIADINI, 2006, 309.

<sup>223</sup> Ef 4,13.

religiosa, que é acompanhada pela direção espiritual, visa à configuração maior com Cristo. Esse é o parâmetro para avaliar o crescimento na vida espiritual.

Seu crescimento como (pessoa) cristã não é descrito em termos de sua conformidade ou não-conformidade a leis, mas em termos de sua transformação, que a torna mais semelhante ao Deus que a conheceu. [...] Sua experiência de Deus e da vida cristã a levará gradualmente a penetrar os mais profundos recessos do mistério do relacionamento de Deus conosco.<sup>224</sup>

Esse aprofundamento na vida cristã precisa ser acompanhado de maneira séria e comprometida. Para isso, o papel dos formadores é fundamental, pois são os condutores das casas de formação e responsáveis pelo processo formativo dos candidatos ao sacerdócio. Ele não será o diretor espiritual dos seminaristas de quem é responsável, mas favorecerá que se tenham constantemente sacerdotes para atenderem, tanto as confissões quanto a direção espiritual<sup>225</sup>.

O acompanhamento espiritual é importante não somente para aqueles que já ingressaram no seminário, também para aqueles que estão fazendo o processo de discernimento vocacional. Estes, olhando para seus párocos, devem encontrar neles um exemplo de vida sacerdotal e assim, sintam-se atraídos a este estilo de vida. Portanto, os presbíteros são os grandes incentivadores vocacionais nas paróquias e comunidades. Neste sentido, os padres sejam zelosos no acompanhamento destes jovens através da diligente direção espiritual, para que os auxiliem no entendimento da voz de Deus e saibam responder prudentemente a esse chamado.<sup>226</sup>

Em suma, a direção espiritual no processo de formação presbiteral possui uma relevância que não pode ser negligenciada. Tendo em vista a formação integral do candidato ao sacerdócio e somada ao acompanhamento psicológico, a direção espiritual abre caminhos na relação com o Transcendente. Esta relação possui uma finalidade muito clara, fazer com aqueles que se sentem chamados à vocação presbiteral,

---

<sup>224</sup> BARRY; CONNOLLY, 1987, p. 37.

<sup>225</sup> CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, 2017, p. 83; RFIS 107.

<sup>226</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 2011, 516; PO 11.

sigam “[...] de alma generosa e coração puro a Cristo Redentor”<sup>227</sup> sob a orientação paterna dos superiores.

### 3.1.3 O fruto de um processo: uma resposta total

Viu-se até então que o processo para formar o homem sacerdote passa por uma configuração a partir do coração, através do caminho de discernimento, em vistas da escolha da vocação. Neste percurso, a direção espiritual é apresentada como um auxílio para o autoconhecimento e amadurecimento da vida de fé e da experiência com Deus. O objetivo, tanto do discernimento quanto da orientação espiritual, é dispor o coração a fim de escutar com mais clareza os apelos do Senhor que chama.

O candidato ao sacerdócio que conseguiu fazer com sinceridade o discernimento vocacional e se abriu ao acompanhamento espiritual conseguiu mergulhar no processo de escuta de Deus. Como resultado deste processo ocorre a resposta. Esta, por sua vez, precisa ser total. A totalidade é consequência de um coração discernido e voltado para o Senhor. O discernimento autêntico resulta em uma resposta total, pois trata-se de um processo que gera uma decisão.<sup>228</sup>

Esta decisão total só pode ser fruto de um processo livre. A liberdade em seu aspecto psicológico e espiritual garante a seriedade da resposta, pois “[...] pode captar com maior verdade o sentido de tudo o que está vivendo [...]”<sup>229</sup>. A força desta resposta vem da consciência de um caminho feito a partir de uma escolha de dentro, por isso, Amedeo Cencini afirma que a força desta “decisão provém da intensidade do desejo”<sup>230</sup>.

A proposta do autor tem como foco as crises vivenciadas por aqueles que buscam o discernimento vocacional. Porém, pode-se interpretar pela ótica da resposta dada a um determinado estado de vida, excluindo todos os outros. Neste sentido, diz-se que se escolhe algo e exclui todos os outros é porque há um desejo intenso e interior que o atrai para aquela direção.<sup>231</sup> Outrossim, a resposta de que se vem falando está nesta esfera de uma renúncia para uma adesão radical. Se há uma escolha pela vocação sacerdotal e seu processo de formação, de acordo com o foco deste estudo, é porque há no interior daqueles que buscam esta

<sup>227</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 2011, 301; OT 3.

<sup>228</sup> CENCINI, Amedeo. **Os passos do discernimento**. São Paulo: Paulinas, 2022. p. 75.

<sup>229</sup> CENCINI, 2022, 75.

<sup>230</sup> CENCINI, 2022, 75.

<sup>231</sup> CENCINI, 2022, 76.

vocação um desejo intenso de se aproximar dela e responder a ela com radicalidade.

Esta radicalidade figura-se na imagem da cruz de Cristo. No Mistério Pascal se vê uma entrega sem reservas, que atrai tudo para ele<sup>232</sup>, por isso, entende-o como um sinal de integração. Este, por sua vez, recapitula todas as escolhas e respostas em Cristo, tornando-o o centro do processo. Neste sentido, descreve-se esta integração

[...] como a capacidade de construir e reconstruir, compor e recompor a própria vida e o próprio eu em torno de um centro vital e significativo, fonte de luz e calor, no qual se podem encontrar a própria identidade e verdade, e a possibilidade de dar sentido e realização a todo fragmento da própria história e da própria pessoa, [...] num movimento constante centrípeto de atração progressiva. Tal centro, para o crente, é o mistério pascal [...]<sup>233</sup>

A resposta total dada por aquele que fez um processo de discernimento e de acompanhamento espiritual precisa estar centrada em Cristo, na sua paixão, morte e ressurreição. Não há outro jeito! É exatamente na lógica da Cruz que todo o processo de discernimento faz sentido, pois ele afasta o medo e coloca diante do Espírito Santo com o desejo de se entregar na totalidade. É ele que liberta para uma resposta sem reservas e sem medos, a fim de que ela seja “[...] uma verdadeira saída de nós mesmos para o mistério de Deus, que nos ajuda a viver a missão para a qual nos chamou a bem dos irmãos.”<sup>234</sup>

A centralidade da radicalidade na resposta está no Mistério Pascal de Cristo que recebe a força do Espírito Santo para viver de maneira coerente a sua decisão. Pela Palavra de Deus e os Sacramentos da Igreja, o ministro ordenado vai se configurando a Cristo Sacerdote, Pastor e Cabeça da Igreja e assume a caridade pastoral, a fim de que chegue à perfeição cristã.<sup>235</sup>

O Espírito Santo, motivador da radicalidade na resposta, deposita nos vocacionados, dons específicos que se destinam à santidade, enriquecendo-os de valores e virtudes evangélicas. A radicalidade

---

<sup>232</sup> “[...] e quando eu for levantado da terra, atrairei todos a mim”. Jo 12,32.

<sup>233</sup> CENCINI, Amedeo. **A árvore da vida**: proposta de formação inicial e permanente. São Paulo: Paulinas, 2007. p. 130.

<sup>234</sup> FRANCISCO, 2018, p. 83; GeE 175.

<sup>235</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 2011, 165; LG 42.

evangélica, é exigência para todos os batizados, mas de maneira especial para os sacerdotes, pois estão à frente da Igreja. A radicalidade da resposta é manifestada por ação divina pelo florescimento “[...] de múltiplas virtudes e exigências éticas que se tornam decisivas para a vida pastoral e espiritual do sacerdote, como, por exemplo, a fé, a humildade perante o mistério de Deus, a misericórdia e a prudência.”<sup>236</sup>

O dom de uma resposta radical é dado pelo Espírito Santo, através de uma escuta atenta ao chamado de Deus e com uma vontade orientada para o estado de vida escolhido. A imagem dessa radicalidade é a Cruz de Cristo, nela o vocacionado encontra o ponto central e convergente de seu chamado. Portanto, os seminaristas estejam atentos para que sua vida espiritual seja fundada na escuta da Palavra de Deus e na celebração do Mistério Pascal, assumindo a imagem viva de Cristo, Cabeça e Pastor da Igreja.<sup>237</sup>

Por fim, após um processo de discernimento, com o auxílio da direção espiritual e por uma resposta total, o vocacionado está inserido no processo formativo de maneira efetiva e caminhando no percurso de configuração a Jesus Sacerdote. A Liturgia é o espaço próprio para este desenvolvimento, dado que está no foro espiritual, também pelo íntimo contato com Jesus, pela comunidade reunida, pela Palavra e pela Eucaristia. Por isso a importância de uma educação litúrgica no processo formativo.

### 3.2 O processo de formação como configuração

O período formativo compreende um itinerário regido por algumas dimensões importantes que ajudam no processo. O objetivo destas dimensões é formar o candidato ao sacerdócio em vista a uma missão particular de revelar o rosto de Cristo através de seus gestos e palavras.

As dimensões, no entanto, não podem ser entendidas como isoladas, mas constituem um meio pelo qual se forma a pessoa inteira. É um itinerário de vida que visa à configuração completa do homem a Cristo. Um caminho seguro para esta configuração é a Liturgia.

Nela e por ela, o sacerdote é convidado a desenvolver as características próprias de Cristo, em especial a caridade. A Liturgia favorece o crescimento espiritual e humano dos candidatos ao sacerdócio, mas também dos sacerdotes já ordenados no processo da formação permanente.

<sup>236</sup> JOÃO PAULO II, 2009, 27; PDV, 73.

<sup>237</sup> JOÃO PAULO II, 2009, 114; PDV, 42.

Cristo é o modelo de homem e de pastor. As dimensões formativas têm o intuito de auxiliar os formadores no processo de discernimento dos vocacionados, a fim de promoverem uma aproximação configurativa com Jesus. Não obstante, estas dimensões são vistas e interpretadas pela égide litúrgica.

### 3.2.1 Itinerário de vida: as dimensões da formação

O caminho feito até aqui se preocupou em mostrar a importância do discernimento dentro do processo formativo, dado que é através dele que se consegue entender a dinâmica da vocação. Contudo, o discernimento é um passo que precisa ser dado e acompanhado, não só pela direção espiritual, mas também pela formação em geral.

Como mãe, a Igreja entende que não basta ajudar no discernimento, mas é necessário acompanhar.<sup>238</sup> Por isso, preocupa-se com as vocações a ponto de engendrar um itinerário formativo para os seminários, com o intuito de que os candidatos ao sacerdócio se sintam preparados a dar uma resposta pessoal ao chamado de Deus, por uma doação total.<sup>239</sup>

Por isso, existem dimensões da vida pessoal e vocacional dos candidatos que precisam ser amadurecidas e inseridas com uma atenção especial dentro do processo da formação inicial. Fazem parte destas dimensões a humana, a espiritual, a intelectual e a pastoral tendo sempre em vista a formação integral da pessoa que é vocacionada.<sup>240</sup>

A dimensão humana é a base para a formação total do sacerdote, ou seja, ela permeia todas as outras dimensões. Como se trata de uma pessoa na sua totalidade, a maturação humana é uma exigência do próprio ministério presbiteral e resultado da caridade pastoral.<sup>241</sup> Por isso, o cuidado com esta dimensão da formação está direcionado, especificamente aqui, à boa execução das ações litúrgicas, à conduta moral alicerçada na castidade, à celebração dos Sacramentos, ao cuidado com os homens destinatários preferenciais da ação sacerdotal.

Por este motivo que a formação presbiteral revela uma

---

<sup>238</sup> JOÃO PAULO II, 2009, 114; PDV, 42.

<sup>239</sup> JOÃO PAULO II, 2009, 115; PDV, 42.

<sup>240</sup> CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE, V, 2007, Aparecida. **Documento de Aparecida**: texto conclusivo. Brasília: CNBB. p. 146; DAp. 319

<sup>241</sup> CNBB, 2010, p. 145; Doc. 93,249.

[...] particular importância relativamente aos destinatários da sua missão: precisamente para que o seu ministério seja humanamente mais credível e aceitável, é necessário que ele modele a sua personalidade humana de modo a torná-la ponte e não obstáculo para os outros, no encontro com Jesus Cristo; [...] seja capaz de conhecer em profundidade a alma humana [...]<sup>242</sup>

Na perspectiva de uma reta formação humana encaixam-se todas as demais dimensões. E esta dimensão tem por objetivo formar os seminaristas a fim de que se tornem pessoas responsáveis, equilibradas, educadas para o belo e para a castidade. Sejam conhecedores da própria história e consigam se relacionar com mulheres e homens de todas as idades e condições sociais. Enfim, sejam formados para desenvolverem “a própria personalidade, tendo por modelo e fonte Cristo, o Homem perfeito.”<sup>243</sup>

A dimensão espiritual fundamenta-se na comunhão com Deus, na amizade com Jesus e na solicitude ao Espírito Santo.<sup>244</sup> Ela é sustentada pela prática constante da oração e meditação da Palavra de Deus<sup>245</sup>, em busca de uma unidade íntima com Jesus a fim de realizar a vontade de Deus. Nesse sentido, o decreto conciliar *Optatam Totius* afirma que esta dimensão seja conduzida de modo a desenvolver nos seminaristas uma união familiar e assídua com Deus, Uno e Trino. Ratifica que os candidatos ao sacerdócio busquem ser íntimos de Jesus Sacerdote e

Vivam de tal maneira o mistério pascal de Cristo, que nele saibam iniciar o povo que lhes há de ser confiado. Aprendam a buscar a Cristo na meditação fiel da palavra de Deus; numa ativa comunicação com os santíssimos mistérios da Igreja, sobretudo por meio da Eucaristia e do Offício Divino [...].<sup>246</sup>

Pela dimensão espiritual os seminaristas poderão sustentar a sua vida vocacional seguindo os conselhos evangélicos da obediência, pobreza e castidade. Neste sentido, assume uma tripla dimensão,

---

<sup>242</sup> JOÃO PAULO II, 2009, 117; PDV, 43.

<sup>243</sup> CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, 2017, p. 76; RFIS 93.

<sup>244</sup> CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, 2017, p. 81; RFIS 101.

<sup>245</sup> JOÃO PAULO II, 2009, 127; PDV, 47.

<sup>246</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 2011, 305; OT 8.

trinitária, cristocêntrica e eclesial. Trinitária, pois será enviado pelo Pai para ser configurado a Cristo e atuar e viver segundo o Espírito Santo. Cristocêntrica, porque encontrará no Mistério Pascal de Cristo o sentido da sua entrega.<sup>247</sup> Por fim, é eclesial pelo chamado que o presbítero recebe de ser presença de Cristo, a fim de servir para gerar comunhão e da participação do povo de Deus.<sup>248</sup>

Uma outra dimensão da formação é a intelectual, que tem como objetivo o bom exercício da pastoral. Por isso, que os candidatos ao sacerdócio possam desenvolver um cuidado pela educação e estudo, ainda mais no contexto atual de avanços tecnológicos.<sup>249</sup> O estudo deve ser desenvolvido de modo que aqueles que almejam o sacerdócio tenham condições de expor, defender e anunciar as verdades reveladas e aquilo que é proposto pelo Magistério eclesial.<sup>250</sup>

A dimensão intelectual, parte fundamental da formação dos presbíteros,<sup>251</sup> incide diretamente nas outras dimensões da formação que recebem daquela um subsídio útil.

Isto significa que o desenvolvimento de todas as faculdades e dimensões da pessoa, incluindo a racional, com o vasto campo dos conhecimentos adquiridos, contribui para o crescimento do presbítero, servo e testemunha da Palavra na Igreja e no mundo.<sup>252</sup>

Por fim, a dimensão pastoral tem como modelo o próprio Cristo, Bom Pastor<sup>253</sup>. Esta dimensão consiste em desenvolver a capacidade para o exercício pastoral, relacionando o teórico com o prático. Sendo assim, para que os seminaristas tenham uma adequada formação pastoral, é preciso que

[...] as diversas experiências dos candidatos ao sacerdócio assumam um caráter “ministerial”, ficando intimamente relacionadas com todas as exigências próprias da preparação ao presbiterado

---

<sup>247</sup> CNBB, 2011, p. 163; Doc. 93,278.

<sup>248</sup> CNBB, 2011, p. 164; Doc. 93,279.

<sup>249</sup> JOÃO PAULO II, 2009, 138; PDV, 51.

<sup>250</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 2011, 312; OT 16.

<sup>251</sup> CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, 2017, p. 89; RFIS 117.

<sup>252</sup> CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, 2017, p. 89; RFIS 117.

<sup>253</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 2011, 302; OT 4.

[...], e com referência ao serviço do anúncio da Palavra, do culto e da presidência.<sup>254</sup>

Enfim, estas dimensões formativas se configuram como um grande itinerário, cujo objetivo é a configuração com Cristo Sacerdote. Neste sentido, a formação inicial dos seminários deve favorecer um entendimento ordenado dos objetivos de cada etapa formativa sempre à luz destas dimensões, naqueles que seguem à frente no caminho vocacional.

### **3.2.2 Formação e Liturgia: à guisa de um caminho seguro**

O presbítero bem formado está inserido com consciência em uma comunidade eclesial e sabe que o seu exercício pastoral será tanto mais fecundo quanto mais for a sua caridade pastoral. Viu-se que o sacramento que origina a caridade é principalmente a Eucaristia. Por inferência lógica, conclui-se que o ministério presbiteral será mais fecundo quanto maior for o seu zelo pela Eucaristia. Evidentemente não só no que se refere ao culto litúrgico eucarístico, mas nele por excelência.

Com a necessária centralidade que a Eucaristia tem no processo formativo, entende-se que é preciso uma educação litúrgica cada vez mais eficaz nos seminários.<sup>255</sup> Essa formação deve centrar-se no mistério pascal de Cristo e na caridade pastoral resultante da boa execução da tarefa presidencial. Salientou-se nos capítulos anteriores que o ato de presidir conscientemente é um exercício de caridade, no qual os presbíteros “se unem com a ação de Cristo Sacerdote, oferecem-se todos os dias totalmente a Deus, e, alimentando-se do Corpo do Senhor, participam amorosamente da caridade daquele que se dá como alimento aos fiéis.”<sup>256</sup>

Destarte, a formação adquire um caminho seguro quando procura educar os seminaristas na boa vivência da Liturgia. Esta educação promove o entendimento de que, por serem os ministros das coisas sagradas, principalmente da Eucaristia, os presbíteros possuem papel insubstituível. Nessa visão, os documentos apontam como fundamental a participação diária na mesa eucarística, tornando-se o momento essencial do dia a dia, tanto no seminário, como depois no ministério.<sup>257</sup> O objetivo é de que

---

<sup>254</sup> JOÃO PAULO II, 2009, 155; PDV, 58.

<sup>255</sup> JOÃO PAULO II, 2009, 130; PDV, 48.

<sup>256</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 2011, 520; PO 13.

<sup>257</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 2011, 520; PO 13.

[...] i seminattisti partecipino ogni giorno alla celebrazione eucaristica, di modo che, in seguito, assumano come regola della loro vita sacerdotale questa celebrazione quotidiana. [...] Infine, i candidati al sacerdozio saranno formati alle intime disposizioni che l'Eucaristia promuove: la riconoscenza per i benefici ricevuti dall'alto [...]; l'attegionamento oblativo [...]; la carità [...]; il desiderio di contemplazione e di adorazione [...].<sup>258</sup>

O estudo da Sagrada Liturgia está inserido na perspectiva teológica, ou seja, não é um estudo separado, ou exclusivo, mas seguindo o caminho da Sagrada Escritura, dos estudos dogmáticos, da Cristologia e Soteriologia, enfim, como parte do *corpus theologicum* acadêmico. O guia fundamental para a formação litúrgica seja aquele apresentado pelo Concílio Vaticano II, ou seja, que o estudo da Liturgia seja estimulado nos seminários e casas religiosas de formação, “[...] tanto sob o aspecto teológico e histórico, quanto espiritual, pastoral e jurídico.”<sup>259</sup>

A Igreja no Brasil através de suas diretrizes, colocou a Liturgia como disciplina curricular imprescindível da etapa dos estudos teológicos. Sempre cuidando com os exageros, teve o cuidado de explicitar quais as características que os presbíteros devem possuir, salientando além da necessidade da caridade pastoral, que sejam homens orientados pelo Espírito Santo e que “se nutram da Palavra de Deus, da Eucaristia e da oração [...]”<sup>260</sup>, entendendo a Liturgia como a grande fonte de tais características.

Deste modo, a Igreja pede que o ensino da Liturgia nos seminários seja com vistas ao trabalho pastoral, ou seja, que as reformas desejadas pelo Concílio Vaticano II sejam incluídas reta e plenamente, sob à luz da doutrina e da tradição, no processo formativo dos futuros presbíteros.<sup>261</sup>

<sup>258</sup> JOÃO PAULO II. **Angelus**. Vaticano, 1 jul. 1990. Não paginado. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/it/angelus/1990/documents/hf\\_jp-ii\\_ang\\_19900701.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/it/angelus/1990/documents/hf_jp-ii_ang_19900701.html)>. Acesso em: 3 jul. 2022.

<sup>259</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 2011, 42; SC 16.

<sup>260</sup> CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Diretrizes para a formação dos presbíteros da igreja no Brasil**. Brasília: CNBB, 2019 p. 50; Doc. 110,74a.

<sup>261</sup> SACRA CONGREGAZIONE PER L'EDUCAZIONE CATTOLICA. **Istruzione sulla formazione litúrgica nei seminário**. Vaticano, 1979. Não paginado. Disponível em: <

Que aqueles que almejam o sacerdócio tenham acesso às normas litúrgicas, para entenderem melhor a evolução dos estudos litúrgicos, e tenham condições de discernir melhor o que é imutável e que pode ser colocado sob a luz da criatividade.<sup>262</sup>

Em suma, a Liturgia se apresenta como um caminho seguro pois salienta a função própria do sacerdote, quando age *in persona Christi*, favorecendo a boa participação de todos os fiéis. Para este intento, é necessária uma formação litúrgica nos seminários que seja capaz de desenvolver o amor equilibrado pela Sagrada Liturgia, sem exageros e laxismos. Por isso, a formação integral dos seminaristas pode ser vista à luz da espiritualidade litúrgica.

### **3.2.3 Configurados a Cristo: as dimensões formativas à luz da espiritualidade litúrgica**

Na tentativa de explicitar de maneira mais acertada, a Igreja denominou cada etapa formativa segundo o fim que elas destinam. Sendo assim, a formação inicial consta de quatro partes “a propedêutica, a do discipulado, a da configuração e da síntese vocacional”<sup>263</sup>. A fase do discipulado corresponde à etapa dos estudos filosóficos, a configuração, aos estudos teológicos.<sup>264</sup> Portanto, inicialmente se entende o período da teologia com o objetivo específico de fomentar o processo de configuração.

Como já visto, a Liturgia ocupa um lugar importante no processo de formação presbiteral. De maneira mais específica, encontra-se a celebração eucarística como ação específica do sacerdócio ministerial, pois aí o presbítero exerce seu múnus de santificar recebido em sua ordenação. Por isso, a caminhada litúrgica dentro do seminário deve ser conduzida a fim de iluminar todas as dimensões formativas.

A atitude de configurar-se a Cristo está diretamente relacionada com a dinâmica do tornar-se discípulo. É um caminho constante que deve resultar em uma decisão definitiva de ser pastor.<sup>265</sup> Desta forma, “a formação se concentra sobre o configurar do seminarista a Cristo, Pastor

---

[https://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/ccatheduc/documents/rc\\_con\\_ccatheduc\\_doc\\_19790603\\_formazione-liturgica-seminari\\_it.html](https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccatheduc/documents/rc_con_ccatheduc_doc_19790603_formazione-liturgica-seminari_it.html)>. Acesso em: 3 jul. 2022.

<sup>262</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 2011, 43; SC 21.

<sup>263</sup> CNBB, 2019, p. 44; Doc. 110:61.

<sup>264</sup> Entendendo todo o processo como um caminho único em vista de uma formação integral, como base para esse ponto, usar-se-á a etapa da configuração como modelo.

<sup>265</sup> CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, 2017, p. 57; RFIS 62.

e Servo, para que, unido a Ele, possa fazer da própria vida um dom de si aos outros.”<sup>266</sup>

A arte de ser discípulo buscando a configuração com Cristo requer um

[...] processo educativo que conduz, de modo linear, à consecução da identidade da pessoa, através de um caminho tipicamente humano, não somente racional ou moralista-voluntarista, mas que consegue incluir também os sentimentos e as paixões, sua energia e vitalidade, em um esquema global de harmonia e de beleza, que abre progressivamente a pessoa à relação.<sup>267</sup>

Este processo situa-se em vista de um amadurecimento da pessoa que se sente vocacionada ao sacerdócio ministerial. Por isso, exige-se um aprofundamento na contemplação de Jesus Cristo, Homem e Deus, em sua relação com o Pai e com a Igreja. Esta contemplação servirá como coroação de uma relação íntima e pessoal, em vista de uma consciência mais bem orientada à identidade sacerdotal almejada.<sup>268</sup>

Esta etapa exige do candidato às ordens sagradas iniciativas concretas que revelem o desejo de assumirem o que foi citado acima. O seminarista na etapa configurativa

[...] expressa o seu verdadeiro compromisso de permanecer unido a Cristo: no seu modo de pensar, de sentir e de se posicionar diante do mundo e da história, testemunhando com seus gestos e atitudes que está fazendo de sua vida um dom de si mesmo por amor a Cristo e pela santificação do próximo.<sup>269</sup>

Exatamente por isso que é na etapa de configuração que a Sagrada Liturgia é aprofundada de maneira sistemática e orgânica. Pois, pela liturgia, vivida e estudada, é possível fazer a contemplação de Jesus que se manifesta como o Único e Eterno Sacerdote. Além de ser nesta etapa que os seminaristas recebem, dentro das possibilidades e do

---

<sup>266</sup> CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, 2017, p. 60; RFIS 68.

<sup>267</sup> CENCINI, Amedeo. **A arte de ser discípulo**: ascese e disciplina: itinerário de beleza. São Paulo: Paulinas, 2011. p. 49.

<sup>268</sup> CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, 2017, p. 60; RFIS 68.

<sup>269</sup> CNBB, 2019, p. 82; Doc. 110;147.

amadurecimento pessoal, os ministérios de Leitor e Acólitos, além da Admissão aos candidatos às Ordens Sacras.

Com estes ministérios, os seminaristas já começam a adentrar na esfera litúrgica de uma maneira diferente, tendo funções específicas. Que estas sejam fomentadas, tanto na pastoral quanto ao interno das casas de formação, com o objetivo de já ir imprimindo um carácter mais aprofundado do mistério de Cristo.

Neste seu itinerário formativo e litúrgico, o candidato vai assimilando o que futuramente exercerá ao presidir a Santa Eucaristia. Ele, pela força do Espírito, agirá *in persona Christi*, ou seja, assumirá definitivamente a cruz de Cristo, critério para o verdadeiro discípulo.<sup>270</sup> Na presidência, portanto, exercerá não somente o carácter do discípulo, mas manifestará a tantos quantos se dirigir o seu constante caminho de configuração a Cristo, que agora assume, pronunciando as palavras da consagração.

Conclui-se que, pela prática litúrgica o seminarista vislumbra todo o seu processo formativo. Assim, a contemplação de Jesus configura o seu ser e seu agir, ou seja, sua dimensão humana e afetiva. O exercício piedoso e fiel das rubricas litúrgicas manifesta o seu zelo espiritual e o desejo de favorecer o crescimento espiritual dos irmãos, sendo um forte indício de um amadurecimento pastoral. Por fim, seguindo diligentemente o mandato da Igreja, expressará um equilibrado conhecimento litúrgico, passando a ser um educador da fé dos fiéis a ele confiados.

### 3.3 *In persona Christi*, linha mestra para um itinerário

Até o presente momento explanou-se sobre o itinerário formativo na perspectiva da ação de Deus no homem, chamando-o e o acompanhando pela presença do Espírito Santo no discernimento vocacional e na direção espiritual. Este mesmo homem dá uma resposta total ao chamado de Deus e assume o caminho formativo em vista de uma radical adesão.

Por isso, submete-se a um processo formativo, um caminho que tem como objetivo a formação integral do homem sacerdote. Todas as dimensões formativas podem ser permeadas pela vida litúrgica dentro dos seminários. Nesse sentido, a Liturgia se torna um caminho seguro de configuração a Cristo Sacerdote.

---

<sup>270</sup> CNBB, 2019, p. 109; Doc. 110;205.

O que segue é a proposta deste trabalho, interpretar a processo formativo de configuração à luz do axioma inicialmente litúrgico, mas que toma um caráter até mesmo antropológico, em vista da manifestação do rosto de Cristo. Para este intento, é necessário que haja uma harmonia entre a vida espiritual e a liturgia e processo formativo. Esta harmonia há de ser percebida nas dimensões da formação quando regidas pelo axioma *in persona Christi*.

### 3.3.1 Uma harmonia: espiritualidade, liturgia e formação

A Eucaristia é a alma da Igreja, dado que elas são correlacionadas originariamente. Neste sentido, entende-se o que o último Concílio quis dizer afirmando que a liturgia é a súpula da fé da Igreja. Nela, todos os fiéis elevam um sacrifício de louvor e adoração a Deus<sup>271</sup> e renovam a aliança feita com Deus, em vista de uma assimilação a Cristo pelo seu Corpo, que é a Igreja.<sup>272</sup>

Sendo fonte da espiritualidade de todo o povo, a Eucaristia o é igualmente do sacerdote.<sup>273</sup> Neste aspecto aquilo que pode ser atribuído à Igreja em sentido *macro*, pode-se dizer dos sacerdotes em sentido *micro*. A liturgia é fonte da espiritualidade eclesial, sendo, então, fonte da espiritualidade presbiteral. A admiração eucarística, ou “enlevo”<sup>274</sup>, desejada pelo documento *Ecclesia de Eucharistia* aponta para uma relação íntima de Cristo com o seu povo,<sup>275</sup> visando a manifestação da sua permanência entre eles, de maneira especial na figura do presbítero.

A espiritualidade sacerdotal, portanto, visa à comunhão com Deus e com o povo que celebra. O sacerdote, entendendo-se como receptor da obra da salvação juntamente com toda a comunidade, é, em Cristo, o anfitrião da Eucaristia. Ele também celebra, e nessa esfera difere-se dos demais pela Sagrada Ordem. Por isso assume o caráter presidencial, celebrando em comunhão com todo o povo.

A tensão entre o “em e o diante” de sacerdote e comunidade é fundamental tanto para o serviço sacerdotal como para o “ser” comunidade da comunidade. Uma comunidade sem sacerdote é

<sup>271</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 2011, 6; SC 37.

<sup>272</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 2011, 10; SC 39.

<sup>273</sup> ENCÍCLICAS DE SÃO JOÃO PAULO II, 2019, p. 1277; EE, 31.

<sup>274</sup> ENCÍCLICAS DE SÃO JOÃO PAULO II, 2019, p. 1253; EE, 6.

<sup>275</sup> GIRAUDO, Cesare. **Admiração eucarística**: Para uma mistagogia da missa à luz da encíclica *Ecclesia de Eucharistia*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2008. p. 31.

uma contradição em si, uma celebração da eucaristia sem o serviço do sacerdote é uma impossibilidade.<sup>276</sup>

A vida espiritual do presbítero origina-se da Eucaristia e encontra nela sua expressão efetiva. O sacerdote agindo *in persona Christi* é capaz de gerar a comunhão, pois também age *in persona Ecclesiae*, apresentando a Deus as preces da comunidade reunida, da qual ele é a manifestação da Cabeça. Essa imagem é primariamente litúrgica, dado o lugar de sua execução, mas pode ser vista como antropológica, pois envolve o ser humano sacerdote, tanto o que preside quanto os demais celebrantes.

Fundamentalmente a espiritualidade do presbítero passa por uma forte experiência litúrgica. Não há como pensar em um padre que não tenha verdadeiro apreço pela Sagrada Liturgia, de modo que ela se torne a fonte primeira de sua espiritualidade. Para que esta realidade esteja enraizada na vida sacerdotal, é preciso que dentro do processo formativo sejam fomentados o zelo litúrgico e o amor pela Eucaristia, primariamente na celebração do Santo Sacrifício.

A liturgia e a oração são os elementos fundamentais para uma eficaz formação inicial e permanente nos seminários. Neste sentido

A oração cristã [...] nutrindo-se da Palavra de Deus, cria o espaço ideal para que cada um possa descobrir a verdade do ser e identidade do projeto de vida pessoal e irrepetível que o Pai lhe confia [...]. a Liturgia [...] constitui uma experiência viva do dom de Deus e uma grande escola para a resposta ao seu chamamento.<sup>277</sup>

Na participação na liturgia, principalmente na Eucaristia, tanto aqueles que estão em discernimento vocacional, quanto os que já estão no processo, mas também os sacerdotes já ordenados, encontram a Deus que chama a participar e a comungar do Mistério Pascal de Cristo. No caminho da obediência ao Pai e da escuta do chamado, é possível

---

<sup>276</sup> KASPER, Walter. **O sacramento da unidade**: Eucaristia e igreja. São Paulo: Loyola, 2006. p. 23.

<sup>277</sup> JOÃO PAULO II, 2009, 102-103; PDV, 38.

reconhecer o rosto da Igreja como povo de sacerdotes e um conjunto bem-organizado de carismas e de vocações.<sup>278</sup>

Diante disso, a formação presbiteral há de ser permeada por todos estes aspectos. Uma harmonia entre espiritualidade, liturgia e formação pode ser conduzida pelo entendimento da experiência do encontro com Jesus ao interno da Celebração Eucarística, revelando no agir do sacerdote presidente, a mão de Cristo em todo o seu Corpo reunido para o louvor e ação de graças.

### **3.3.2 Uma proposta: a formação à luz do axioma litúrgico *in persona Christi***

Observando um passado próximo, nota-se que há uma crise no processo formativo. Não somente por causa dos avanços midiáticos e tecnológicos, mas pelo distanciamento da origem sacerdotal, a Eucaristia. Muitos sacerdotes inseridos na vida paroquial se esgotam por causa do acúmulo de funções, exigindo deles exercer tarefas inicialmente secundárias. Sabe-se, contudo, que como responsável da comunidade paroquial precisa dar respostas às demandas. O problema aqui é o exagero desse serviço, impedindo o exercício daquilo que é específico do Presbítero.

Formar-se humanamente sob o prisma da ação *in persona Christi* significa entender-se como uma pessoa constitutivamente oblativa, ou seja, capaz de se entregar pelos outros. De maneira específica na Santa Missa, o presidente da celebração oferece, de suas mãos às mãos de Jesus, o sacrifício do povo e de si mesmo. O sacerdote age na pessoa de Cristo quando entende que a sua oferta corresponde à oferta do povo, gerando uma comunhão perfeita.

Bento XVI afirma que

A união com Cristo é, ao mesmo tempo, união com todos os outros aos quais Ele Se entrega. Eu não posso ter Cristo só para mim; posso pertencer-lhe somente unido a todos aqueles que se tornaram ou tornarão Seus. [...] Tornando-nos “um só corpo”, fundidos todos numa única existência. O amor a Deus e o amor ao próximo estão agora verdadeiramente juntos: o Deus encarnado atrai-nos todos a si.<sup>279</sup>

<sup>278</sup> JOÃO PAULO II, 2009, 103-104; PDV, 38.

<sup>279</sup> ENCÍCLICAS DE BENTO XVI, 2005-2013, 2022, p. 75; DCE, 14.

Esta doação de Cristo que atrai todos a si é o que caracteriza a Eucaristia. Portanto, o presidente tem a missão de favorecer para que aqueles que estejam celebrando se encontrem com Cristo, um encontro pessoal e comunitário.<sup>280</sup>

Na dimensão espiritual, o candidato às ordenações é chamado a agir *in persona Christi* quando deixa os seus próprios interesses assumindo a espiritualidade da Cruz. Olhando para Cristo crucificado e assumindo seu sentido espiritual, o seminarista passa a conferir um “[...] sentido absoluto sobre aspectos fundamentais da vida do presbítero, tais como serviço, obediência, doação, renúncia, disciplina e outros.”<sup>281</sup>

Destarte, a vida espiritual dos formandos é orientada para a cruz, pois carrega em si dimensões próprias que devem ser assumidas pelos presbíteros na sua dinâmica de pastoreio do povo.<sup>282</sup> Na sua formação espiritual, o seminarista há de ser um assíduo visitante das Sagradas Escrituras pelo exercício da *Lectio Divina*, além de rezar a Liturgia das Horas entendendo-a como uma escola de oração, e celebrar frequentemente o Sacramento da Penitência.<sup>283</sup>

A formação espiritual dos futuros sacerdotes deve introduzi-los e acompanhá-los a fim de que entendam sua missão em vista de seu ministério próprio, mas não exclusivo, do sacrifício eucarístico.<sup>284</sup> No seu entendimento como presidente e agente da caridade litúrgica, o seminarista se esforçará em celebrar a liturgia com o objetivo de fomentar a participação dos fiéis, aumentando a sua intimidade com Deus.<sup>285</sup>

Na formação inicial a dimensão intelectual possui papel de destaque. Com a iluminação do axioma, entende-se a intelectualidade como um serviço de anúncio de Jesus Cristo, além de favorecer um diálogo que seja profícuo com o mundo hodierno, sustentando a verdade de fé.<sup>286</sup>

Neste sentido, os candidatos ao sacerdócio, imbuídos de um desejo de configuração, e usando os estudos filosóficos e teológicos, serão testemunhas e incentivadores de um caminho de escuta, discernimento e interpretação dos sinais dos tempos. Sempre à luz da Palavra de Deus, serão capazes de agir na pessoa de Cristo, quando apresentarem a verdade

<sup>280</sup> CAMPOS, 2020, p. 40.

<sup>281</sup> CNBB, 2011, p. 165; Doc. 93,280.

<sup>282</sup> CNBB, 2019, p. 109; Doc. 110;205.

<sup>283</sup> CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, 2017, p. 81-83; RFIS 103-106.

<sup>284</sup> JOÃO PAULO II, 2009, 131; PDV, 48.

<sup>285</sup> JOÃO PAULO II, 2009, 133; PDV, 49.

<sup>286</sup> CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, 2017, p. 88; RFIS 116.

revelada como resposta plausível para as linguagens do tempo presente.<sup>287</sup>

Por fim, a dimensão pastoral pode ser interpretada, tendo como uma de suas fontes o axioma litúrgico, à luz da imagem de Cristo Pastor. Exemplo e fonte da caridade pastoral, o Bom Pastor é onde os candidatos ao sacerdócio irão buscar o seu modo de agir. Com este modelo, desenvolverão um grande amor por sua Igreja, universal e particular, favorecendo o bom exercício de sua missão.<sup>288</sup>

No que se refere à formação missionário-pastoral, há de se buscar uma comunicação entre todas as esferas pastorais com a dimensão litúrgico-prática. Sendo assim, os seminaristas terão contato com novos areópagos e deverão saber dialogar de maneira ímpar com

O mundo dos pobres, dos jovens, da cidade, da educação, da saúde, da justiça, do trabalho, do comércio, da polícia, das prisões, da política, das comunicações, da universidade, do turismo, dos católicos afastados [...] Por isso, o seminarista deve preparar-se para ser não apenas um pastor do rebanho [...], mas um evangelizador [...].<sup>289</sup>

Enfim, é possível impregnar as dimensões formativas com a luz da ação sacerdotal *in persona Christi*, pois está no âmbito da totalidade do ser humano que é formado. A expressão litúrgica manifesta este ser humano que se comunica a partir de sua totalidade. Na ação litúrgica, especialmente a eucarística, toda a comunidade reunida eleva o seu ser mais total em direção a Deus. A missão de entregar essas orações é do sacerdote que preside a assembleia, por isso sua ação na pessoa de Cristo Cabeça deve ser fruto de sua entrega também total.

### 3.3.3 Um caminho: revelar o rosto de Cristo Sacerdote

O visto até aqui explicitou como o axioma litúrgico *in persona Christi* pode iluminar as dimensões formativas. No entanto, tudo isso está direcionado para um mesmo objetivo que é a manifestação de Cristo

---

<sup>287</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, Vaticano. Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* sobre a Igreja no mundo de hoje. In: COSTA, Lourenço (Org.). **Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965)**. São Paulo: Paulus, 2011. p. 539-661. p. cit. 593; GS, 44.

<sup>288</sup> CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, 2017, p. 93; RFIS 124.

<sup>289</sup> CNBB, 2019, p. 122; Doc. 110;229.

Sacerdote, a revelação de seu rosto. Essa manifestação acontece quando o seminarista bem formado chega próximo das ordenações e, após ordenado, continua seu processo de formação permanente.

É visível a necessidade de um reordenamento do processo formativo. É preciso fazer uma atualização da própria ideia de formação.<sup>290</sup> A vida nos seminários precisa ser entendida na sua totalidade, levando em conta as dimensões formativas, mas transcendendo-as. Para tanto, é importante que a vida litúrgica, com as suas expressões fixas e móveis, seja o que sustenta e dinamiza a vida interna das casas de formação.

Nesta perspectiva entra a imagem da formação permanente. Esta ideia é fundamental para o processo formativo, dado que serve para que o dom recebido não seja descuidado ou esquecido, mas que seja direcionado para a salvação de todos.<sup>291</sup> O sacerdote por sua ordenação, é marcado indelevelmente

[...] como ministro de Jesus e da Igreja, é inserido numa condição permanente e irreversível de vida, e é encarregado dum ministério pastoral que, radicado no ser, compromete toda a sua existência e é também ele permanente.<sup>292</sup>

A formação permanente é um desejo que deve brotar de próprio sacerdote, pois entende-se sempre necessitado da graça de Deus que age nele. Pela vida litúrgica, o presbítero comunga de maneira única na vida de Cristo, recebendo a graça como que de uma fonte límpida. A alma e a forma da formação permanente é o crescimento na caridade pastoral<sup>293</sup>, cuja fonte é a Eucaristia.

A formação permanente recebe uma missão fulcral que é a de revelar a imagem de Igreja enquanto comunhão. O sacerdote, enquanto presidente da mesa eucarística, favorece a participação da comunidade, sendo ele, pela ação do Espírito Santo, o promotor da unidade. O sacerdote não está unicamente à frente da Igreja, mas está primariamente na Igreja, como membro desta assembleia.<sup>294</sup>

---

<sup>290</sup> CENCINI, Amedeo. **O respiro da vida**: a graça da formação permanente. São Paulo: Paulinas, 2004. p. 21.

<sup>291</sup> 1Tm 4, 14-16.

<sup>292</sup> JOÃO PAULO II, 2009, 182; PDV, 70.

<sup>293</sup> JOÃO PAULO II, 2009, 185; PDV, 70.

<sup>294</sup> JOÃO PAULO II, 2009, 195; PDV, 74.

A grande chamada de atenção do atual Magistério é para que a Igreja seja cada vez mais peregrina. O Documento de Aparecida recordou que a Igreja está “em um estado permanente de missão”<sup>295</sup> A pessoa do sacerdote recebe um chamado especial diante disso, sendo ele o curador de uma porção do povo de Deus, precisa manifestar, pela sua vida, o ser missionário da Igreja. Isso será possível a partir do momento em que houver uma formação permanente que favoreça a revelação do rosto de Cristo.

Agir *in persona Christi* pode ser um caminho para a superação do clericalismo e do carreirismo. O Papa Francisco tem sido enfático quando afirma serem estes os grandes pecados existentes no clero atual. Por este motivo, o Papa salienta que os bispos e os presbíteros devem reorientar sua vida fundando-se no sentido originário de seu ministério, estar a serviço do povo de Deus.<sup>296</sup>

Neste sentido

[...] il papa raccomandava ai Vescovi che tale essere in mezzo e dietro al gregge avesse come primi destinatari i presbiteri: un evidente richiamo a stabilire relazioni umane autentiche e a tradurle concretamente in un ascolto sinodale.<sup>297</sup>

Destarte, o caminho da formação permanente precisa ser incentivado no processo formativo, principalmente por causa de seu teor discipular. Esse caminho é ladeado pela leitura e meditação da Sagrada Escritura, da celebração consciente da Sagrada Eucaristia, da busca de estudos e da reflexão pastoral.<sup>298</sup> Ainda, na linha do que afirmou Papa Francisco, é preciso entender a formação permanente como uma capacitação para os novos desafios experimentados nos dias hodiernos.<sup>299</sup>

Enfim, o presbítero como discípulo missionário é reflexo de Jesus, o missionário do Pai. Agindo na pessoa de Cristo, o sacerdote encontra a fonte de sua espiritualidade que se manifesta na misericórdia e

---

<sup>295</sup> CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE, V, 2007, p. 245; DAp. 551.

<sup>296</sup> BRANCOZZI, Enrico. **Rifare i preti**: Come ripensare i seminari. Bologna: EDB, 2021. p. 148.

<sup>297</sup> BRANCOZZI, 2021, p. 148.

<sup>298</sup> CNBB, 2019, p. 215; Doc. 110;357.

<sup>299</sup> CNBB, 2019, p. 215; Doc. 110;355.

compaixão, na sua proximidade com o povo, enfim na prática da caridade pastoral.<sup>300</sup>

---

<sup>300</sup> CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE, V, 2007, p. 98; DAp. 198.

## CONCLUSÃO

Atualmente a formação inicial possui inúmeros desafios, tanto morais, intelectuais quanto espirituais. Esta pesquisa quis se centrar nas dimensões formativas à luz do axioma litúrgico *in persona Christi*, e como ele pode ser visto como uma linha mestra para conduzir o processo formativo dos novos presbíteros.

Para tal intento, procurou-se responder ao problema inicial da pesquisa, *como o axioma litúrgico in persona Christi pode ser entendido e aplicado como um itinerário para a formação dos novos presbíteros?* Assim sendo, desenvolveu-se a pesquisa a fim de responder ao objetivo geral de fundamentar a formação presbiteral, à luz do referido axioma, como um caminho de configuração a Jesus Sacerdote, dando centralidade aos sacramentos da Eucaristia e da Ordem.

Desta forma, o objetivo geral foi dividido em três objetivos específicos que correspondem aos três capítulos dessa pesquisa. Respondendo ao primeiro objetivo específico, relacionando Eucaristia e Sacerdócio segundo o ensinamento da Igreja entendendo-os como dependentes desde sua origem. Estudou-se a perspectiva eclesial de Eucaristia no Novo Testamento, no Concílio de Trento, no Concílio Vaticano II, Magistério atual e nos documentos próprios para a formação presbiteral.

Jesus ao instituir a Eucaristia quis que fosse o sacramento de amor aos seus, um sinal de que estaria presente para sempre, todas as vezes que se fizesse memória daquela ceia derradeira. Na perspectiva do Concílio de Trento, a Eucaristia surge como um sinal da passagem do sacerdócio levítico e incompleto, para o sacerdócio de Cristo, perfeito e eterno, do qual todos os sacerdotes participam.

O Concílio Vaticano II apresenta a Eucaristia como o sacramento da unidade, no qual todos os batizados participam concretamente do Mistério Pascal de Jesus. Os Papas posteriores ao Concílio lembraram que a Eucaristia é a vida da Igreja, é o sacramento da caridade e o gesto que revela a maior proximidade de Jesus com os seus. Igualmente os documentos direcionados à formação apontam que a Eucaristia é o gesto sacerdotal de Jesus por excelência, pois manifesta o seu sacerdócio, o seu oferecimento e a sua oblação total.

Após, salientou-se o vínculo e a dependência da Eucaristia e da Ordem desde a origem, ressaltando que ao se fazer memória da instituição da Eucaristia, faz-se também da inauguração do sacerdócio em Cristo. Desta forma, o sacerdote se oferece a si mesmo por uma entrega singular quando vive a caridade pastoral, cuja fonte é a Eucaristia. Como exemplo

prático de caridade pastoral, viu-se São João Maria Vianney, padroeiro de todos os sacerdotes, ressaltando a centralidade da Eucaristia na vida presbiteral. Sublinhou-se ainda a importância que a Eucaristia, principalmente a Santa Missa, tinha um espaço determinante na vida deste pobre padre.

Em um terceiro momento conceituou-se a identidade sacerdotal, a partir da caridade pastoral. O objetivo desta caridade é entrar em comunhão com Deus através do bom exercício do ministério ordenado. Para isso, o presbítero precisa se associar a Cristo Cabeça da Igreja e fonte de seu sacerdócio. Na busca por identificarem-se como homem configurado a Cristo, o presbítero assume o mesmo objetivo dele, ou seja, salvar por amor. A fonte de interpretação dessa identidade sacerdotal está contida no Rito de Ordenação, quando se salienta a missão primordial dos presbíteros de serem cooperadores.

O segundo capítulo, correspondendo ao segundo objetivo específico, procurou conceituar o axioma *in persona Christi*, inserindo-o na visão integral da Igreja. No Magistério anterior ao Concílio Vaticano II não há muitas conceituações sobre o axioma, mas encontra-se o fundamento da espiritualidade que está por trás do ensinamento da Igreja, que é o de centrar no papel de presidente da celebração na imagem de Cristo Cabeça. Já nas reflexões conciliares do Vaticano II, viu-se a preocupação por enaltecer a existência de um sacerdócio que não é o ordenado, mas que lhe é constituinte, o sacerdócio comum dos fiéis. A fonte é a mesma, Jesus Cristo, porém o agir se difere. Todos celebram, porém um só é o que preside.

Em sequência, viu-se o desenvolvimento do axioma a partir da ação litúrgica, ou seja, o modo de celebrar. Em se tratando de um axioma litúrgico, fundamentou-se esta ação nos ditames do axioma *in persona Christi* em um tríptico agir, *ars celebrandi*, *ars praesidendi* e *ars vivendi* como característica desta ação presidencial. A arte de celebrar é um chamado para uma consciência celebrativa, ou seja, todos os que celebram precisam saber o que estão celebrando e o que é específico para cada modo de celebrar.

Neste sentido, o presidente da celebração é chamado a celebrar de modo a revelar o verdadeiro presidente, que é Cristo. A arte de presidir se faz quando o presidente favorece o bom exercício do sacerdócio comum dos fiéis. Como consequência destas atitudes, o presbítero assume o caráter presidencial na sua vida, ou seja, passa a se entender como responsável pela vida espiritual daquela parcela do povo a ele confiada. Assume como *ars vivendi* a caridade pastoral também no testemunho autêntico de uma vida doada.

Ainda no segundo capítulo, viu-se como é possível agir de modo coerente com Cristo Sacerdote usando-se daquele axioma litúrgico. O presbítero, como foi visto, assume os mesmos sentimentos de Cristo, por isso age em seu nome graças ao Sacramento da Ordem. Como discípulo de Cristo, é chamado a desenvolver um amor paternal, capaz de se sensibilizar por suas ovelhas. E é nesta atitude que o presbítero encontra verdadeira alegria missionária, pois cumpre o mandato do Deus que o chamou, respondendo alegremente e servindo o povo.

Apresentou-se, em um passo seguinte, que a fonte de tudo isso é a Eucaristia. Ela é o *Sacramentum Caritatis* e deve assumir a súpula da vida caritativa presbiteral. Por esta atitude, o sacerdote trás a presença de Cristo, sendo o elo entre o que é terreno e o que é celeste, de modo bastante visível na sagrada liturgia. Nela o sacerdote presidente fomenta a unidade quando favorece a participação ativa dos fiéis. O presidente age *in persona Christi*, mas também *in nomine Ecclesiae*, ou seja, eleva a Deus as orações da comunidade reunida.

Para finalizar, a fim de responder o terceiro objetivo específico, a saber, apresentar o axioma litúrgico *in persona Christi* como uma linha mestra para a formação dos novos presbíteros, o último capítulo foi dividido em três partes. A primeira delas centrada na pessoa do sacerdote, ou seja, entendendo a formação como um processo que parte de dentro da pessoa. Tendo consciência disso e visando a integralidade da formação, a Igreja apresenta um caminho de discernimento, ou seja, de encontro com Cristo. Imagem com a qual o seminarista buscará se configurar a fim de agir, não somente nas diferentes liturgias, na pessoa de Cristo.

Feito o discernimento, o candidato é convidado a fazer um acompanhamento para a amadurecer a sua decisão. A direção espiritual é uma proposta a fim de que os seminaristas sejam conhecedores de si mesmos, suas condições e inclinações, e incluí-las em seu projeto pessoal de vida. Além disso, o acompanhamento espiritual precisa favorecer o crescimento espiritual do candidato, colocando-o sempre diante do Senhor a quem responde. Por fim, após o período de discernimento e tendo presente a direção espiritual, o candidato tem condições de responder com verdade e totalidade ao chamado de Deus.

Na segunda parte do capítulo, viu-se o processo formativo como uma busca de configuração a Cristo. Este itinerário possui dimensões específicas, a saber, humana, espiritual, intelectual e pastoral sempre visando a totalidade da formação. Cada uma delas possui idiosincrasias a fim de assomar as características pessoais e as iluminar pelo Evangelho. Na caminhada seminarística, contudo, pode-se encontrar um caminho seguro para a suficiente conformação de todas as dimensões formativas,

a Liturgia. Pelo estudo frequente da Sagrada Liturgia, os seminaristas conseguirão contemplar Jesus que se manifesta no tempo e na história como Único e Eterno Sacerdote, chamando-os para o discipulado.

Por fim, na terceira parte, debruçou-se naquilo que é a proposta deste trabalho, ver no axioma litúrgico *in persona Christi* elementos concretos para uma formação integral dos novos presbíteros. Para tanto é necessário haver uma harmonia entre liturgia e formação. A liturgia é a fonte da espiritualidade presbiteral, por isso, há de ser também nos seminários. Neste sentido, iluminam-se as dimensões formativas a partir do axioma referido anteriormente. Deste modo, crescendo em totalidade, o seminarista passa a entender a presidência eucarística como uma responsabilidade que lhe será confiada para o serviço das pessoas.

Agir *in persona Christi* fora da liturgia também é próprio do sacerdote. Assim como nas celebrações o presbítero é o grande responsável pela condução e oração dos fiéis, na sua vida deve ser também modelo para suas ovelhas. Agindo assim, revelará o rosto de Cristo Sacerdote que age nas mais diversas situações da vida humana. Aquele axioma litúrgico aparentemente limitado ao âmbito litúrgico, poder-se-á tornar vida no processo formativo dos novos presbíteros.

A pesquisa sobre este assunto ainda é muito recente e poucas são as obras que trazem esta relação. Por isso, o espaço para estudo ainda é bastante amplo. Pode-se pensar para novas pesquisas a possibilidade deste axioma ser entendido na sua relação com as Sagradas Escrituras, ou ainda, como a formação presbiteral pode cada vez mais ser centrada no mistério eucarístico. Enfim, há um cabedal de conteúdos sobre a formação e o ministério ordenado que ainda não foram abordados e que seriam de fulcral importância para a nova geração de formadores e seminaristas.

## REFERÊNCIAS

ALDAZÁBAL, José. **Vocabulário básico de Liturgia**. São Paulo: Paulinas, 2013.

ARINZE, Francis. **Reflexões sobre o sacerdócio: carta a um jovem padre**. São Paulo: Paulus, 2009.

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DO SÍNODO DOS BISPOS, XV, 2017, Vaticano. **Os jovens, a fé e o discernimento vocacional**: Documento preparatório. Vaticano: 2017. Não paginado. Disponível em: <[https://www.vatican.va/roman\\_curia/synod/documents/rc\\_synod\\_doc\\_20170113\\_documento-preparatorio-xv\\_po.html#2.\\_O\\_dom\\_do\\_discernimento](https://www.vatican.va/roman_curia/synod/documents/rc_synod_doc_20170113_documento-preparatorio-xv_po.html#2._O_dom_do_discernimento)>. Acesso em: 01 junho 2022.

AUGUSTIN, George. **Colaboradores da vossa alegria: o ministério sacerdotal hoje**. Petrópolis: Vozes, 2018.

BARRY, William; CONNOLLY, William. **A prática da direção espiritual**. São Paulo: Loyola, 1987.

BENTO XVI. **Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Sacramentum caritatis***. São Paulo: Paulinas, 2007. p. 3; SCar 1.

BENTO XVI. **Discurso durante o encontro com os sacerdotes da Diocese de Albano (Itália)**. Castel Gandolfo, 31 ago. 2006. Não paginado. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2006/august/documents/hf\\_ben-xvi\\_spe\\_20060831\\_sacerdoti-albano.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2006/august/documents/hf_ben-xvi_spe_20060831_sacerdoti-albano.html)>. Acesso em: 26 abril 2022.

BIANCHI, Enzo. **Presbíteros: palavra e liturgia**. São Paulo: Paulus, 2010.

BÍBLIA de Jerusalém. 8. ed. São Paulo: Paulus, 2012; Jo 6, 35b;51.

BOROBIO Dionisio. **A celebração na liturgia 1: Liturgia e sacramentologia fundamental**. São Paulo: Loyola, 1990.

BOSELLI, Goffredo. **O sentido espiritual da liturgia**. Brasília: CNBB, 2014.

BRANCOZZI, Enrico. **Rifare i preti**: Come ripensare i seminari. Bologna: EDB, 2021.

CAMPOS, José F. **Ministério da presidência**: A arte de presidir a eucaristia. São Paulo: Paulus, 2020.

CARTA APOSTÓLICA *DOMINICAE CENAE*, In: LELO, Antonio Francisco (org.). **Eucaristia**: teologia e celebração: documentos pontifícios, ecumênicos e da CNBB (1963-2005). São Paulo: Paulus, 2006. p. 58-85.

CARVALHO, Humberto R. de; LORENZ, Fernando. **Espiritualidade do padre diocesano**. São Paulo: Paulus, 2017.

CATTANEO, Enrico. **O sacramento da Ordem**. São Paulo: Loyola, 2008.

CATECISMO da Igreja Católica. São Paulo: Loyola, 2017.

CENCINI, Amedeo. **A arte de ser discípulo**: ascese e disciplina: itinerário de beleza. São Paulo: Paulinas, 2011.

\_\_\_\_\_. **A árvore da vida**: proposta de formação inicial e permanente. São Paulo: Paulinas, 2007.

\_\_\_\_\_. **Construir cultura vocacional**. São Paulo: Paulinas, 2013.

\_\_\_\_\_. **O respiro da vida**: a graça da formação permanente. São Paulo: Paulinas, 2004.

\_\_\_\_\_. **Os passos do discernimento**. São Paulo: Paulinas, 2022.

CÓDIGO de Direito Canônico. São Paulo: Loyola, 2017.

COMMISSIONE TEOLOGICA INTERNAZIONALE. **Documenti 1969-2004**. Bologna: Studio Domenicano, 2004.

CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, Vaticano. Constituição Dogmática *Lumen Gentium*. In: COSTA, Lourenço (Org.). **Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965)**. São Paulo: Paulus, 2011. p. 101-197.

\_\_\_\_\_. Constituição *Sacrosanctum Concilium*. In: COSTA, Lourenço (Org.). **Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965)**. São Paulo: Paulus, 2011. p. 31-86.

\_\_\_\_\_. Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* sobre a Igreja no mundo de hoje. In: COSTA, Lourenço (Org.). **Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965)**. São Paulo: Paulus, 2011. p. 539-661.

\_\_\_\_\_. Decreto *Optatam totius*. In: COSTA, Lourenço (Org.). **Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965)**. São Paulo: Paulus, 2011. p. 297-319.

\_\_\_\_\_. Decreto *Presbyterorum Ordinis*. In: COSTA, Lourenço (Org.). **Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965)**. São Paulo: Paulus, 2011. p. 491-538.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Diretrizes para a formação dos presbíteros da igreja no Brasil**. Brasília: CNBB, 2019.

\_\_\_\_\_. **Diretrizes para a formação dos presbíteros da igreja no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2011.

CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE, V, 2007, Aparecida. **Documento de Aparecida**: texto conclusivo. Brasília: CNBB.

CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. **Diretório para o ministério e a vida do presbítero**. Petrópolis: Vozes, 1994.

\_\_\_\_\_. **O dom da vocação Presbiteral *Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis***. Brasília: CNBB, 2017.

CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. **Missal Romano**. 2. ed. São Paulo: Paulinas; Vozes, 1992.

CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO. **Pontifical Romano**. São Paulo: Paulus, 2000.

COZZENS, Donald. **A espiritualidade do padre diocesano**. São Paulo: Loyola, 2008.

\_\_\_\_\_. **A face mutante do sacerdócio**: reflexão sobre a crise da alma do sacerdote. São Paulo: Loyola, 2001.

DOCUMENTOS DE PIO XII, 1939-1958, Vaticano. Carta Encíclica *Mediator Dei*. **Documentos de Pio XII (1939-1958)**. São Paulo: Paulus, 1998. p. 288-370.

DENZINGER, Heinrich. **Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral**. São Paulo: Paulinas; Loyola, 2007.

ENCÍCLICAS DE BENTO XVI, 2005-2013, Vaticano. Carta Encíclica *Deus caritas est*. In: ASSUNÇÃO, Rudy A. de (Org.). **Encíclicas de Bento XVI (2005-2013)**. São Paulo: Paulus, 2021. p. 58-107.

ENCÍCLICAS DE SÃO JOÃO PAULO II, 1978-1995, Vaticano. Carta Encíclica *Ecclesia de Eucharistia*. In: COSTA, Lourenço (Org.). **Encíclicas de São João Paulo II (1978-1995)**. São Paulo: Paulus, 2019. p. 1249- 1305.

FRANCISCO. **A Santa Missa**. São Paulo: Paulus, 2018.

\_\_\_\_\_. **Exortação Apostólica *Gaudete et Exsultate***. São Paulo: Paulus, 2018.

\_\_\_\_\_. **Angelus**. Praça São Pedro, 06 jun. 2021. Não paginado. Disponível em: <<https://bityli.com/XRPhT>>. Acesso em: 02 março 2022.

\_\_\_\_\_. **Homilia do Papa Francisco**. Vaticano, 17 abril 2014. Não paginado. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2014/documents/papa-francesco\\_20140417\\_omelia-crisma.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2014/documents/papa-francesco_20140417_omelia-crisma.html)>. Acesso em: 29 abril 2022.

\_\_\_\_\_. **Homilia do santo padre**. Óstia, 03 jun. 2018. Não paginado. Disponível em: <<https://bityli.com/lqCeN>> Acesso em: 02 março 2022.

\_\_\_\_\_. **Homilia do Santo Padre Francisco**. Vaticano, 28 março 2013. Não paginado. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2013/documents/papa-francesco\\_20130328\\_messa-crismale.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2013/documents/papa-francesco_20130328_messa-crismale.html)> Acesso em: 29 abril 2022.

FUMAGALLI, Aristide. **Teologia del discernimento**: Fondamenti e configurazioni. Milão: Ancora, 2017.

GIRAUDO, Cesare. **Admiração eucarística**: Para uma mistagogia da missa à luz da encíclica *Ecclesia de Eucharistia*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2008.

\_\_\_\_\_. In persona Christi – In persona Ecclesiae *Fórmulas eucarísticas à luz da lex orandi*. **Perspectiva Teológica**. [S. I.]. v. 42. n. 117. p. 187-203, 2010. <Disponível em: <https://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/view/859>>. Acesso em: 6 set. 2022.

GOEDERT, Valter M. **Eucaristia**: pão para a vida do mundo. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2004.

GOPEGUI, Juan A. R. de. **Eukharistia**: verdade e caminho da Igreja. São Paulo: Loyola, 2008.

JOÃO PAULO II. **Angelus**. Vaticano, 1 jul. 1990. Não paginado. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/it/angelus/1990/documents/hf\\_jp-ii\\_ang\\_19900701.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/it/angelus/1990/documents/hf_jp-ii_ang_19900701.html)>. Acesso em: 3 jul. 2022.

\_\_\_\_\_. **A todos os Sacerdotes da Igreja**: por ocasião da Quinta-feira Santa de 1986. São Paulo: Paulinas, 1986.

\_\_\_\_\_. **Carta a todos os sacerdotes da igreja, por ocasião da Quinta-feira Santa de 1986**. São Paulo: Paulinas, 1986.

\_\_\_\_\_. **Carta aos sacerdotes por ocasião da Quinta-Feira Santa de 1991**. Vaticano, 10 mar. 1991. Não paginado. Disponível em: <<https://www.vatican.va/content/john-paul->

ii/it/letters/1991/documents/hf\_jp-ii\_let\_19910310\_letter-to-priests.html>. Acesso em: 28 abril 2022.

\_\_\_\_\_. **Carta *Dominicae Cena***. Vaticano: 1980. Não paginado; DC 2. Disponível em: <encurtador.com.br/dewQ4>. Acesso em: 02 mar. 2022.

\_\_\_\_\_. **Carta do papa João Paulo II aos sacerdotes por ocasião da quinta-feira santa de 1995**. Vaticano, 25 mar. 1995. Não paginado. Disponível em: <encurtador.com.br/sKX59>. Acesso em: 21 mar. 2022.

\_\_\_\_\_. **Discurso do papa João Paulo II aos párocos e ao clero de Roma**. Roma, 02 mar. 1979. Não paginado. Disponível em: <encurtador.com.br/stBM6>. Acesso em: 12 mar. 2022.

\_\_\_\_\_. **Exortação apostólica pós-sinodal *Pastores dabo vobis***. São Paulo: Paulinas, 2009.

\_\_\_\_\_. **Sacerdócio e eucaristia: mensagens doutrinárias de João Paulo II**. Petrópolis: Vozes, 1993.

JUSTINO DE ROMA. **I e II Apologias e Diálogo com Trifão**. São Paulo: Paulus, 1995.

KASPER, Walter. **O sacramento da unidade: Eucaristia e igreja**. São Paulo: Loyola, 2006.

\_\_\_\_\_. **Servidores da alegria: existência sacerdotal, serviço sacerdotal**. São Paulo: Loyola, 2008.

MARINI, Piero. **Presidir a celebração da Eucaristia: ars celebrandi**. Brasília: CNBB, 2018.

NICOLAS, Maria J. **Ser padre, dom e mistério**. São Paulo: Paulinas, 1989.

NORIEGA, Roberto. **Ministério sacerdotal: A responsabilidade ética na arte de servir**. Petrópolis: Vozes, 2020.

ORIOLO, Edson. **Ser Sacerdote**. São Paulo: Paulus, 2019.

POLLIANI, Francesco. **I Ministeri nella Chiesa**: Il sacramento dell'Ordine. Beau Bassin: Sant'Antonio, 2018.

SACRA CONGREGAZIONE PER L'EDUCAZIONE CATTOLICA. **Istruzione sulla formazione liturgica nei seminário**. Vaticano, 1979. Não paginado. Disponível em: <[https://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/ccatheduc/document/s/rc\\_con\\_ccatheduc\\_doc\\_19790603\\_formazione-liturgica-seminari\\_it.html](https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccatheduc/document/s/rc_con_ccatheduc_doc_19790603_formazione-liturgica-seminari_it.html)>. Acesso em: 3 jul. 2022.

SÁ, Nilson L. de. **O sacerdócio**: mistério de fé. São José dos Campos: ComDeus, 2018.

SCIADINI, Patrício. **A pedagogia da direção espiritual**. São Paulo: Loyola, 2006.

TOMÁS DE AQUINO. Suma Teológica: terceira parte. Vol. IX. São Paulo: Loyola, 2006.

URIARTE, Juan M. **A Espiritualidade do Ministro Presbiteral**. São Paulo: Loyola, 2000.

VAGAGGINI, Cipriano. **O sentido teológico da liturgia**. São Paulo: Loyola, 2009.

VIANNEY, João B. M. **Sermões do Primeiro Domingo do Advento à Sexta-feira Santa**. São Paulo: Paulus, 2020.

\_\_\_\_\_. **Sermões do Domingo de Quasímodo ao XI Domingo de Pentecostes**. São Paulo: Paulus, 2021.

